

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

INSTITUTO DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA



**Bernardino García e Descendentes Charrua no Uruguai contemporâneo: Uma
etnografia sobre configurações de memória e identidades ameríndias em
Tacuarembó**

Dissertação

Débora da Costa Cadaval

Pelotas, 2013.

Dissertação

Bernardino García e Descendentes Charrua no Uruguai contemporâneo: Uma etnografia sobre configurações de memória e identidades ameríndias em Tacuarembó

Trabalho acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa

Pelotas, 2013

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Otávio Catafesto de Souza

Prof. Dr. Jean Tiago Baptista

Prof. Dr. Fernando da Silva Camargo

Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa (Orientador)

AGRADECIMENTOS

Ainda que escrever um trabalho de dissertação exija um esforço individual nunca é um trabalho solitário. Embora eu não possa aqui agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente, gostaria de lembrar que este trabalho jamais teria se tornado realidade sem o apoio de todos.

Em primeiro lugar é preciso dizer que devo, em grande medida, a conclusão deste trabalho ao apoio carinhoso do meu companheiro Valério Nunes.

Ao Rogério meu orientador, que me ensinou os primeiros passos na antropologia, agradece imensamente por acreditar nesse projeto e incentiva-lo a acontecer mesmo quando tudo parecia muito difícil, por sua profunda sensibilidade e compreensão além de sua imensa capacidade em organizar minhas ideias muitas vezes tão confusas.

A minha mãe Iara por acreditar que esta aventura etnográfica seria possível mesmo diante de tantas dificuldades. A Melissa e ao Zellig por emprestarem a casa deles durante tanto tempo, valeu pela ‘mesinha da sala’.

Agradeço a minha filha Maria Carolina parceira de todas as horas pela compreensão e por suportar surpreendentemente tamanha distancia.

A Bernardino García por sua coragem e bravura contagiante. A toda sua família que recebeu a mim e ao meu trabalho com muito carinho e com a esperança de tempos melhores. Ao Cubano e ao Roberto pela paciência em responder todas as minhas questões, e pelas caronas e passeios de moto que ambos me proporcionaram.

Aos uruguaios pelo excelente tratamento que tiveram com a “muchacha brasileña”, e em especial aos tacuarembense por toda sua disponibilidade e atenção.

Agradeço a CAPES pela bolsa de mestrado, concedida nestes dois anos, e sem a qual não poderia ter me aventurado nas ‘bandas’ do Uruguai e da cidade de Pelotas.

*Dedico esta dissertação a todos os
Povos Originários e sua luta pelo
direito de existirem.*

*Quem tem consciência pra se ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa contra a mola que resiste*

João Apolinário

RESUMO

CADAVAL, Débora da Costa. Bernardino García e Descendentes Charrua no Uruguai contemporâneo: Uma etnografia sobre configurações de memória e identidades ameríndias em Tacuarembó Trabalho de conclusão de curso (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2013.

Esta dissertação de mestrado é o resultado de uma pesquisa etnográfica a respeito da luta política e simbólica em torno do reconhecimento à identidade e aos saberes tradicionais por parte de indivíduos que se reconhecem como descendentes Charrua no Uruguai. Entendo que o surgimento de uma demanda de reconhecimento étnico desses descendentes charrua possibilita pensar o conceito de Etnogêneses, que segundo Dominique Gallois explica o “ressurgimento de grupos étnicos considerados extintos, totalmente ‘miscigenados’ ou ‘definitivamente aculturados’ e que, de repente, reaparecem no cenário social, demandando seu reconhecimento e lutando pela obtenção de direitos ou recursos para sua sobrevivência” (GALLOIS, 1994). Sendo assim, entendemos que esse processo de reconhecimento dos descendentes charrua por parte da sociedade nacional Uruguiaia resulta de uma releitura realizada por tais indivíduos em busca de suas raízes étnicas.

Palavras-chave: memória – identidade – Charrua

ABSTRACT

CADAVAL, Débora da Costa. Bernardino García and Charrua's People in Uruguay: an ethnography on configurations of memories and identities un amerindian Tacuarembó (dissertation). Graduate Program in Sociology (PPGS). Federal University of Pelotas (UFPel), 2013.

This master degree dissertation is the result of an ethnographic research about the political and symbolical struggle around the identity and traditional knowledge of individuals who recognize themselves as part of the Charrua people in Uruguay. I understand that the emergence of a demand for ethnic recognition of these Charrua's descendants allows us to consider the concept of Etnogêneses, which according to Dominique Gallois explains the "resurgence of ethnic groups that was considered extinct, totally 'mongrels' or 'definitely acculturated' and then suddenly reappear on the social scenario, demanding and fighting for recognition of rights in order to obtaining resources for their survival "(GALLOIS, 1994). Therefore, I understand that this process of recognition of the Charrua's descendants by the Uruguayan society results in a rereading held by such individuals in the search of their ethnic roots.

Key words: Memory - Identity – Charruas

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADENCH – Associação de Descendentes Charrua

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CONACHA – Conselho da Nação Charrua

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

NETA – Núcleo de etnologia ameríndia

PPGS – Programa de Pós Graduação em Sociologia

OIT – Organização Internacional do Trabalho

INE – Instituto Nacional Estatística

ROU- República Oriental do Uruguai

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – UMA HISTORIA DO URUGUAI	21
1.1 A Formação do Estado uruguaio	22
1.2 O início do Estado Oriental Uruguaio	27
1.3 A Fundação da Cidade e Departamento de Tacuarembó	31
CAPÍTULO 2 – UMA TACUAREMBÓ CHARRUA	38
2.1 A chegada em Tacuarembó	38
2.2 La Fiesta de la Patria Gaucha en Tacuarembó	43
2.3 A Participação do Charrua Bernardino García em La Fiesta de la Patria Gaucha	47
2.4 Uma Apresentação das Parentelas García	50
2.4.1 A Descendência de Avelino Lino García Pelo Filho Bernardino García	55
CAPÍTULO 3 – AS ASSOCIAÇÕES CHARRUA URUGUAIA	61
3.1 O Protagonismo do Charrua Bernardino García e do Historiador Eduardo F. Acosta Y Lara	61
3.2 A Contemporaneidade das Associações Charrua	65
3.3 O Evento das Associações Charrua no Uruguai e seus Preceitos	68
3.4 A Categoria Descendente e Associação Charrua	73
3.5 José Artigas: um herói nacional?!	76
3.5.1 O Filme <i>La Redota</i>	77

CAPÍTULO 4 – A VIDA DE BERNARDINO GARCÍA _____	83
4.1 A Dramática dos García _____	83
4.2 A Morte de Bernardino García _____	87
CAPÍTULO 5 – IMAGENS ETNOGRÁFICAS _____	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	99
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	101

*“Quem tem consciência pra se ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra mola que resiste.”*
(música Primavera nos Dentes, Secos e Molhados)

INTRODUÇÃO:

"Chega mais perto e contemple as palavras /
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra."
(Carlos Drummond de Andrade)

A primeira vez que estive em Tacuarembó foi durante a realização da Viagem Etnográfica Ameríndia, projeto esse vinculado ao NETA¹ / Núcleo de Etnologia Ameríndia da UFPel / Universidade Federal de Pelotas, do qual participo enquanto discente. Isso ocorreu ainda no ano de 2011, quando ingressei no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (que agora passou a chamar-se Programa de Pós-Graduação em Sociologia), da mesma Universidade.

Por meio de um contato com o professor e historiador uruguaio Óscar Padrón Favre, o NETA realizou essa viagem ao Uruguai percorrendo algumas regiões entre os Departamentos de Tacuarembó, Flores e Durazno, o que nos possibilitou uma rápida travessia do norte ao centro do país. Como decorrência dessa parceria, eu passei três dias realizando uma série de visitas a museus (Museo del Indio y del Gaucho, Museo de Geociencias, em Tacuarembó; Museo Histórico Casa de Rivera, Durazno), espaços culturais e religiosos (Casa de la Cultura de Tacuarembó; alojamento Hogar Estudiantil, Plaza Matriz, Iglesia de Dieste, Casa Penza, Sala de Arte, em Durazno), colecionadores particulares (coleccionista Chito Aizpun, em Paso de los Toros; coleccionista Cayetano Alves, em Durazno), sítios (Salsipuedes, em Tacuarembó; Pictografía de localidad de arte rupestre de Chamangá, em Flores), além da visita ao Charrua Bernardino García, em Tacuarembó. Como será possível reparar no texto abaixo, participar dessas atividades foi muito especial, mas, em especial, conhecer seu Bernardino García foi um evento marcante em minha vida.

Sobre Salsipuedes, trata-se do espaço onde os historiadores e os moradores da região afirmam ter ocorrido o confronto entre o Exército Nacional Uruguaio, comandado pelo General Fructuoso Rivera, e os Charrua, entre 1831-32 (FAVRE, 1994). Desse evento resulta a idéia da extinção étnica desses índios no Uruguai. De forma resumida, em grande parte da historiografia desse país, essa data sela o fim da existência dos Charrua.

¹ O NETA tem a coordenação do Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves da Rosa e da Prof^a. Dr^a. Lori Altmann. Esse núcleo tem como objetivo viabilizar pesquisas científicas sobre temas relacionados aos ameríndios e aos seus território. Para maiores informações consulte o site www.neta.ufpel.edu.br

Até a realização do projeto Viagem Etnográfica Ameríndia eu nunca estivera no Uruguai. O desconhecimento do lugar onde estávamos (Salsipuedes), além do estranhamento com o idioma, misturava-se, naquele momento, com o fascínio pelas histórias narradas pelo professor Oscar Padrón Favre, sendo que algumas tinham como pano de fundo esse local tão importante. Eu reconheço que em alguns momentos me senti constrangida por desconhecer a história desse país, não somente pela minha formação na área da História, mas, principalmente, por ignorar a ocorrência de episódios historicamente e geograficamente tão próximos do Rio Grande do Sul (RS), região onde nasci e cresci, ao sul do Brasil.

Em dezembro de 2011, regressei a Tacuarembó decidida a me encontrar com os Charrua no Uruguai, em particular, com a família de seu Bernardino García. Nesse mesmo período eu tive acesso ao trabalho de Dominique Gallois sobre os Waiãpi no Amazonas e seu processo de etnogênese².

Dando continuidade em meus estudos sobre o fenômeno em questão, deparei-me com uma série de produções acadêmicas que propunham a análise das etnogêneses indígenas, sendo um deles Miguel Alberto Bartolomé. Segundo esse antropólogo, o termo etnogênese tem sido usado para designar diferentes processos sociais protagonizados pelos grupos étnicos (BARTOLOMÉ:2006).

Mais adiante, o autor acrescenta que recentemente, o termo passou a ser usado também nas análises dos recorrentes processos de emergência social e política dos grupos. (HILL:1996 *apud* BARTOLOMÉ:2006). É com frequência também que as etnogêneses têm sido tratadas como desenvolvimento de novas configurações sociais, de base étnica, que incluem diversos grupos participantes de uma mesma tradição cultural (BARTOLOMÉ:2006).

Vinculo-me a Bartolomé (2006), quando ele salienta que os distintos usos do conceito remetem a um mesmo tipo de dinâmica social com base na historicidade de estruturas e formas culturais que tendiam a se conceberem como relativamente estáticos. Segundo ele, a etnogênese é parte constitutiva do próprio processo histórico da humanidade, e não só um dado presente, o que torna incompreensível a reação de surpresa de parte da opinião pública, classes políticas e até mesmo de antropólogos envolvidos nos atuais processos de etnogêneses.

Pensando a partir de agora na estruturação de minha dissertação de mestrado, a primeira parte desse trabalho abarca as questões referentes ao período histórico posterior ao surgimento do Estado-nação uruguaio, em especial, a partir da instauração da República Oriental do Uruguai, no ano de 1830, bem como, os conflitos ocorridos para a instituição desse

² O livro “Mairi Revisitada: A integração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi” compunha a bibliografia da disciplina Mitologia, Ritual e Fronteira, ministrada em 2011-1, por meu orientador de mestrado.

modelo social que foi de encontro à presença Charrua. Para isso, inicialmente trago uma breve, porém necessária, contextualização histórica de como o Uruguai foi se tornando “um país sem índios”³ (PADRÓN:1994), para depois tratar a questão em sua contemporaneidade, tomando como referencia para a discussão o surgimento de grupos de indivíduos assumindo-se como descendentes charrua, e demandando consequentemente reconhecimento por parte do Estado uruguaio.

Essa análise requer que localizemos nosso objeto de estudo no tempo, delimitando em qual momento histórico ele será apreendido e refletido. Em um período que abrange a sua gênese como Estado Nacional, ainda no século dezenove, passando pela fundação do Departamento de Tacuarembó e da cidade de Tacuarembó, eventos datados no mesmo período histórico, para em seguida propor a atenção particular para a atualidade dessa questão.

Dessa maneira, pretendo discutir sobre as representações que os atuais descendentes charrua vêm construindo, a partir de ações organizadas e políticas de reconhecimento. A produção intelectual de alguns historiadores uruguaios, assim como a reativação de memórias familiares por conta desse processo tem sido importantes aliados para a fundamentação da legitimidade de uma demanda dessa ordem social. A disposição dos atores que se movimentam nesse corpo social e que se autoreconhecem como descendentes charrua no Uruguai, por certo, é o ponto nevrálgico dessa pesquisa.

Em outras palavras, essa dissertação de mestrado procurará realizar, através de um diálogo entre Antropologia e História, um deslocamento temporal desse acontecimento, puxando essa discussão para a ordem da contemporaneidade uruguaia, através do método etnográfico. Desse modo, o problema lançado por essa pesquisa é o seguinte: qual é a relação entre o Massacre de Salsipuedes, do século dezenove, com a sociedade uruguaia contemporânea e a presença Charrua presente?

O ponto de partida desse percurso foi meu encontro com o Charrua Bernardino García e sua esposa María Zully Romero García, na periferia de Tacuarembó, no dia 02 de julho de 2011, a partir do projeto Viagem Etnográfica Ameríndia. Embora o universo de pesquisa desse projeto tenha seu foco em Tacuarembó, é impossível não pensar que estive o tempo todo diante de um problema científico que configura a identidade dos uruguaios. Falarei com maior detalhe acerca disso mais adiante nessa dissertação.

³ “las estimaciones actuales realizadas por el profesor Mañé Garzón con la colaboración de la Dra. Mónica Sans y la Q.F. Dra. Sinthia Pagano, de la que surge que entre un 25 y un 50% de la población del Uruguay nace con la “mancha mongólica” — la mancha sobre la zona sacrococcígea —, que es indicio de ser descendiente de amerindio o de negro. Entonces podemos quedarnos para el caso de los charrúas con la cifra mínima del 25%, lo que nos dará en una población de 3 millones unos 750.000 descendientes.” (EDUARDO PICERNO:2009).

A partir disso, a idéia é trazer as questões teóricas que reflitam sobre um possível processo de etnogêneses desencadeado por tais conflitos históricos atualizados por segmentos populares da sociedade uruguaia — e que de maneira cada vez mais forte coloca-se como fundamento para a causa de reconhecimento étnico ao mesmo tempo em que se torna a contrapartida para o pensamento e o discurso do extermínio.

Agora vinculada ao antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira (2006) eu entendo o processo de étnico vivenciado por estes indivíduos como sendo um fenômeno de natureza politico-cultural, que este autor chama de etnicidade, fenômeno social no qual os segmentos envolvidos pretendem definir-se frente ao outro, reafirmando sua identidade étnica e requerendo o devido reconhecimento pelo outro.

Tudo isso resulta de um processo criativo, pensando agora em Roy Wagner (2010), já que os protagonistas assumem distintos papéis sociais em decorrência de tais conflitos. Essa compreensão torna-se fundamental na medida que possibilita acessar ao mesmo tempo que compreender os diferentes mecanismos utilizados para dar conta das (re)leituras e das forças que impulsionam a reivindicação dessas identidades étnicas.

Por certo, o aumento desse fenômeno de auto identificação étnica causa desconforto a determinados intelectuais que investiram na idéia da extinção dos Charrua no Uruguai. A dedicação de tais autores para a consolidação da versão historiográfica que os índios do Uruguai não existiam mais foi significativa para a formação do senso comum e para o triunfo da ideologia desse Estado. Mas o discurso dessa elite intelectual alinhado ao dos governantes e estadistas encontra, há algumas décadas, resistência no protagonismo de algumas pessoas e em alguns desses universos coletivos — em especial, de Bernardino García.

Nessa medida, essa dissertação de mestrado refletirá sobre o viés assumido pela classe intelectualizada e abastada da cidade de Tacuarembó na manutenção desse processo de esquecimento. Antes de tudo, acredito que esteja profundamente imbricada ambos os processos — negação e afirmação étnica dos Charrua no Uruguai — com as diretrizes da política vigente tanto nessa cidade e Departamento quanto no país como um todo.

No meu entendimento, Tacuarembó nessa discussão é o fio da balança porque nesse Departamento aconteceu tanto o Massacre de Salsipuedes, entre 1831, como contemporaneamente abriga em um de seus bairros periféricos o Charrua Bernardino García, bisneto de Sepé, cacique charrua que sobreviveu àquele combate. No meu entendimento, seu Bernardino García representa de um divisor de águas nesse processo de “invisibilidade” e “desinvisibilidade” étnica ameríndia no Uruguai.

Diante disso, de início, apresentarei de forma resumida algumas informações sobre a formação do Estado uruguaio para a melhor compreensão do contexto histórico, político e

social, no qual ocorreu a formação e a consolidação dessa sociedade nacional.

A seguir, através de um recorte de análise, direciono a atenção para seu Bernardino García, em Tacuarembó e para os descendentes charrua esparramados por todo o país. Através do método etnográfico, abre-se um espaço para as vozes e para as narrativas dessas pessoas, bem como, suas performances sociais que ressaltam as suas presenças no Uruguai contemporâneo, em contraposição ao discurso oficial, que dia a dia, ritual a ritual, destaca a inexistência dos mesmos.

Pensando nisso, eu realizo uma contextualização da cidade de Tacuarembó, sua formação e sua constituição no século dezenove, a partir dos lamentáveis acontecimentos de 1831-32. Atualmente, Tacuarembó é uma das maiores cidades do país, sendo a capital do maior Departamento (estado) uruguaio, de mesmo nome. Cabe ainda ressaltar que foi na zona rural desse Departamento que ocorreu o evento imensamente significativo e simbólico contra os povos originários e na origem do Uruguai enquanto Estado-nação: o Massacre de *Salsipuedes*.

Tratando-se do método de análise dessa ordem de fenômeno social, o texto de Dominique Gallois (1993), foi uma leitura fundamental para se pensar os discursos e as narrativas que explicitam a continuidade étnica dos descendentes Charrua. Da mesma forma, ele me ajudou a estabelecer a conexão da minha etnografia tanto com a historiografia quanto a etno-história charrua.

A maneira eleita por Gallois para tratar e compreender as etno-histórias Waiãpi me fascinaram pela relação com minha formação em História na graduação, pela situação etnográfica que encontrei em Tacuarembó e pelo suporte para pensar a institucionalização de duas ordens de pensamento operando dialogicamente, que ao se encontrarem passam a dar sentido e coerência para a fundamentação de meus argumentos: no caso, a discussão sobre a gênese e a pretensão de fundamentar o direito ao reconhecimento étnico por parte dos descendentes charrua no Uruguai.

Assim, é no cruzamento entre Antropologia e História, entre Etnologia Indígena e Etno-História Charrua, entre memória coletiva e memória oficial é que na perspectiva dessa dissertação de mestrado sugerimos uma outra forma de se olhar e pensar a presença Charrua nessa nação e a identidade uruguaia contemporânea.

Por sua vez, o conflito paradigmático mencionado e meu encontro com seu Bernardino García foram decisivos para a eleição da cidade e do Departamento de Tacuarembó como *locus* privilegiado dessa pesquisa. Os desafios, os encontros e os desencontros que se desenrolam no decorrer do trabalho de campo, explicitaram-me os problemas cotidianos e as experiências vivenciadas e construídas pelos meus interlocutores, assim como a relação diária

desses com esse evento histórico, esse passado revertido em (constante) presente. Esses conflitos e suas resoluções serão o motor de minha etnografia e de minha análise.

Tratando-se das questões metodológicas, recorro em grande medida aos dados historiográficos (e, em alguns momentos, a dados de ordem literária) que existem sobre tal período cronológico em processo dialógico com os dados etnográficos resultantes dessa pesquisa.

Durante o período que estive em Tacuarembó realizando meu trabalho de campo, visitando e conversando com os moradores desse lugar, mantive minha atenção a tudo o que me cercava. Eu procurei observar o maior número possível de detalhes que compunham o meu contexto de pesquisa. Como em algumas situações não pude contar com o recurso do registro de áudio, restou-me observar com a máxima atenção, anotando posteriormente em meu caderno de campo tudo o que era possível através de minha memória.

No que diz respeito aos ameríndios no Uruguai, assumo que algumas informações são desordenadas, mas o que posso afirmar de antemão é que a afirmação de uma identidade charrua vem tomando os espaços de discussão e fazendo-se cada vez mais presente como uma bandeira de luta para o reconhecimento de uma matriz indígena entre a população uruguaia contemporânea.

Por isso, a importância dos elementos trazidos por essa etnografia. Eles revelam uma sensível contribuição da memória individual e coletiva, bem como, da memória historiográfica na construção de suas diretrizes. O esforço desse texto será apresentar alguns elementos que compõem as práticas recorrentes desses indivíduos no esforço da elaboração de sua origem étnica. Da mesma forma, analisarei as modalidades escolhidas, construídas e manifestadas pelos mesmos em suas performances narrativas e discursivas durante os eventos.

A partir de minha formação como historiadora e de meu interesse pelos estudos indígenas desde a graduação, compartilhei durante muito tempo a convicção sobre o extermínio étnico dos Charrua no Uruguai. Obviamente, fruto de um senso comum, acreditava que falar sobre os Charrua era necessariamente reportar-se ao passado longínquo desse país.

Para a maioria dos historiadores a problemática que envolve os Charrua como um grupo étnico constituído está encerrada desde o Massacre de Salsipuedes. Isso resulta do fato que a historiografia e os estudos antropológicos mostraram-se, por muito tempo, desinteressados no Uruguai pelo estudo da temática indígena contemporânea. Fechados e distantes, seus estudos limitavam-se a seus objetos, assim como as possibilidades de estudá-los e interpretá-los à ordem do passado, negando às sociedades ameríndias um presente e um futuro, tratando-as, naquele país, como populações extintas — na melhor das hipóteses, em extinção, fadadas, cedo ou tarde, ao desaparecimento (MONTEIRO:1998).

Em parte do século dezenove e vinte, a presença dos Charrua nas pesquisas historiográficas foi secundária, quando não ausente. Em geral, esses ameríndios apareciam como figurantes de um cenário de triunfos e méritos europeus, sendo suas ações sempre apresentadas como resultado de interesses alheios (ALMEIDA:2003). As narrativas “oficiais” delegaram aos Charrua uma condição de passado, pois eles sobrevivem apenas na memória coletiva, como um “herói ancestral” (KLAUS, 2004), mas que nada tem a ver com a sociedade atual do Uruguai.

Muitos são os historiadores uruguaios que contribuíram de forma decisiva para essa imagem do Charrua como extintos, enquanto outros defenderam uma história do povoamento da região do Prata e de uma identidade cultural exclusivamente de origem ibérica (KLAUS, 2004). Essa descaracterização “étnica” e “cultural”, que apresenta o indígena dentro de uma trajetória de perdas contínuas, aponta para a possibilidade de estarmos diante de um processo de recriação de identidades culturais e históricas desses descendentes, a partir de suas necessidades novas, vivenciadas na experiência cotidiana (ALMEIDA:2003).

Neste sentido, proponho repensar e problematizar alguns desses conceitos básicos referentes a essa temática, pensando a cultura como um “produto histórico” em constante transformação, resultante da articulação entre tradições e experiências de homens que vivenciam, percebendo seu dinamismo como algo inerente a sua existência (ALMEIDA *apud* THOMPSON;2003).

Esse afastamento entre o índio ancestral e os descendentes que vivem no Uruguai atualmente dificulta, pela força dos argumentos, o processo de identificação e auto reconhecimento da identidade étnica charrua. A atual sociedade uruguaia apresenta em sua representação elementos que colocam esses indivíduos em uma condição engessada de passado, constituídas apenas pelo espectro do que outrora se entendia por “índio”.

Dessa maneira, o objetivo desse trabalho é tentar reatar as pontas do passado e do presente, para isso trazendo, junto aos dados históricos, as vozes e as narrativas dos descendentes que se mobilizam nacionalmente pelo reconhecimento étnico e pelas políticas de inserção social — enquanto uma resposta para a tese tão disseminada do extermínio charrua uruguaio.

Assim, acreditamos ser possível compreender, em alguma medida, a relação desse plano de extermínio e invisibilidade indígena com a promoção da exclusão social de indivíduos que assumem uma identidade étnica diferenciada da maioria, em particular, a identidade ameríndia charrua.

Tratando-se de uma breve apresentação da estrutura dessa dissertação de mestrado, no Capítulo 1, intitulado “Uma História do Uruguai”, eu analisarei a formação do Estado uruguaio, bem como, a fundação da cidade e do Departamento de Tacuarembó.

Já no Capítulo 2, intitulado “Uma Tacuarembó Charrua”, apresentarei o meu trabalho de campo em Tacuarembó, bem como La Fiesta de la Patria Gaucha em Tacuarembó, bem como, a presença de Bernardino García nesse evento. Além disso, apresento as parentelas García e, em especial, a família de Bernardino García.

Por sua vez, no Capítulo 3, intitulado “As Associações Charrua Uruguiaia”, eu discorro sobre o protagonismo do Charrua Bernardino García e do Historiador Eduardo F. Acosta Y Lara para a presença contemporânea das Associações Charrua. Além disso, analiso os preceitos básicos dessas associações e da categoria descendente, bem como, mostro a apropriação dessas aos ideais artiguistas.

No Capítulo 4, intitulado “A Vida de Bernardino García”, eu me dedico à vida desse bisneto do cacique Sepé, passando a tomá-lo enquanto um grande herói Charrua.



“os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite.” (SCHWANZ:2007).

CAPÍTULO 1

UMA HISTÓRIA DO URUGUAI

O Uruguai é um pequeno país localizado a sudeste da América do Sul⁴. O Seu nome oficial é República Oriental do Uruguai. Seus domínios territoriais não ultrapassam os duzentos mil quilômetros quadrados, e conta atualmente com uma população de pouco mais de três milhões de habitantes. Desses, estima-se que mais de um milhão vive na capital Montevideu, o que indica de antemão um maior povoamento da região sul em detrimento do norte do país.⁵

⁴ Este país faz fronteira com os seguintes países: Argentina e o Brasil

⁵ Segundo dados do ultimo censo (2011) o Uruguai soma mais de três milhões de habitantes (3.286.314 hab.). Destes, menos de 1/3 da população vive ao norte do país considerando o limite geográfico o Rio Negro. (<http://www.ine.gub.uy>.) e mais de um milhão desta vive na capital Montevideu.



No próximo tópico, a formação do estado uruguaio.

1.1 A Formação do Estado Uruguaio

Em 1830, com a consolidação do Uruguai como Estado-nação, o país passou por mudanças que revelaram por parte dessa sociedade uma nova ordem social e o desejo de mudanças no controle administrativo desse incipiente país.

Nesse sentido, a seguir, apresento um breve panorama dessa constituição, assim como as forças motrizes que impulsionam e configuram o quadro político administrativo da atualidade.

Acerca do marco da origem histórica desse Estado-nação, menciono o autor Jaime Yaffe. Nas palavras dele: *“el establecimiento formal del estado uruguayo data de 1828-30 con la instalación de un gobierno provisorio primero y la puesta en marcha de la Constitución que le dio forma definitiva dos años más tarde”* (2003:323).

Após 1830, temos no Uruguai o início de um período de turbulências políticas marcado pela constante hostilidade existente entre grupos antagônicos. As décadas que se seguiram no Uruguai viram surgir e firmar suas diretrizes políticas a partir do Partido Blanco e do Partido Colorado.⁶ (Como se verá mais à frente, o bipartidarismo partidário durou até o início do século XXI, quando o revezamento entre Blancos e Colorados foi quebrado com a ascensão da Frente Amplio — e a eleição de Tabaré Vazquez, em 2004.)

Na época, o Partido Blanco estava ligado aos proprietários de terras, podendo ser considerado como portador de tendências conservadoras. Já o Partido Colorado era regido por ideais liberais, que, nesse período, já haviam se espalhado por toda a América Latina. Segundo Jaime Yaffe,

La estructura económico-social heredada de la época colonial no sufrió alteraciones significativas a la largo de las cinco primeras décadas de vida independiente. La economía tradicional estaba caracterizada por el absoluto predominio de la ganadería vacuna extensiva y de la actividad comercial centrada en el puerto de Montevideo. La propiedad de la tierra fue difusa (por la superposición de títulos de diverso origen y la generalizada apropiación ilegal de tierras fiscales) y permaneció indefinida hasta el período militarista. Este fue el origen de una conflictividad social permanente entre propietarios, entre propietarios y hacendados sin títulos (ocupantes o simples poseedores); y entre propietarios y/o ocupantes y el Estado. (JAIME YAFFE: 2003:325).

Ainda segundo a análise de Yaffe (2003), o incipiente estado uruguaio, desde sua criação formal em 1830 até 1876, ficou marcado por fronteiras permeáveis e ingerência estrangeira, carência de monopólio dos meios de coerção, *déficit* de legitimidade considerando a relação extensões de terras e “vazio” demográfico.

Mas, próximo ao fim do século dezenove, começou no Uruguai um processo de modernização, apoiado agora na autoridade do militarismo que substituiu os conflitos políticos gerados pelo bipartidarismo Blanco e Colorado. Foi nesse período que se consolidou o direito à propriedade privada, por meio de um código rural, estabelecido em 1879. Nas palavras de Yaffe (2003:335):

En Uruguay el proceso de modernización transcurrió en dos fases sucesivas: la primera en el último cuarto del siglo XIX (períodos ‘militarista’ y ‘civilista’ entre 1876 y 1903) y la segunda en las tres primeras décadas del siglo XX (período ‘batllista’ entre 1903 y 1933).

Então, o Uruguai entrou no século XX com um modelo de crescimento econômico consolidado em uma economia agroexportadora de carne e lã; e um alto nível de vida comparável a um padrão europeu. Por consequência disso, nessa ocasião, começou a receber o apelido de “Suíça Americana”. Para Yaffe,

⁶ Além dos conflitos políticos internos resultantes do antagonismo de Blancos e Colorados e a dificuldade de estabelecer as fronteiras do país, o Uruguai teve que conviver com uma constante intervenção dos vizinhos Argentina e Brasil, além da França e da Inglaterra, que possuíam interesses na região.

La modernización rural operada en el período militarista (1876-1886) consistió en la definitiva afirmación de la propiedad privada de la tierra mediante el estímulo y la casi imposición (medianería forzada) del alambramiento de las unidades productivas y la regularización y registro de los títulos de propiedad sobre la tierra así como las marcas y señales sobre el ganado. O primero batllismo (1903-1916), impulsó una amplia política de industrialización, nacionalizaciones y estatizaciones que hicieron del estado un agente económico de primer orden para las dimensiones de la estructura económica del país. La modernización económica operada bajo el primer batllismo estuvo centrada en la dinamización de la economía urbana industrial y en el crecimiento de las empresas públicas aunque, al fracasar en sus planes de reforma rural y fiscal, no alcanzó a trastocar las bases del modelo agroexportador heredado del siglo XIX. (2003).

Já na segunda década do século vinte, foram estabelecidas no Uruguai inúmeras leis trabalhistas, como, por exemplo, a jornada máxima de oito horas diária e/ou 48 horas semanais. A punição contra a utilização de mão de obra infantil e a pensão por velhice também passaram a vigorar no país. Também foram instituídos os quarenta dias de repouso para as mulheres que tivessem filho; da mesma forma, os serviços públicos que haviam sido privatizados, foram estatizados novamente. Além disso, foram criados institutos de ensino em todas as cidades. Segundo Yaffe:

El año 1930, cuando las costas uruguayas se vean visitadas por los primeros vestigios de la depresión capitalista internacional desatada por el crack neoyorkino de 1929, el que marcará el inicio de un segundo impulso reformista viabilizado políticamente por la alianza política del batllismo neto y el nacionalismo independiente. Pero este viraje político que de concretarse probablemente hubiera llevado hacia un nuevo punto las relaciones estado-economía-sociedad, se vio prontamente frenado por el golpe de estado de 1933 que lejos, una vez más, de revertir los tímidos avances estatistas de los años previos, los congeló y por lo mismo los perpetuó en sus rasgos esenciales. De esta forma la segunda modernización llegaba a su fin y el Uruguay iniciaba con el "terrismo" (1933-1942) un nuevo ciclo político y económico. (YAFFE:3335)

No ano de 1933, o Presidente Civil Gabriel Terra (1931-1938) do Partido Colorado, apoiado pelo Partido Nacional, deu um golpe de estado, fechando o Parlamento, além de retirar a liberdade de imprensa dos cidadãos uruguaios. Durante os cinco anos que durou seu governo, Terra implantou um sistema autoritário, conservador.

Internacionalmente, ele se opôs à União Soviética e aproximou-se da Espanha, de Francisco Franco. Um novo período de crise, iniciado em 1959, deu início a uma sucessão de governos civis e militares que se alternaram no poder. Em Junho de 1973, o civil Juan María Bordaberry (1972-1976) do Partido Blanco, deu um novo golpe de estado com apoio militar e começou uma ditadura que durou doze anos. Nesse período, o Uruguai foi governado por meio da violência e de crimes, como sequestro, tortura e desaparecimento de pessoas que mostravam resistência e colocavam-se contra o regime.

No ano de 1980, durante a *dictadura cívico-militar*, o governo convocou um plebiscito para dar legitimidade à sua proposta de reforma constitucional. A sociedade votou contra a mesma, o que significou a decadência da ditadura militar.

Em 1984, as eleições democráticas voltaram ao cenário, e triunfou o Partido Colorado. Em 1985, Julio María Sanguinetti, do Partido Colorado, assumiu a Presidência da República, permanecendo no cargo por oito anos.⁷ É importante lembrar que esse mesmo governante, Sanguinetti, assim como negou a prática da tortura pelos militares, ainda hoje não admite a ocorrência do Massacre de Salsipuedes, em 1831. Em entrevista concedida ao grupo uruguaio *Ahijuna*, quando da produção do documentário “*El Jaque del Silencio*” (2001), ele afirma a um pesquisador, de maneira contundente, que os Charrua não existem mais e se extinguíram em decorrência das epidemias de varíola frequentes na época daquela campanha militar uruguaia.

Em 2004, Tabaré Vázquez eleito presidente no primeiro turno das eleições. A partir de uma coalizão de esquerda de diversos partidos e diferentes frentes, pela primeira vez na história do Uruguai, elegeu-se um presidente que não pertencia nem ao Partido Blanco nem ao Colorado.

As eleições de 2009 também foram ganhas por um candidato de esquerda: José Alberto Mujica Cordano ou, simplesmente, Pepe Mujica. Esse carismático e legendário personagem da política uruguaia participou dos movimentos pró-liberdade e (re)democratização do país, tendo contribuído ativamente para as intervenções realizadas pelos Tupamaros⁸.

Tratando-se de acordos internacionais em torno do respeito aos direitos humanos, o Uruguai é hoje um dos poucos países da América do Sul que ainda não assinou o Convênio 169 da OIT, que legisla sobre a questão dos direitos dos Povos Indígenas e Tribais.

A discussão sobre esse texto iniciou na América Latina no início da década de 1980. No ano de 1982, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas estabeleceu um grupo de trabalho sobre Populações indígenas com o intuito de desenvolver uma declaração sobre as diretrizes dos direitos humanos que preservem os direitos dos Povos Indígenas. Em 1985, esse grupo de trabalho passou a preocupar-se em traçar as primeiras diretrizes.

No ano de 1993, o grupo apresentou o projeto à Subcomissão de Preservação e Proteção das Minorias, que o aprovou em 1994. Depois de um processo lento, no ano de

⁷ Segundo Yaffe, “*iniciada la transición a la democracia con el triunfo del partido Colorado, durante el gobierno del Sanguinetti (1985-1999) se continuó con la política de apertura económica iniciada por los militares, acompañada de un control estricto del gasto público y utilizando reiteradamente el veto hasta dejar al parlamento en un papel apenas nominal*” (2003).

⁸ Trata-se de uma organização de guerrilha urbana no Uruguai, que agiu entre as décadas de 1960 e 1970, durante a ditadura civil-militar nesse país.

2006, foi reconhecido o Convênio pelo Conselho de Direitos Humanos da Nações Unidas, sendo então aprovado em 2007.

A Constituição da República Oriental do Uruguai foi firmada na Assembléia Geral de Montevideu, em 24 de agosto de 1966, e suspendida temporariamente em 1973, voltando a vigorar em 1985, com o fim da Ditadura Militar no país, sofrendo apenas algumas reformas em seu texto constitucional, em 1996. Em seu conteúdo, ela não reconhece a existência dos povos originários no Uruguai. A sua única menção aos ameríndios é feita a partir do texto referente ao repatriamento dos restos mortais dos Charrua que foram levados à França, em 1834. O texto diz:

Declárase de interés general la ubicación y posterior repatriación al territorio nacional, de los restos de los indios charrúas Vaimaca Perú, Guyunusa y Tacuabé, fallecidos en la República de Francia. Ley núm. 17.256, 14 de Septiembre de 2000.

Apesar de a Legislação ter estipulado a repatriação ao território nacional dos restos de Vaimacá Perú, não há nenhuma outra referencia ao tema indígena na atualidade. Em uma negociação que envolveu, na época, François Currel e Fructuoso Rivera, os Charrua Vaimacá Perú, Tacuabe, Senaqué, Guyunusa foram levados à França, em 1833, portanto, logo após o Massacre de Salsipuedes, para investigações de caráter antropológico, em estudos sobre a emoção. Encerrados os objetivos científicos, eles foram vendidos a uma espécie de “circo de animais”. Um guerreiro valente, Vaimacá Perú foi soldado nas guerras comandadas por José Artigas e Fructuoso Rivera (SOSA, 1957).

Desse modo, o traslado dos restos mortais desse homem, da França para o Uruguai ganhou a conotação de uma questão de Estado, notabilizado enquanto um herói charrua pelas associações.

Dentro dessa perspectiva, podemos estabelecer uma relação de inclusão dos povos indígenas na formação do estado nacional. A brecha que se abre com a menção a Vaimacá Peru, nos leva a pensar sobre o reconhecimento, mesmo que ínfimo, dos Charrua para a configuração da sociedade uruguaia. Por outras palavras, a aprovação da lei de repatriamento desse Charrua histórico é um avanço, mesmo que pequeno, na medida que serve como porta de entrada à temática indígena e à dinâmica social nessa nação.

O governo e as autoridades políticas do Uruguai mantém um receio em discutir pautas e rever pontos importantes de sua postura quanto aos povos originários do Uruguai. Essa posição reflete o senso comum entre os uruguaio e as autoridades. Um bom exemplo desses últimos é o ex-presidente Colorado Julio María Sanguinetti. Esse Partido conta com grande representatividade nos espaços de poder, influência social e muitos simpatizantes pelo país afora.

Consequentemente, esse modelo administrativo sufoca e deslegitima, sempre que possível a emergência dos movimentos de descendentes charrua pelo reconhecimento étnico e seus direitos sociais. O grande impasse entre tais grupos e o Partido Colorado, por exemplo, é que os primeiros acusam o fundador do partido, Rivera, de planejar e executar os Charrua, em 1831-32; enquanto que os segundos, exaltam sua memória atribuindo-lhe o caráter de herói nacional.

Mas, paradoxalmente, as informações de órgãos de estatística, como o CENSO, indicam uma porcentagem sensível de pessoas que reconhecem sua origem indígena, embora esses grupos continuem a ser mencionados como inexistentes.

Outro exemplo relacionado à visão do Partido Colorado (ou Riveristas) e, em especial, ao ex-presidente Julio María Sanguinetti sobre os descendentes charrua está manifestada em um dos principais diários de notícias uruguaio, *El País*, publicado dia 19 de abril de 2009. Nesse editorial Sanguinetti chama tais pessoas de “charruístas”, chamando a versão sobre o Massacre Salsipuedes de exagerada e romântica.

Para Sanguinetti, o surgimento de uma ideologia charruísta firma-se em uma lenda dos índios que surgiu em um período em que o país reclamava a formação de uma identidade nacional e de uma mitologia incorporando o Charrua como modelo de herói no imaginário coletivo.

Para esse ex-presidente, os movimentos sociais que reclamam o reconhecimento como descendentes colocam o Uruguai em uma condição de retrocesso em seu desenvolvimento social na medida que reclamam questões que historicamente estão superadas. Ele nega o Massacre de Salsipuedes e presta homenagens a Fructuoso Rivera e firma que as pesquisas históricas são equivocadas quando acusam esse General de planejar e executar juntamente com as oligarquias criolla os índios dos campos e estâncias.

Enfim, para Sanguinetti, *“es doloroso por el país que se use la historia de modo abusivo, fundamentalmente para denostar al General Rivera, a quien el país le debe los mayores esfuerzos en la lucha por la independencia”*. Ainda em suas palavras:

Organizada la República, le tocó a Rivera librar en 1831 la tan discutida campaña, aprobada por la unanimidad del Parlamento, sin una voz en contra, dado el clamor del vecindario de la campaña. Tan poco ‘genocida’ fue el choque de Salsipuedes, que murieron, según se supone, unos 40 charrúas y 300 fueron hechos prisioneros y enviados a Montevideo.

Cabe ressaltar que a defesa de Julio María Sanguinetti à figura de Fructuoso Rivera encontra uma forte reação nos movimentos associativos de descendentes charrua. Para esses, a revisão sobre esse General e o Massacre de Salsipuedes é uma condição necessária para que se faça uma justiça histórica a tais povos no Uruguai.

Afinal, ignorar a existência de uma população indígena no Uruguai contribui para a manutenção de prejuízos para a compreensão da realidade atual, servindo de sustentação para a discriminação, o preconceito e a dominação econômica de um grande número de indivíduos dessa nação.

De momento, a origem das associações dos descendentes charrua, sua vinculação aos heróis de Estado, em especial, a José Artigas em oposição à Fructuoso Rivera, suas visões sobre o Massacre de Salsipuedes serão analisadas no Capítulo 3.

A seguir, destaco certos aspectos históricos acerca do Massacre de Salsipuedes, de 1831, evento que marcou a origem do Estado uruguaio, o desaparecimento dos Charrua enquanto grupo étnico e a visibilidade dos atuais descendentes charrua.

1.2 O Início do Estado Oriental Uruguaio

Em outubro de 1830, Fructuoso Rivera assume a presidência da incipiente República Oriental do Uruguai. De início, esse general teve como tarefas prioritárias assumir o controle efetivo sobre a totalidade territorial do novo Estado, além de controlar a zona fronteira, para evitar um conflito internacional e eliminar todo fator de desordem para a promoção do povoamento e a recuperação econômica do país (PADRÓN:2004:60).

Para isso, o governo, juntamente com os segmentos mais abastados e privilegiados, setores que buscavam a privatização das terras, deu início a um plano de pacificação que consistiu em terminar com os constantes contrabandos de gado e couro na região protagonizados, entre outros, pelos Charrua. Os principais afetados por tais medidas foram os nativos que perderam espaço para as estâncias e o acesso ao gado que se procriava de maneira intensa.(PADRÓN:60)

A expulsão dos nativos dispersos pela região tornou-se necessária para o sucesso de tal projeto político de Fructuoso Rivera. Em particular, os Charrua, que viviam nessas terras por meio de suas ações de correrias, contrariavam o projeto de consolidação de uma nova ordem social, que tinha por base a divisão e a dominação particular das terras. Nas palavras

de Oscar Padrón Favre, *“La existencia de esa especie de ‘Republica charrua’ era totalmente incompatible con la nueva situación y particular fragilidad del flamante Estado”* (2004:60).

O Presidente e Chefe Militar do Exército Nacional do Uruguai General Fructuoso Rivera, então, decidiu pôr em execução uma estratégia que garantisse o sucesso das campanhas de cercamento dessas terras, afinal, *“Las tolderías habían quedado encerradas em médio de las estancias”* (PADRÓN:204:61).

Para isso, colocou-se a necessidade de eliminar a presença indígena de seus territórios e de sua história. Surgiu a necessidade de reconfigurar a identidade étnica dessa nova nação e, consequentemente, o afastamento a qualquer referência a esses indígenas. A partir deste momento, segundo Favre, *“no se perseguía a um tipo racial sino um estilo de vida”* (PADRÓN:2004)

Essa afirmação de Favre é relevante quando olhamos para o conteúdo das reclamações feitas por estancieiros ao Governo, exigindo que fossem tomadas medidas para acabar com os problemas que enfrentavam no interior de suas terras. Essa documentação foi extraída pelo autor da obra de Eduardo Acosta Y Lara. Trago a seguir uma citação de Favre, onde ele apresenta parte de uma dessas queixas para que se possa observar a sua dimensão:

En los primeros días de diciembre de 1830, un vecino de la costa de Cuñapirú le escribía al Presidente Rivera: “hemos sido robados por una partida de ladrones, que supongo ser Charrúas. Estos malvados ladrones no han cesado de dos meses a esta parte de robar los ganados y saquear varias casas. E por esto que aviso a V.E. estar reunidos en un punto todos los vecinos de esta provincia, hasta que V.E por su humanidad nos dé algunas providencias para el sosiego de los vecinos y seguridad de sus intereses. (2004:68).

Ao mesmo tempo em que se intensificam as reclamações começaram também a serem escritas algumas correspondências contendo sugestões de como acabar com o problema do roubo de gado e dos saques às estâncias, tudo isso tão caro à frágil economia desse incipiente Estado. A sugestão, vinda de Paysandu, nesse mesmo ano, foi encaminhada por José Catalá. Para ele, não havia outra maneira de salvaguardar a tranquilidade das fazendas e de seus proprietários a não ser perseguindo, *“hasta exterminar á los malvados y cuatreros, dando protección decidida a las propiedades y las haciendas”*.(PADRÓN:2004)

Isso mostra que existiu uma política de eliminação daqueles que resistiam ao emprego do modelo de sociedade estatal. Compreende-se, também que havia uma preocupação em concentrar o poder econômico e político nas mãos dos novos habitantes da região – os *criollos*. Isso é o que nos apresenta o arqueólogo uruguaio José María Lopez Mazz, da *Universidad de la República*:

Este Estado uruguayo que algunos prematuramente pretendían Estado-Nación, se funda ideológicamente sobre el proyecto colonial, donde simbólicamente se hace hincapié en el ser universalista del criollo en detrimento del ser autóctono. Hay aquí, un proyecto político y económico previo que resuelve el derecho al uso exclusivo de la tierra y el control administrativo del Estado (2005:68).

Nesse sentido, as campanhas empreendidas, a partir de 1831, foram de caráter bélico e pretendiam, na melhor das definições, aniquilar os Charrua como um grupo étnico e social existente dentro das fronteiras na emergente nação uruguaia. Segundo Eduardo Picerno, “*el primer gobierno de nuestra República libre e independiente los aniquiló – los charrúa – como etnia, como cultura, como organización social*” (2009:78).

Nos anos seguintes, devido ao processo de cercamento das terras no Uruguai, a presença indígena passou aos espaços mais interioranos. Como regiões ao norte do país, por exemplo, a região do atual Departamento de Tacuarembó. O modelo de sociedade vislumbrado e consolidado pelos que contribuíram e se beneficiaram com tais medidas do governo, posteriores a criação da República, em 1830, não aceitava indivíduos perambulando pelos campos próximos as propriedades, saqueando as estâncias e roubando o gado. Era necessário que ocorressem mudanças que garantissem a manutenção dessa sociedade. Trata-se de um processo de homogeneização de um modelo social que não previa espaço para as diferenças étnicas e culturais.

Como consequência desse processo de segregação, o abismo social que se constituiu entre esses segmentos da sociedade em transformação fez dos Charrua clandestinos em seu próprio território. Pela inadequação ao novo modelo sócio-político que os tinha como “desordeiros” e que tratava a terra como propriedade privada de alguns poucos indivíduos, os Charrua foram cada vez mais impelidos a ocuparem espaços cada vez mais afastados dos centros urbanos que se levantavam em seu (próprio) território. Dessa maneira, ocorreu que muitos indivíduos que escaparam desses ataques e do cárcere, terminaram por permanecer escondidos em espaços que viraram latifúndios. Esse é o caso, por exemplo, do cacique charrua Sepé e seus filhos Santana e Avelino, que serão apresentados no Capítulo 2.

Historicamente, a trajetória de Fructuoso Rivera sofreu uma pesada crítica por parte dos intelectuais e, agora, dos próprios descendentes charrua, por haver convidado os índios para um banquete, desarmá-los e, a seguir, oportunizar um massacre contra essas pessoas. Mas, por outro lado, há muitos historiadores aliados à memória desse General. O argumento que serve de defesa à acusação de traição aos povos indígenas do Uruguai, pode ser problematizado a luz do que menciona, por exemplo, Óscar Padrón Favre nos seguintes termos:

Organizada la República, le tocó a Rivera librar en 1831 la tan discutida campaña, aprobada por la unanimidad del Parlamento, sin una voz en contra, dado el clamor del vecindario de la campaña (2004:60).

Não parece ser possível ignorar que naquele momento histórico havia entre um grupo de cidadãos o desejo de transformar as estruturas sociais instituindo uma ordem estatal para controlar e administrar toda a extensão territorial. Além disso, a necessidade de consolidar o Estado uruguaio e as garantias de segurança e liberdade econômicas impulsionadas pelos ideais liberais incidiu de maneira aniquiladora aos que se opuseram a sua institucionalização.

Assim, o Massacre de Salsipuedes, foi uma luta a favor da instituição do Estado, podendo ser pensado como o mito estatal de fundação de uma sociedade *criolla*. É como se os índios fizessem despertar nos uruguaios um enorme sentimento patriótico (VIDART:2011).

Autores como Daniel Vidart defendem que houve uma demanda coletiva, não só do Estado-nação, mas da população estancieira que não via com bons olhos a presença indígena em suas extensas propriedade. Segundo ele, *“todo los integrantes de la población criolla apoyaban explicita o tacitamente la desaparición de los aborígenes”* (2004:86).

Mas para aqueles que olham o nascimento desse Estado na perspectiva dos que não foram incluídos aparece um sentimento de injustiça. Por exemplo, tratando-se da visão do Bernardino García sobre o Massacre de Sasipuedes, ele considera uma ofensa a todos os descendentes charrua as homenagens protagonizadas pelas autoridades e pelos intelectuais à memória de Fructoso Rivera. Ele me disse que a traição de Rivera jamais deveria ser perdoada: *“para mí fue una emboscada que preparó Rivera para eliminar con los indios. No quería más charrúas estaba cansado de ellos”*.

Retomando a discussão anterior, sem possibilidades de manter as características da vida de outrora, os Charrua foram aos poucos se transformando, abandonando algumas das características que constituíam seu modo de vida, assim como suas crenças e seus princípios de educação e de vivencia que pareciam cada vez mais distantes dos padrões instituídos pela nova sociedade (MONTEIRO:1998)

Para manter-se, foi necessário assumir uma postura marginal dentro do incipiente sistema de propriedade privada, invisibilizando sua presença de maneira a garantir que não fossem perseguidos ou mortos pelo exército uruguaio. O modelo social dos nativos foi considerado inferior e foram inúmeras as tentativas de eliminar a diversidade étnica e implementar um modelo cultural padronizado com os anseios da elite. A exclusão desses povos foi decretada de diversas formas. Felizmente, a história dessas pessoas vem sendo repensada, não apenas pelo caminho que aqui propomos: pesquisas e debates acadêmicos, mas também no interior de um movimento indígena emergente (MONTEIRO:1998).

Vejamos no próximo tópico a origem da cidade e do Departamento de Tacuarembó.

1.3 A Fundação da Cidade e Departamento de Tacuarembó

As informações sobre a fundação da cidade e do Departamento de Tacuarembó foram extraídas das pesquisas realizadas por um investigador em história: o tacuarembense Omar Michoelsson. As pesquisas desse autor foram publicadas no *Diário Batoví*, entre os anos de 2002 a 2005.

Nesse material referenciado encontrei uma série de informações sobre a formação da região, bem como, algumas hipóteses sobre os motivos que impulsionaram o governo das primeiras décadas do século dezenove, a fundar a cidade de Tacuarembó. Eu inicio trazendo o seguinte dado apresentado por Michoelsson: *“debido a su gran longitud, en el año 1828, el Departamento de Paissandu se dividió para crear dos nuevos Departamentos: el Salto y el Tacuarembó”*. Sobre a cidade de Tacuarembó, Michoelsson diz ainda o seguinte:

En 1837, la región tacuarembense ya tenía una villa en crecimiento, que podía ser cabeza de departamento: San Fructuoso de Tacuarembó, que fundada en enero de 1832 ya contaba con más de 500 habitantes, con Jefe Militar, Cura parroco y una jurisdicción parroquial, además de una Comisión de Obras Públicas (Batoví – Tacuarembó, sexta-feira, 24 de maio DE 2002).

A sua fundação parece resultar da necessidade de estabelecimento de pontos de controle militar na região norte do país e da consolidação da hegemonia do Partido Colorado. Ela originou-se em 1837, sob o nome de Vila de San Fructuoso. A origem etimológica do nome Tacuarembó, de acordo com o historiador Renzo Pi Higarte (1991), deriva da língua guarani, e quer dizer “broto de taquara”.

Tacuarembó é uma típica cidade do interior uruguaio: pequena contando com aproximadamente cinquenta mil habitantes⁹. Localiza-se no centro-norte do Uruguai, na margem direita do Rio Negro, distante cerca de cem quilômetros da fronteira norte e trezentos e cinquenta quilômetros da capital Montevideu.

⁹ INE – Instituto de Estadísticas do Uruguai. CENSO-2011.



LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA (CENTRO-NORTE) DE TACUAREMBÓ – URUGUAI

Esta cidade faz parte de uma região predominantemente ocupada por fazendas de gado. Já a produção agrícola de cereais é utilizada como matéria-prima para as indústrias da cidade, particularmente, engenho de farinha e engenho de arroz. Atualmente, ela possui duas madeireiras atuantes e um empreendimento na plantação de pinus e eucalipto, além de dois frigoríficos.

Se considerarmos apenas os locais de maior circulação de pessoas, bicicletas e automóveis, Tacuarembó está reduzida a poucas dimensões. Sobre isso, poderíamos considerar seus 'limites' as três praças centrais que existem ao longo de uma mesma rua, a saber, a Avenida 18 de Julio: estas praças marcam as fronteiras entre o que seria considerado o centro e as periferias.



ENTARDECER NA PLAZA CRISTÓBAL COLÓN- TACUAREMBÓ 2013

A *Plaza 19 de Abril*, segundo alguns moradores seria a mais antiga das praças da cidade. Descrevo-a da seguinte maneira: situada entre as ruas 18 de Julio e 25 de Mayo, é extremamente arborizada, tendo alguns bancos de madeira. É cercada pela Catedral San Fructuoso, a Intendência Municipal, a Casa de Policia e o antigo Teatro Escayola¹⁰, fechado desde muitos anos.



FRENTE DO ANTIGO TEATRO ESCAYOLA



INTERIOR DO ANTIGO TEATRO ESCAYOLA-2012

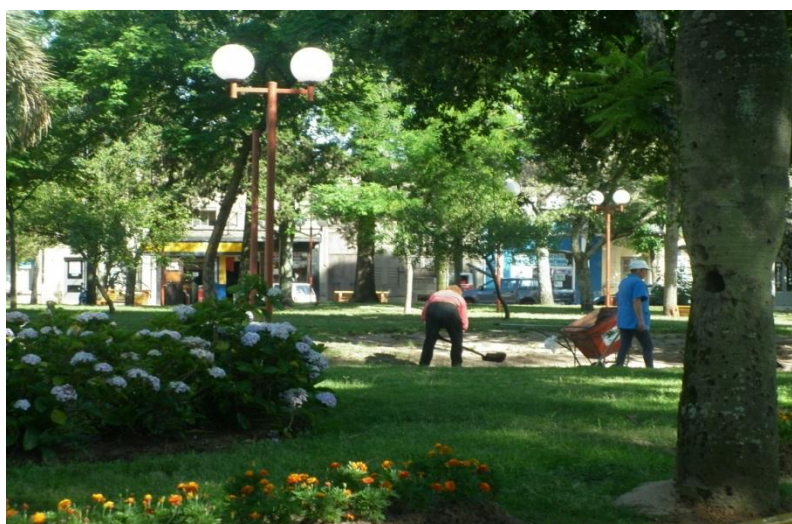
No centro da praça encontramos ainda um esplêndido monumento ao General José Gervásio Artigas e, situados em ambos os lados, são homenageados Juan Antonio Lavalleja e o do Coronel Bernabé Rivera, sobrinho do General Fructuoso Rivera, ambos em menor tamanho.

¹⁰ Carlos Escayola é reconhecido como sendo o pai de Carlos Gardel.



ESTATUA DE JOSÉ GERVÁSIO ARTIGAS- PLAZA 19 ABRIL TAACUAREMBÓ 2013

A quatro quadras dessa praça, nos deparamos com a Plaza Colón. O nome é em homenagem ao navegador Cristóvão Colombo. Em seu redor encontramos os mais importantes centros comerciais da cidade. A ultima praça que menciono é a Bernabé Rivera ou, como é mais conhecida, Plaza de la Cruz. É a ultima das praças e a mais afastada do espaço de grande circulação.



AMANHECER NA PLAZA 19 ABRIL – TACUAREMBÓ 2013

Apesar de possuir poucas casas em torno de seu centro comercial, a cidade de Tacuarembó é maior do que parece à primeira vista. O pequeno transforma-se em grande quando consideramos todas as localidades distantes que pertencem aos limites do município. A cidade possui uma série de bairros formados em torno do centro e que compõem a periferia

da cidade, por exemplo, o bairro Don Audemar, onde vive a família do Charrua Bernardino García, e o bairro Lopez, entre outros.

Existem também outros lugarejos bem afastados e que pertencem aos limites municipais, como, por exemplo: o Balneário Iporã, distante sete quilômetros; Valle Éden, vinte e três quilômetros; Villa Ansina, cinquenta e cinco quilômetros; San Gregório de Polanco e Balneário Paso de Los Toros, ambos a, aproximadamente, cento e quarenta quilômetros de Tacuarembó, lugares paradisíacos, que são grande atração turística do Departamento como um todo.



BALNEARIO IPORÃ VISTO DO MONTE- TACUAREMBÓ 2013

No centro da cidade encontrei alguns lugares que despertaram minha atenção e serviram de importante fonte para traçar um panorama geral sobre a questão indígena no Uruguai, configurando para mim uma breve noção da relação que os moradores dessa cidade e Departamento mantêm para com a memória indígena. Nesse sentido, particularmente, o Museo del Indio y del Gaucho apareceu como um limite entre uma historia indígena relegada ao passado remoto e à atual sociedade uruguaia.

Aliás, o Museo del Indio y del Gaucho é uma das referencia em termos de acervo indígena dessa região, e o mais completo da cidade. Essa instituição está localizada no centro da cidade, entre as ruas Artigas e Flores, bem próximo à Praça Central (19 de Abril).



VIAGEM ETNOGRAFICA – TACUREMBÓ 2011

Em especial, no Museo del Indio y del Gaucho trabalha, há mais de vinte e cinco anos, dona Yolanda Sosa, uma senhora com aproximadamente 60 anos de idade, muito atenciosa e conhecedora de seu ofício. Durante nossas conversas, ela me detalhava cada objeto pertencente ao acervo dessa instituição.

Outra senhora com quem tive a oportunidade de conversar nesse espaço foi Terezinha Rodriguez, essa mais jovem que dona Yolanda, com cerca de 50 anos de idade. Ela trabalha auxiliando dona Yolanda na busca do material solicitado. Ambas mostraram-se atenciosas às minhas necessidades acadêmicas, explicando-me todos os registros indígenas presentes no acervo desse Museu. Inclusive, muitos dos registros dos documentos para fins de minha pesquisa, ocorreram após o expediente de trabalho delas, que sempre me repetiam: *“usted puede tomar el tiempo que quiera”*.

O Museo del Indio y del Gaucho parece guardar o que aparentemente todos os uruguaios buscam esquecer: a forte influencia indígena na região e no país. Não obstante, essa instituição também marca uma condição de passado para esses indivíduos e povos, estabelecendo uma espécie de fronteira entre o pretérito e o presente, agora segurada pela inexistência indígena.

Uma fronteira como essa se torna paradoxal na medida que dados do Censo de 2011 uruguaio apontam que sete mil pessoas aparecem categorizadas como “indígenas” na população total do Departamento de Tacuarembó. Um número alto e surpreendente se comparado ao total de habitantes desse Departamento — que gira em torno dos noventa mil habitantes, ou seja, quase 10% dessa população — e desse país que busca deixar a presença indígena na ordem de seu passado.

É pensando nesse paradoxo que me dirigi de Pelotas a Tacuarembó para a realização de um estudo etnográfico. Vamos ao Capítulo 2 dessa dissertação de mestrado.



*“siento orgullo de ser un charrúa.
Nada menos que descendiente de un cacique.”
(Bernardino García)*

CAPÍTULO 2

UMA TACUAREMBÓ CHARRUA

Nesse capítulo eu apresentarei a minha chegada à cidade de Tacuarembó, além de La Fiesta de la Patria Gaucha, um evento que ocorre anualmente nessa cidade, e que mobiliza grande parte dos tacuaremoense; por fim, apresentarei algumas parentelas que descendem do cacique Sepé¹¹, em especial, a de Bernardino García.

¹¹ Aqui pode ocorrer uma confusão entre o cacique charrua Sepé e o cacique líder guarani Sepé Tiarajú. Segundo informações resultantes desta etnografia, o cacique charrua Sepé, também chamado de Polidoro, teria assumido o nome Sepé em homenagem ao cacique guarani no período em que aquele esteve refugiado no Brasil.

2.1 A Chegada em Tacuarembó

A minha chegada a Tacuarembó é repleta de situações inusitadas. Estar em outro país e cultura, se expressar em outra língua, mesmo que as relações entre brasileiros e uruguaios sejam, de forma geral, bastante amistosas, exigiu de mim uma constante vigilância pessoal sobre meus gestos e atitudes. Também foi imprescindível o auxílio de muitas pessoas, desde colegas da Universidade Federal de Pelotas, brasileiros que vivem em Santana do Livramento, cidade que faz fronteira seca com a cidade uruguaia de Rivera e, principalmente dos uruguaios que se mostraram de uma hospitalidade indescritível.

Com dificuldades financeiras, eu consegui juntar algum dinheiro para a primeira viagem. Com a quantia de trezentos reais eu cheguei a cidade de Tacuarembó para permanecer dez dias em campo, para cobrir minhas despesas com passagens, estadia e alimentação.

A idéia inicial era encontrar um rapaz chamado Daniel, amigo de um colega da UFPel. Naqueles dias, eu não sabia exatamente se eu o descobriria porque tinha apenas seu endereço e um telefone que não sabia ao certo se era o dele, pois não o havia contatado antes da viagem. Eu havia também conseguido com a Vanessa Duarte, do curso de Bacharelado em Antropologia, um lugar de permanência sem custos na casa de seus parentes Plínio Vieira de Souza e Lourdes de Souza, em Santana do Livramento, cidade fronteira com Rivera, no Uruguai.¹

Dona Lourdes, nascida no Distrito de Três Vendas da cidade gaúcha de Dom Pedrito, foi criada pela avó paterna. Casou-se aos dezoito anos de idade com Plínio. Eles estão casados desde que se conheceram nas terras do pai de Lourdes, onde Plínio trabalhou como peão domando cavalos. Permaneci três dias na casa deles. Seu Plínio tem 80 anos e é natural de Santana do Livramento. Ela contou-me que tempos em tempos apareciam nos campos onde viviam os ciganos vendendo tacho. Os índios apareciam com dentes de ouro em carroças ou mulas vendendo ervas. As mulheres andavam com saias que arrastavam no chão, o aspecto causava medo nas pessoas daquela época. Chamava-se bugre ou índio e andavam com chapéu que parecia de *cowboy*.

Lourdes e Plínio levaram-me cordialmente a Rivera para que eu conhecesse o caminho até a Rodoviária, por lá obtivemos informações sobre os horários e os valores dos ônibus que partiam desta cidade com destino a Tacuarembó. Aconselharam-se a converter meu dinheiro em Pesos uruguaios, e para isso fomos a uma Praça para cambiar o dinheiro, pois em Tacuarembó só era possível utilizar Peso. Achei muito curioso, pois a troca é feita na rua em frente à Casa de Câmbio, que é teoricamente o lugar oficial para tal transação.



PLÍNIO DE SOUSA EM SUA CASA- RIVERA 2012

Retornamos a Santana do Livramento no fim da tarde. Eu organizei minhas malas no confortável quarto que o casal havia preparado para mim. Sai em busca de internet e encontrei uma mulher muito atenciosa, a Ana, uma uruguaia de quarenta e cinco anos que gosta de games. Ela é casada com um brasileiro e vive em Santana do Livramento, a mais de vinte anos. Enquanto aguardava minha vez de utilizar o computador conversei com ela sobre minha estadia no Uruguai.

Minha pesquisa chamou sua atenção, ela disse ser uma descendente indígena, embora não saiba qual a etnia. Falou-me de seu marido e do quanto interesse tinha ele sobre o assunto. Chamou-o e apresentou-nos, dessa forma conheci o Nereo. Ele é responsável pela Biblioteca Municipal Ruy Barbosa de Santana do Livramento.

Nereo é jornalista autodidata, atuou por mais de dez anos em um jornal da cidade. Ele já foi vereador e sua paixão é a literatura. Confessa que a temática indígena o fascina. Conversamos acerca de suas impressões sobre os Charrua no Uruguai, encerrando sua apresentação na batalha de Salsipuedes. Perguntei-lhe se em algum momento ouviu falar sobre a atualidade dos descendentes. Sobre isso me disse:

A cento e poucos quilômetros daqui de Santana do Livramento, na cidade de Tacuarembó, eles tentam explorar turisticamente a existência de alguns descendentes charruas, mas desconheço a existência de alguma reserva. O descendente não perde os traços fisiológicos e vemos nas fotografias a existência de alguns deles. A minha esposa [Ana], é uruguaia tem descendência por parte de pai, a descendência é Charrua. Se há uma descendência mesmo que seja distante em algum momento vai aparecer devido à genética. [...] são traços que não tem como se perder os filhos sempre vão

carregar a herança genética. Mas se tu circular na periferia de Livramento tu encontra o bugre, o mestiço: estes sim, estão em todos os lugares.

Antes de rumar à casa do meu casal de amigos, resolvi ir até o mercado da esquina onde conheci outra Ana, a dona do mercado em questão. Ela é uma mulher de aproximadamente quarenta anos, uma guerreira que luta contra o câncer já há alguns meses. A partir de nossa conversa soube que ela realiza o tratamento em Tacuarembó, pois lá tem um centro que é referencia na América Latina.

Em nossa conversa disse a ela que iria à Tacuarembó e ela comentou que conhecia uma mulher que ia e vinha todos os dias pela manha, pois ela levava as pessoas para realizar o tratamento de quimioterapia e radioterapia. Ana anotou o numero do telefone dessa mulher. Seu nome é Yara, ela é uruguaia e faz esse trabalho há mais de cinco anos. Liguei para ela em seguida e agendei minha ida a Tacuarembó para o dia seguinte pela manha às seis horas. A vantagem de ir com Yara é que ela nos buscava em casa e o valor era exatamente o mesmo do ônibus.

Outro nome mencionado por Ana, como sendo uma referencia em Tacuarembó, foi o do enfermeiro Jorge, o “Tino”, que é um homem muito conhecido e admirado por todos os pacientes. Ele conhece todas as pessoas que vivem na região e que se trata(ra)m naquele hospital. Anotei essas referencias, fui para casa de dona Lourdes e organizei minhas coisas para o dia seguinte. Era um dia muito importante que estava por vir, demorei muito a dormir naquela noite.

Na manha desse dia viajei para Tacuarembó, mas não encontrei o Daniel, conforme o inicialmente pensado, mas Wilmar Gomez, o Cubano, de cinqüenta e seis anos. Nós nos conhecemos logo na primeira noite em decorrência do desencontro entre eu e o Daniel e de minha ida para a casa do casal Sosa.

Assim como o casal mencionado, o Cubano também é membro de um grupo de motoqueiros que existe em Tacuarembó chamado Panteras do Asfalto. Eles participam de uma série de eventos realizados em diversos lugares do continente americano, como Argentina, Chile, Brasil e Estados Unidos.

Descendentes de africanos naturalizados cubanos, segundo ele, há muitos anos, relatou-me que aprendeu com sua avó materna os segredos do trato com rezas e ervas de chá. Esse conhecimento parece ter trazido a ele um status diferenciado naquela cidade. Sendo uma pessoa muito conhecida em Tacuarembó, conhecê-lo me possibilitou transpor algumas dificuldades que eu sabia que estavam por vir. Uma delas foi, por exemplo, o problema das distâncias que existe entre os lugares que eu pretendia visitar: o *Cementerio del Indio*, o *Chorro de Agua Fria*, a região de Tambores, onde vivem alguns parentes do Cubano,

assim como a região do *Valle del Éden*, entre outros, localizados em regiões afastada da cidade. Para alguns desses lugares sequer existe um meio de transporte que não seja o taxi, porque a cidade de Tacuarembó não possui serviço de transporte coletivo.

Ele é proprietário de uma moto Harley-Davison, cor azul cintilante, que, segundo ele, existem apenas cinco outras iguais no mundo. O Cubano é solteiro, tem quatro filhos que vivem, respectivamente, com suas mães em outras cidades do país. Ele vive em uma casa com bastante espaço no centro da cidade, na avenida principal *18 de Julio*. Junto com ele vive apenas seu irmão adotivo Ernesto García. Ernesto é um homem de 43 anos, que tem alguns problemas mentais e de saúde. A história de vida de Ernesto e sua origem familiar merecem algumas palavras nessa apresentação.



CUBANO E SUA HARLEY- VISITA AO CHORO DE ÁGUA FRIA – TACUAREMBÓ 2012



Durante minha estadia em Tacuarembó, em dezembro de 2011, Cubano concedeu-me a primeira entrevista contando sobre sua vida. Perguntei o que sabia sobre a família García, se havia conhecido o pai de Bernardino García, Avelino Lino García. Contou-me que conhecia há muitos anos, mas que pouco os via pela cidade. Contou-me que tinha poucas recordações sobre Avelino García e que uma dessas era a lembrança de vê-lo chegar ao centro da cidade, montado em pelo em um cavalo, de vê-lo amarrar seu cavalo nas árvores em frente às casas as quais quase sempre estava a cobrar o pagamento por algum serviço prestado.

Entretanto, disse-me que a temática charrua não era novidade em sua família devido a um episódio ocorrido a mais de quarenta anos atrás e que envolveu sua mãe Orfelina Gomez e seu irmão Ernesto García. Relatou-me que, em meados da década de 1970, sua mãe, uma mulher que sofria com problemas respiratórios, foi hospitalizada depois de uma crise muito forte.

Naquela ocasião havia nascido uma criança cuja família havia deixada para adoção. Segundo o relato do Cubano, tratava-se de um menino filho de uma jovem índia e de um rapaz também jovem, esse de pele branca e olhos azuis. Provavelmente, o rapaz não quis ou não foi permitido reconhecer a criança em questão, talvez nem soubesse de sua existência. A jovem índia, que na época contava com treze ou quatorze anos de idade era Orfelina García, irmã mais velha de Bernardino García. Parece que a decisão de não ficar com a criança partiu do pai da moça: Avelino Lino García. Os motivos teriam sido decorrentes da enfermidade de Ernesto e o fato de ele possuir cabelos loiros e olhos azuis. Talvez estejamos diante de uma não aceitação por parte dos indígenas com relação á mistura étnica de índios e europeus.



ERNESTO GARCÍA SOBRINHO DE BERNARDINO GARCÍA E IRMÃO ADOATIVO DE CUBANO- TACUAREMBÓ 2012

Para dar início a essa reflexão apresento a seguir uma etnografia realizada em La Fiesta de la Patria Gaucha en Tacuarembó, edição de 2013.

2.2 La Fiesta de la Patria Gaucha en Tacuarembó

“Ahora ya no se habla tanto de la gauchería en la Fiesta de la Patria Gaucha en Tacuarembó”
(Renzo Pi Hugarte).



ENTRADA DE TACUAREMBÓ PELA RUTA 5 - 2012

É comum no Uruguai a celebração de festas *criollas*. Mas, a cidade de Tacuarembó é sede de um dos maiores festivais de celebração da cultura *gaucha*. “*La Fiesta má criolla, em el pago más grande de la pátria*”, assim é conhecido o evento na região. Tacuarembó é palco da maior edição do festejo podendo receber no primeiro dia mais de dez mil pessoas.

Estes festejos têm por finalidade a celebração da identidade *criolla*. Sua expressão é muito intensa, tornando a sua ocorrência um evento de repercussão nacional e até mesmo internacional, porque muitos brasileiros e argentinos que vivem nas fronteiras de seus países com o Uruguai também participam (HARTMANN:2007).

A realização desses festejos à exaltação da identidade *criolla* tiveram início na década de oitenta, no período em que o Uruguai vivia o processo de redemocratização política, para ensinar um modelo identitário necessário aos novos tempos (HARTMANN:2007).

É importante destacar que nesse mesmo período histórico ocorreram as primeiras manifestações públicas de indivíduos que cobravam do Estado e da sociedade o reconhecimento da continuidade étnica dos Charrua no Uruguai. A conjugação desses acontecimentos talvez tenha contribuído para a delimitação de uma identidade dos uruguaios. Na cidade de Tacuarembó a realização desse evento inicia a partir de 1986, ano da primeira edição dessa festa na cidade. O que pretendo dizer encontra-se bem ilustrado nas palavras de Lopes Mazz:

En los últimos años, se han dinamizado los escenarios de actualización de la identidad nacional con la restauración de antiguas fiestas criollas. Este movimiento cultural tradicionalista, mediatizado y mercantilizado por agentes políticos locales, ha contribuido a contextualizar, y reinterpretar la información proveniente de la investigación arqueológica y antropológica. (LOPES MAZZ:2005).

Para Roberto Cáceres, a Festa da Pátria Gaucha marca “*un período de celebración a los antepasados, los que una vez iniciaran lo que hoy se entiende por cultura gaucha y identidad uruguaya*” (2012).

Esse processo de ritualização também garante a marcação de um tempo e um espaço atípico dentro do tempo social ordinário, uma vez que possibilita delimitar, antecipadamente, a sua duração e, em certa medida, prever as etapas a que será encaminhada (HARTMANN:2007).

Entretanto, mesmo sendo fruto de mobilização coletiva da comunidade que protagoniza, torna-se necessária a presença e a legitimação dos agentes públicos para estabelecer o caráter oficial da festa. Nas palavras do sociólogo Pierre Bourdieu, o rito não pode ser auto administrado, ele necessita de uma autoridade superior como a Igreja ou o Estado (*apud* SEGALÉN, 2002:40).

O encontro desses personagens sociais garante a atualidade da integração entre os participantes, ou seja, a presença nos rituais se torna um guia para avaliar o grau de integração dos indivíduos à comunidade (SEGALÉN, 2002:40).

Tratando-se de uma breve etnografia de La Fiesta de la Patria Gaucha, são diversas atrações que se realizam ao longo dos quatro dias de sua duração. Entre 6 e 10 de março de 2013 ocorreu a 27ª Fiesta em Tacuarembó. Eu cheguei à cidade por volta das dezessete horas de quarta feira. Nesse primeiro dia as atividades principais ocorrem no centro da cidade, na Praça 19 de Abril. Já às dezenove horas chegaram nesse mesmo espaço o *chasque*¹². Em

¹² “os chasques marcheros eran portadores de los mensajes de estilo, y su misión era entregar a las autoridades en Tacuarembó el poncho del chasque y el talero portador de los mensajes. O chasque, recorrió 600 kms. en 15 etapas, con 15 jinetes y 15 caballos, con salida desde el ‘Paso de la Arena’ el día 5 de marzo a la hora 8.00 horas y pasando por los Campamentos Artiguistas de San José, Santa Lucía, Canelones, Las Piedras, el Cerrito, Tres Cruces, Sauce, Casupá, Durazno, Paso de los Toros y Batoví, llegando a Tacuarembó tras 36 horas de marcha,

meio a praça estavam centenas de pessoas a espera da chegada dessa caravana símbolo da abertura desse ritual.

As atividades culturais as quais participam as sociedades tradicionalistas como Patria e Tradiccion, a qual pertencia Bernardino García, entre outra dezena delas, são responsáveis pela reconstrução desse cenário que, particularmente, contribui para esse deslocamento no tempo. Essas sociedades antecipadamente dividem as atividades que cada uma realizará na construção do espaço. Para esse ano, foram construídas a réplica de uma igreja¹³, a casa de policia, os ranchos e o Acampamiento de la Purificación ou artiguista, que, sem dúvida, é um dos mais visitados na festa.



MAPA DO ACAMPAMENTO ARTIGISTA DESENHADO EM COURO ANIMAL

Paralelo à construção do cenário que inicia uma semana antes da abertura oficial do evento, ocorrem atividades campeiras¹⁴, o artesanato e o preparo da comida típica do início do século dezenove. Entre as competições que ocorrem ao longo dos quatro dias destaco as jineteadas, as domas, o tiro de laço, a corrida de carreira de potros, entre outras. Segundo Hugo Pereda, organizador do evento, são muitos cavalos e montadores disputando um premio: *“en esse año [2013], tenemos un concurso de más de 370 monturas e um desfile com mais de onze mil cavalos”*.

Uma das mais belas atividades de La Fiesta de la Patria Gaucha são as construções feitas com pedra, barro e palha. São réplicas de habitações característica das famílias que moravam nos campos à época do século dezenove. As réplicas das *tolderías charrua* não

el miércoles 6 de marzo a las 20.00 horas. al acto de inauguración de la fiesta, en la Plaza 19 de Abril de Tacuarembó” (Diario El Avisador – Tacuarembó, março 2013).

¹³ No ano de 2013 foi reconstruída a replica dos destroços da igreja de Paysandu.

¹⁴ Competições entre as sociedades tradicionalistas.

foram construídas na edição de 2013, mas tive a informação e inclusive fotos de edições anteriores.¹⁵ Em um cenário que pretende reconstruir os antigos espaços de convivência no período de formação da sociedade e da identidade uruguaia, a construção dos ranchos de barro destacam-se por sua simplicidade.



FESTA PATRIA GAUCHA – TACUAREMBÓ 2013

Eu aproveitei essa oportunidade para conversar com alguns uruguaios. Camilla, 13 anos, pertencente a sociedade tradicionalista San Gregório. Ela disse a mim que *“la patria gaucha es algo simbólico, la mayoría de la gente que vive en Tacuarembó viene... Es linda”*. Eu presenciei ainda a manifestação de Hugo Pereda, que explicou em poucas palavras a um entrevistador de Montevideu em que consistia tal evento: *“la fiesta de la patria gaucha se trata de un concurso de sociedades nativistas en el que las asociaciones tienen que hacer un fogón donde invitamos a estar todos nuestros amigos”*.¹⁶

A presença de personagens ilustres, como a da princesa francesa Laetitia D’Aremberg, madrinha da festa, assim como representantes e autoridades locais, membros da elite intelectualizada foi de fundamental importância na abertura oficial da festa, garantindo desse modo a legitimação da celebração ao mesmo tempo os discursos patrióticos no palanque, por exemplo, durante a leitura dos termos da *Purificación*¹⁷ e o canto do hino nacional uruguaio. Trata-se da afecção necessária para que o coletivo assumira a sua participação no ritual.

¹⁵ Inclusive há fotos de Bernardino sentado em baixo de uma toldeira em 2011.

¹⁶ Ainda nas palavras desse homem, esse encontro inicia sempre em uma quarta-feira e estende-se até o próximo sábado, dia em que é realizado o desfile: *“en la noche del sábado tenemos un baile en un galpón con piso de tierra”*. Já o dia e o mês do ano podem variar dependendo do que for estabelecido pelo calendário municipal de atividades. Assim, comumente, as edições desse evento são anuais, mas ele pode ocorrer mais de uma vez por ano. Nos últimos anos as edições tem acontecido no mês de março.

¹⁷ No ano de 2013 comemorou-se o centenário do ANO XIII e da redação da *Purificación* documento que previa as diretrizes políticas do governo de José Artigas e seus deputados. O documento foi redigido em abril de 1813.

Uma das atrações dessa Festa é a construção dos ranchos de barro e das tolderías charrua. Elas compõem um grande cenário dividido pelas mais de vinte sociedades tradicionalistas envolvidas no evento. Entre elas podemos citar: Caraguatá, El Fogón de Curtinha, los Timones de Ansina, Batoví- Bonilla, Refugio de los gauchos, Patria e Tradición, entre outras, todas de Tacuarembó. Esse ano participaram também as sociedades Juan E. Gastelú de Paysandú e a A.T.R.I da cidade de Rivera.



ACAMPAMENTOS DAS ASSOCIAÇÕES TRADICIONALISTAS - FESTA PATRIA GAUCHA – TACUAREMBÓ 2013

Além disso, há também as sociedades convidadas. Estas montam seus espaços do lado de fora do cenário da festa, constroem seus ranchos e também seus fogões. O que acontece é que a sociedade convidada que mais se destacar – na avaliação do fogão e também nas competições- terá a oportunidade de montar seu acampamento dentro da festa no próximo ano. Em contrapartida dentro da festa, a sociedade que receber menos prêmios terá de montar seu acampamento do lado de fora.

A avaliação dos fogões é realizada por historiadores, investigadores e autoridades no assunto. Juntos eles formam uma comissão avaliadora que percorre os ranchos na tarde de sexta feira, julgando se as construções são fiéis ao que projetam as suas pesquisas historiográficas. Além disso, outro grupo de avaliadores é responsável por experimentar e avaliar a comida preparada em cada um dos ranchos.

Vejamos agora alguns dados acerca da participação do Charrua Bernardino García nesse evento.

2.3 A participação do Charrua Bernardino García em La Fiesta de la Patria Gaucha



BERNARDINO GARCÍA EM DESFILE NA PATRIA GAUCHA EM 2000 - TACUAREMBÓ 2012

A presença do Charrua Bernardino García em La Fiesta de la Patria Gaucha ocorreu pela primeira vez em 2002. Em conversa com Bernardino García, ele me relatou sua primeira experiência no desfile e os primeiros estranhamentos sentidos com sua identificação enquanto Charrua, afinal, deboches, risadas, gritos de “*borracho*”, zombarias foram as homenagens que a população prestou a esse homem quando o viu no desfile.

María Zully Romero García, esposa desse homem, contou-me entristecida que a primeira vez que “*desfiló Bernardino vino un muchacho e me dice: ¿cómo puede ser indio se es un borracho? Yo le dije que los indios se emborrachan es por la amargura*”.

Todo o ano que recebeu o convite da Associação Patria e Tradiccion se punha a organizar o seu “traje”, que consistia no uso de uma vestimenta tipicamente charrua: com o peito exposto, um pedaço de couro de veado que envolvia sua cintura, um ornamento na cabeça que consistia em uma tira de couro com duas penas de ñandú e, por fim, sua lança. Tudo isso confeccionado por ele, somente o couro de veado foi confeccionado por uma costureira conhecida da sua família.



BERNARDINO GARCÍA NA FESTA DA PATRIA GAUCHA - TACUAREMBÓ

Ainda segundo relato desse homem, muitas fotos, entrevistas, perguntas e curiosidades marcaram sua presença na Festa da Pátria Gaucha. Ele participou do desfile e mesmo no frio de setembro – mês em que se realizaram as primeiras edições das quais participou – ele não desanimava e acompanhava a caminhada até o fim. Nas palavras de Roberto Cáceres, amigo da família García:

Bernardino desfilaba porque a él le gustaba, no te sabría decir si la primera vez fue por invitación de la comisión organizadora o por la intendencia, y la fecha que lo hizo por primera vez no lo sé, su participación en el desfile como en las representaciones de los fogones siempre fue como algo decorativo o folclórico, y no porque a los organizadores les interesara resaltar y rescatar nuestro pasado indígena. Esto que digo quedo demostrado cuando Bernardino se enfermó y realmente precisaba recursos, los que utilizaron su imagen no se acercaron para preguntarle si precisaba algo. (2013)



Em conversa, Bernardino García relatou-me que há alguns anos atrás não desfilou por proibição da própria Intendência da cidade, em decorrência da vinda de uma francesa. Eu pedi a Bernardino que me falasse um pouco mais sobre esse episódio: *“en el año de 2005 no desfile porque llegó a ciudad una estanciera francesa y la intendencia me prohibió de desfilar”*. Sobre esse episódio, Roberto Cáceres relatou-me ainda o seguinte:

Referente a la francesa, pienso que debe ser la princesa Laetitia Darimberg que desde hace unos años es madrina de la fiesta y estos ultimos años el lanzamiento de la fiesta se hace en un tambo tematico y turistico que ella tiene en Punta del Este, hasta donde sé a Bernardino nunca lo invitaron a estar presente ahí, ella ha desfilado varias veces pero los detalles de ese episodio no los sé. (Março, 2013)

A idéia geral entre os intelectuais sobre a participação de Bernardino García nesse tipo de evento não parece ser de grande destaque e repercussão, uma vez que ele permanecia mais no espaço da *toldería* do que no central, por onde circulam a maioria dos participantes. Inclusive, a sua condição de descendente não era bem quista, era ocultada aos olhos das autoridades locais, que preferiam dar destaque, por exemplo, à vinda da princesa Laetitia Darimberg. Para exemplificar essa posição, trago as palavras de Lopez Mazz:

En la Fiesta de la Patria Gaucha de Tacuarembó, la más grande e importante del país, el bisnieto del último cacique charrúa, posa de taparrabos, al frente de una réplica de toldería indígena(2005).

Em conversa com Bernardino García pude ouvi-lo relatar a primeira experiência de desfilar e os primeiros estranhamentos sentidos com sua identificação como Charrua. O próprio Bernardino mencionou o seguinte para mim: *“A alguns anys en el desfile de la Patria Gaucha, que se hace aca em Tacuarembó me pidieron que me pintara y yo lo rechace”*.

Ao pesquisador Pablo Silva (2001), Bernardino García também comentou este episódio porem de maneira menos resumida do que fez a mim, dizendo ainda que:

Yo les dije que si me iban a pintar ni me subía al caballo. Si yo voy a representar lo que soy, la pintura pasó a la historia. ‘Pero calcule que seguramente ellos veían milles de veces indios pintados em las caricaturas y por eso era que me preguntaban a cada rato si a mí me gustava’. (2001)

Quando perguntei a esse homem o que ele sentia quando estava em meio a ranchos de barro, as *tolderías* e os paisanos, disse-me: *“me gusta mucho es un momento que puedo demostrar que soy indígena y estoy orgulloso de ello”*.

A participação de Bernardino nas edições da Festa da Patria Gaucha deu-se por iniciativa do próprio ancião e pelo convite da Sociedade Tradicionalista de Tacuarembó Patria e Tradiccion. Devo ressaltar que, nunca houve interesse das autoridades locais em homenageá-lo. O que ocorria, segundo ele mesmo relatou-me, era que *“muchos se*

aprovecharon [...], fotos mias hicieron muchas, pero nunca me preguntaron si yo necesitaba algo”.



RETRATO DE BERNARDINO – CASA DOS GARCÍA - 2012



BERNARDINO GARCÍA - PATRIA GAUCHA – TACUAREMBÓ

Já é visto que Bernardino García trata-se de meu grande interlocutor. No próximo tópico eu o apresentarei junto com sua família e seus ancestrais, além de apresentar uma discussão teórica sobre invisibilidade.

2.4 Uma Apresentação das Parentelas García

A temática da emergência ou da desinvisibilização indígena em um país como o Uruguai torna-se difícil de equacionar analiticamente por contrapor questões já fortemente estabelecidas.

Esses processos vivenciados pelos povos originários em toda a América Latina, nos últimos séculos e décadas, encontram grande resistência, em especial, dentro do marco político e econômico uruguaio. Afinal, os processos de resistência estatal e social determinam a maneira como a sociedade encara a questão indígena. Assim, o que se percebe são as elites econômica e intelectual incidindo na manutenção de estereótipos historicamente construídos ou desconstruídos pela ideologia vigente (CATAFESTO:2012).

Tratando-se do Uruguai, a reatualização étnica expressa na reivindicação de reconhecimento como descendente de povos originários, estende-se nas tentativas de preservar os lugares indicados como sagrados aos antepassados charrua (*los cerros, los riachos*), na tentativa de recuperar a língua e na realização de rituais religiosos, como a apresentação à lua de crianças que nascem, esses necessários à manutenção de sua espiritualidade. Trata-se da dinamização e atualização de antigas filiações étnicas às quais seus portadores tinham sido induzidos ou obrigados a renunciar e agora as recuperaram porque delas pode-se esperar potenciais benefícios coletivos (BARTOLOMÉ:2006).

Esses componentes em relação nesse processo de (re) descobrimento, conformam elementos significativos para a composição de suas (novas) identificações. Trata-se de um processo de renascimento, talvez mais que de etnogênese. Renascimento protagonizado por populações que conseguiram ou estão reatualizando a sua identidade, essa que parecia fadada ao desaparecimento. (BARTOLOMÉ:2006).

Dessa forma, esse trabalho busca descrever esse cenário em que os agentes estão envolvidos, em uma tentativa de mostrar que esses indivíduos sempre estiveram presentes na sociedade uruguaia sem nunca terem deixado de existir. Os povos nativos sempre estiveram ali, não como fósseis vivos, mas sim como sujeitos e participantes da história, como grupos dotados de dinâmicas que transcendem as percepções estáticas (BARTOLOMÉ:2006).

Segundo Eduardo F. Acosta Y Lara (1981), a imposição de políticas de extermínio físico e de esquecimento levaram os Charrua a ocultarem sua identidade deixando de transmitir aos descendentes, parte desse legado, que tem por orientação uma relação diferente da que possui a sociedade envolvente com seus recursos naturais e humanos. As pessoas que tiveram seus antepassados assassinados no Massacre de Salsipuedes, entre 1831 e 1832, parecem terem feito do silêncio uma opção de resistência.

Cabe ainda dizer que, a tentativa de extermínio físico e identitário dos Charrua enquanto um coletivo não resultou no desaparecimento total desses indivíduos, mas, sim, na sua restrição como protagonistas de seus modos tradicionais de vida. Falarei mais acerca disso, bem como, as conseqüências dessa decisão, logo a seguir, quando apresentar a parentela de seu Bernardino García.

Inicio por uma análise do artigo do historiador Acosta Y Lara, intitulado *Una Linaje Charrua en Tacuarembó*, publicado em 1981. Trata-se do primeiro pesquisador a tratar o tema dos descendentes Charrua no Uruguai e, sem dúvida, seu estudo contribuiu significativamente para as análises das gerações seguintes dos historiadores e, agora, as desse texto. É com base nesse artigo que inicio a apresentação dos personagens que compõem o cenário onde se desenvolvem as minhas reflexões.

Em 1949, no diário *La Mañana* aparece uma nota sobre o Charrua Avelino Lino García e sua família. Somente em 1973, com a morte de Avelino, Acosta Y Lara vem a estabelecer contato com a família desse ancião. Segundo esse historiador, o cacique Sepé teve dois filhos, de nomes Santana e Avelino. Acosta Y Lara e outros historiadores assumem a possibilidade de Sepé, esse também chamado de cacique Polidoro ou Poli dório, haver recusado o convite para o banquete em Salsipuedes por não acreditar no General Fructuoso Rivera, desse modo escapando com vida desse massacre, em 1831.

Retomando, os filhos Santana e Avelino do cacique Sepé teriam sido recrutados à força pelo Exército uruguaio, tendo sido enviados aos regimentos de Paysandu e Tacuarembó respectivamente, segundo investigação realizada pelo professor uruguaio Omar Ernesto Michoelsson (2005).

Agora conforme a memória de Bernardino García, bisneto do cacique Sepé e filho de Avelino Lino García, Santana morreu em uma guerra. Por sua vez, Avelino migrou para o interior do Departamento de Tacuarembó e agregou-se, junto com sua esposa e filhos, a uma família de sobrenome García. Os filhos de Avelino, segundo a genealogia construída pelo professor Michoelsson, foram os seguintes: Juana, Gregória, Antonia, Lino e Gregório García. Entretanto em uma de minhas conversas com Bernardino García, ele me disse que Lino García seria o seu pai, cujo nome era Avelino Lino García.

Sabemos por essa mesma genealogia que Juana García se uniu a um homem de nome desconhecido e sobrenome Gonzáles, juntos eles tiveram cinco filhos. Por sua vez, Antonia García aparece como tendo um filho de nome Augustín. Já sobre Gregória García, nada consta. Por fim, Gregório García casou-se com uma missioneira de nome Justiniana Yasuiré e teve com ela onze filhos, um deles de nome Tomás García Yasuiré, esse pai de Cristobal García Yasuiré.

Cristobal García Yasuiré eu tive a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente em Tacuarembó, durante meu trabalho de campo, em abril de 2012. Trata-se de um “*maestro de baile*”, como ele mesmo gosta de se apresentar, na verdade, sendo mais conhecido às pessoas como Caramelito. Ele tem 87 anos de idade e segundo seu testemunho trabalhou a vida toda como caixeiro viajante. Casou-se quatro vezes e teve um total de quinze filhos. Com a primeira esposa, de nome Blanca Eusébia, teve apenas uma filha: María Esther; com a segunda, Nair Lopez, teve oito filhos: Idilfanis García Lopez, María Cristina García Lopez, José Luís García Lopez, María Elena García Lopez, Emília Teresa García Lopez Cristobal García Lopez, Hector García Lopez e Beatriz Jackeline García Lopez e um oitavo não nominado. Tratando-se da terceira esposa, ela tinha o nome de Cira Nelly Gomez e com ela tiveram outros seis filhos: Cristobal García Gomez, Laura Beatriz García Gomez, Silvia Margot García Gomez, Nelly Gabriela García Gomez, Cira Karina García Gomez e Marcelo Rafael García Gomez. Por fim, seu último relacionamento conjugal é com Amália.



CRISTÓBAL GARCÍA YASUIRÉ E SUA COMPANHEIRA AMÁLIA

Durante meu trabalho de campo eu tive o privilégio de conhecer, Idilfanis García Lopez, María Elena García Lopez e Beatriz Jackeline García Lopez. Por sua vez, filhas do segundo

casamento de Cristobal García Yasuiré. Todos apoiaram a minha pesquisa, subsidiando-me com dados bastante importantes. Eles foram muito atenciosos e hospitaleiros nas duas vezes em que eu os visitei.



CRISTÓBAL GARCÍA YASUIRÉ – TACUAREMBÓ 2013

A partir da minha pesquisa concluo ainda que existem distintas parentelas charrua que vivem na cidade e no Departamento de Tacuarembó, estando elas no campo da invisibilidade, com exceção, é claro, de Bernardino García. Assim, os descendentes do cacique Sepé atualmente são nomeados pelos seguintes sobrenomes: García, Romero, Nuñez e Rodriguez. Esse dado me foi apresentado por Blanca Rodriguez e por Roberto Cáceres, ambos descendentes charrua.

BLANCA RODRIGUEZ – SALSIPUEDES 2013





Em particular, Blanca Rodriguez me disse que essas famílias são numerosas e que em algumas delas na própria parentela há divergências sobre a predominância da matriz ameríndia (ou não) e, por consequência, sobre o autoreconhecimento charrua.

Cristóbal García Yasuiré parece-me um exemplo dessa condição: ele identifica-se como descendente de uma parentela cuja origem remete a Sepé, definindo-se inclusive como tataraneto desse cacique e primo de Bernardino García. Porém, na tentativa de reforçar uma matriz diferente desse, em uma espécie de disputa de legitimidade com Bernardino García, ele enfatizou-me o quanto se sente orgulhoso de sua ascendência guarani, em suas palavras, *“guarani por parte de mãe”*. De fato, existe referência historiográfica sobre uma parentela Guarani na região de Tacuarembó, sendo identificada pelo sobrenome Yasuiré: *“soy tataranieto del cacique Sepé y soy muy orgulloso que em mi venas corra la sangre charrua e también la sangre guarani.”*

O investigador Omár Michoelsson, em um de seus artigos publicados no *Diário Batoví*, apresenta dados de sua pesquisa sobre a influência dos Guarani nessa região e a sua presença depois de 1830. Em acordo com seu texto, o sobrenome Yasuiré tem destaque.

Da mesma forma, o sobrenome Yasuiré é mencionado por Oscar Padrón Favre (1986) em seu estudo sobre a influência indígena no Uruguai. Para esse autor, a influência guarani na formação do país é maior do que se costuma imaginar. O argumento de Favre reforça a idéia

de que os Guaraní foram assimilados pela sociedade vigente, considerando que houve, segundo ele, uma menor resistência desses em comparação aos charrua tidos como “índios infiéis”.

Nesse sentido, entendemos que a história e a memória coletiva exercem uma fundamental influência nesse processo, na medida que elementos dessas duas ordens de pensamento tendem a se complementar, em um movimento dialógico, na formulação de suas explicações.

Por outras palavras, essa articulação entre essas duas formas narrativas, história e memória coletiva, possibilita o fortalecimento do sentimento de vinculação à experiência vivida ou narrada pelos diferentes grupos. Da mesma forma que a integração de dados da ordem da história tem repercussão na ordem do coletivo, a memória de um grupo somente existe e tem duração se estiver ligada a um indivíduo (BACHELARD, 1988).

Para Maurice Halbwachs (2006), a memória tira a sua força e a sua duração dos indivíduos que se lembram enquanto integrantes de um grupo. Dessa maneira, temos que cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, e que esse ponto muda segundo o lugar que se ocupa e segundo as relações que as pessoas mantêm inclusive com seus ambientes.

Em sua ampla dimensão, a memória coletiva mantém as memórias individuais em uma condição dialética, movimentando-as de maneira estruturante e estruturada (GIDDENS, 2009). Desse modo, elas se interpenetram com frequência, e a segunda busca confirmar na primeira algumas lembranças “eleitas”, tornando-as mais palpáveis (HALBWACHS, 2006).¹⁸

Aproximando essa questão com o que venho discutindo sobre os descendentes charrua, reparo em meus dados etnográficos que a configuração da memória desses indivíduos frequentemente reporta-se ao Massacre de Salsipuedes, de 1831, instituindo assim como que um marco que divide o tempo em duas ordens: antes e depois desse massacre protagonizado pelo Estado uruguaio.

Mesmo ocorrendo muitas vezes a opção pelo silêncio e/ou pelo esquecimento desse fato em suas memórias, determinados aspectos das vidas contemporâneas e do cotidiano desses descendentes charrua nos possibilita, à luz dos dados historiográficos, a compreensão do que se apresenta ambíguo: a origem e, por consequência, o autoreconhecimento e a identidade uruguaia.

Para encerrar esse tópico, os trabalhos de Michoelsson, em diálogo com o de Acosta Y Lara e de Oscar Padrón Favre, unidos aos relatos desses interlocutores, forneceram uma riqueza de subsídios para pensarmos a descendência charrua no Uruguai nos dias de hoje.

¹⁸ Esse movimento, por exemplo, foi bem expresso por Dominique Gallois, quando ela sugere em sua análise sobre a sociedade waiãpi da Amazônia brasileira, a categoria de etnohistoriografia.

Vejamos isso mais detidamente agora tomando o caso de Bernardino García, um homem que decidiu olhar de frente para esse trágico acontecimento e romper o silêncio e o esquecimento dos Charrua em Tacuarembó e no Uruguai.

2.4.1 A Descendência de Avelino Lino García Pelo Filho Bernardino García

A partir de agora apresento a descendência de Avelino Lino García, através do texto mencionado anteriormente de Acosta Y Lara e dos diálogos estabelecidos por mim com seu filho Bernardino García, nas três primeiras oportunidades que fiz trabalho de campo, em sua casa situada no bairro Don Audemar em Tacuarembó, nos meses de dezembro de 2011, fevereiro e abril de 2012.



BAIRRO DON AUDEMAR- TACUAREMBÓ URUGUAI

Inicialmente, trago a descendência de Avelino Lino García, dados que aparecem no texto de Acosta Y Lara (1981), mas pelo nome de Lino García. Foi por essa mesma linha que iniciei meu trabalho de campo fazendo contato com a família de um dos seus filhos: o Bernardino García Lemos, conhecido principalmente como Bernardino García (dessa forma eu o mencionarei em meu texto).



Bernardino García é filho de Avelino Lino García e Celina Lemos, uma possível descendente de espanhóis. Bernardino García nasceu na região de *Rincón das Tranqueiras*, no interior do Departamento de Tacuarembó, em 1942.

Ele casou-se com María Zully Romero García pouco antes do falecimento de seu pai, Avelino Lino García, em 1973. Em especial, eles se conheceram na *tabacaleira* (indústria cigarreira), que funcionou em Tacuarembó, em meados dos anos 1960, na qual ambos trabalharam por muitos anos como empacotadores de fumo.

Bernardino García e María Zully Romero García tiveram sete filhos. Quando María se casou com Bernardino ela já tinha duas filhas: Sandra Verônica e Ana María. A primeira teve duas filhas com os nomes de Marcela e Karen, já Ana María, casada, é mãe da pequena Augustina Magali, de três anos.



AUGUSTINA MAGALI NETA DE BERNARDINO GARCÍA- TACUAREMBÓ 2012

Entre os filhos que tiveram nasceram, obtive os seguintes dados: Angel Daniel, militar que vive em Montevideu, María de Luján, Lino Fabián, Patricia Isabel, Luis Eduardo, Oscar Liberato e Milka Susana (Susana), que é a mais nova dos filhos do casal. Susana tem uma filha chamada Mía Guadalupe, de seis anos de idade. Sandra e Ana María vivem com a família no bairro Don Audemar, Susana viveu ali junto até meados de 2012. Com trinta anos de idade, ela é enfermeira e teve de mudar-se para Montevideu por não conseguir trabalho na cidade de Tacuarembó.

Um dado importante sobre esse casal merece ser mencionado. Como já mencionado, antes de se casar com Bernardino García, María tinha duas filhas de um relacionamento anterior. Ambas foram assumidas por Bernardino depois do casamento. Mas devido a isso eles tiveram que pedir a permissão para o sogro Avelino Lino García para que ocorresse, então, a união matrimonial.

Retomando-se o texto de Acosta Y Lara (1981), sabe-se que o despertar do interesse e curiosidade pela questão indígena chegou a essas pessoas em decorrência de um momento familiar trágico: o falecimento de Avelino Lino García, em 1973. A notícia da morte do ancião causou um entusiasmo na imprensa que passou a buscar mais informações sobre a vida de Avelino, supostamente, o “último charrua” e seus familiares.

Conforme palavras de seu Bernardino García, em uma entrevista cedida ao pesquisador Pablo Silva (2001), “*nesse mismo dia vino la prensa de Montevideo, Tacuarembó, incluso de Brasil e Argentina*”. Além disso, a própria vizinhança passou a comentar tal evento. María Zully Romero García contou-me que nesse fatídico dia ela saiu à rua e uma vizinha disse-lhe: “*mirá, tu suegro era indígena*”.

Como não poderia ser diferente, a notícia causou grande surpresa na família, que sem saber a quem recorrer para certificar-se da informação, decidiu procurar o médico do posto de saúde Jose Juan Alexandro, que teria atendido Bernardino em outra ocasião. Ainda segundo María, tal médico lhes disse que era muito provável que fosse verdade a afirmação devido ao seu fenótipo marcadamente indígena.

A partir desse momento, Bernardino García decidiu ser um “*indio*”, afinal, disse-me, “*siempre senti algo*”. Então, ele iniciou uma nova etapa em sua vida, buscando elementos que fundamentassem sua nova identidade. Em um movimento diferente daquele realizado pelo pai Avelino Lino García, que decidiu por suas razões manter-se em silêncio, o filho Bernardino García resolve que era chegado o momento de falar – e tornar-se visível para a sociedade tacuarembense e para a nação uruguaia não esquecer o trágico passado dos Charrua nesse país.

Além disso, ele deu início a uma pesquisa histórica sobre esse tema. Um dos materiais que ele pesquisou foi *La Guerra de los Charrúas*, de Eduardo F. Acosta Y Lara. Esse livro está dividido em dois tomos: o primeiro trata do período hispânico; o segundo, do período pátrio. No prefácio da última edição, de 2012, temos a opinião de dois historiadores uruguaios sobre a importante contribuição dessa obra. Vejamos a posição de Barrios Pinto:

Un libro, editado por primera vez en 1961, que su autor encaró en forma pionera en nuestro medio, publicando íntegros los documentos que ubicó en su que hacer investigativo y comento sagazmente y con rigor heurístico, apoyándose en numerosa citas documentales. Años después, en el curso de 1969 y 1970 editó la documentación correspondiente al período patrio, con comentarios de la misma solidez. Concluí diciendo que ambos os trabajos se han transformado en un libro clásico, avalado por la indicación precisa de las fuentes y bibliografía examinadas en repositorios nacionales y del Archivo Histórico de la Nación, en Buenos Aires.

Nas palavras de Óscar Padrón Favre, autor que escreveu o prefácio do segundo tomo da obra, temos que:

‘La Guerra de los Charrúas’ marcó un antes y un después en los estudios de carácter etnohistórico que se habían desarrollado hasta el momento en el país, tanto por el extenso período temporal que abarcaba el análisis.(PADRÓN:2004)

Após a leitura desse texto, a pesquisa a partir dos dados apresentados por Acosta Y Lara, o Charrua Bernardino García fez viagens a Montevideo em busca de documentos no *Instituto Nacional de Colonización* e escreveu a autoridades na tentativa de compreender o novo contexto que ele e sua família estavam inseridos. Bernardino chegou a remeter uma correspondência a Julio María Sanguinetti, na época, Presidente da República. Segundo Bernardino García, “*en la prensa de esa época y también en los diarios se podía leer que había tierras para nosotros*”. E, continua: “*había un documento en el Instituto de Colonización en Montevideo*”.

Acerca dessa demanda, conforme me narrou Bernardino García, Julio María Sanguinetti respondeu-lhe informando que se ele reconhecesse as suas pretensões étnicas e de direito territorial, outras pessoas passariam a solicitar o mesmo ao Estado.

Após a morte de seu pai Avelino Lino García, em 1973, Bernardino García aprofundou a busca de suas raízes étnicas uruguaias. Nesse sentido, ele realizou de forma autodidata pesquisas em documentos e livros escritos por jornalistas, investigadores e cientistas.

Na sua condição de bisneto do cacique Sepé, encaminhou documentos reivindicando direitos sociais, por exemplo, ao então presidente Sanguinetti. Depois de buscar na capital alguns documentos que mencionavam a reserva de terras aos índios charrua, Bernardino contou-me o seguinte: “*escribí una carta a las autoridades de Montevideo reclamando el derecho a las tierras que habían prometido a los Charrúas* e que, segundo ele, estariam

próximas as do *Balneário Iporã*”. Em particular, esse Charrua passa a reivindicar as *terras agora ligadas ao Balneario Iporã*. Novamente trago sua fala:

Las tierras do Balneario Iporá eran para nosotros, la familia García, los descendentes del cacique Sepé. Sería el predio donde ahora está la estancia La Zulma y funciona el Complejo Sepé. En una parte hicieron el balneario turístico de Tacuarembó, el resto figura como Parque Oribe. [...] tiene que haber justicia a respecto de esos terrenos. [...] fabrique una carpeta a Cardozo, un diputado, pidiendole que atendiera el tema de las tierras y los presentara en el parlamiento. La respuesta fue que si yo solicitaba tierras, muchas personas lo harían también. La diferencia es que soy un descendente legítimo y tengo los documentos que lo creditan.

Além disso, como vimos anteriormente, em um processo constante de reafirmação étnica, praticamente duas décadas depois, começou a participar de La Fiesta de la Patria Gaucha en Tacuarembó, além de ceder entrevistas a jornalistas, investigadores, historiadores, documentaristas, diretores de filmes, etc. Importante afirmar isso: Bernardino García trabalhou incansavelmente em prol da causa Charrua no Uruguai.

A seguir, um novo Capítulo se apresentará a essa dissertação de mestrado, àquele que analisará as associações charrua.

CAPÍTULO 3

AS ASSOCIAÇÕES CHARRUA URUGUAIA

Iniciando o Capítulo 3 dessa dissertação de mestrado trago a seguinte indagação: quais os desdobramentos do processo de “desinvisibilização” protagonizado pelo Charrua Bernardino García, a partir da morte de seu pai Avelino Líno García, em 1973, bem como, o trabalho do historiador Eduardo Acosta Y Lara?

Em poucas palavras, eu respondo o seguinte: um século depois, o surgimento e o fortalecimento das associações charrua. Nesse sentido, esse capítulo inteiro está reservado a uma análise acerca dessas organizações, suas características, concepções políticas acerca dos Charrua e do Uruguai, suas influências.

3.1 O Protagonismo do Charrua Bernardino García e do Historiador Eduardo F. Acosta Y Lara

Arisco dizer aqui que os Charrua que os descendentes dos sobreviventes do Massacre de Salsipuedes mantiveram-se invisíveis no seio da sociedade uruguiaia por mais de cento e cinquenta anos.

Como não poderia ser diferente, os efeitos desse processo de invisibilidade charrua estão refletidos no modelo de sociedade vigente nesse país e podem ser sentidos ainda hoje. Esse manto que cobriu memórias coletivas e narrativas de centenas de famílias camufladas sob a égide do extermínio agora lentamente vai sendo desvelado. Sabemos que, em decorrência dos combates, nas palavras de Eduardo F. Acosta Y Lara (1981), “*os que no foram mortos foram feitos cautivos e obligados a integrarse al grupo familiar que havia sido asignado*” (1981:13).

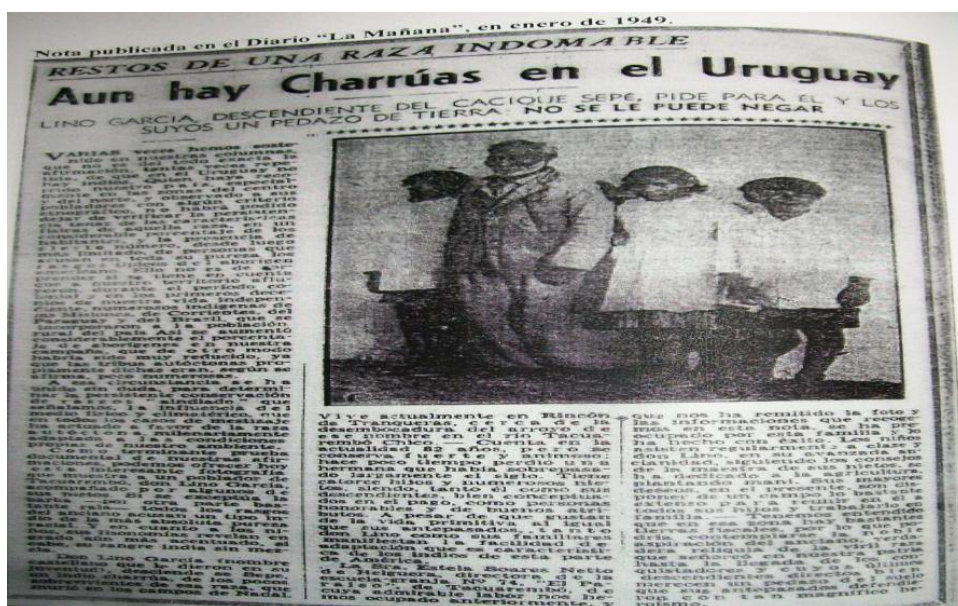
O avanço do Exercito Uruguai Oriental ao norte do país apoderando-se das terras impôs que os sobreviventes ficassem reduzidos a uma pequena fração de seu território original. Segundo Acosta Y Lara:

Cuando las medidas gubernamentales que obligaron a los indígenas a permanecer en las afueras de Montevideo no practicantes, muchos de ellos regresaron a la campaña se extendió por las oficinas, que ocupan las tareas rurales más diversos (1981:13).

Durante este tempo, essas pessoas silenciosamente contribuíram para a formação da sociedade uruguiaia que atualmente conhecemos. Outros desses Charrua ocultaram-se nas fronteiras do nascente Estado Oriental, participando de guerras inclusive no Brasil, e

refugiando-se no anonimato. Nos redutos onde passaram a viver, casaram-se, tiveram filhos, que também permaneceram e permanecem invisibilizados.

O silêncio que oculta essas informações sobre tais Charrua encontra no ano de 1949, na cidade de Tacuarembó, referencia em uma pequena nota de jornal, onde um grupo de religiosas católicas solicitava apoio a uma família Charrua, que na época passava por dificuldades financeiras e sociais: tratava-se da família García. Na ocasião, apenas o pai Avelino Lino García e cinco dos filhos foram fotografados.



AVELINO LÍNO GARCÍA- DOCUMENTO PERTENCENTE AO MUSEO DEL INDIO Y GAUCHO- TACUAREMBÓ 2012

A iniciativa dessa campanha de apoio à família García foi das *Madres de Caridad* que, na época, percorriam os recantos mais pobres prestando assistência. Passaram-se muitos anos, até que em 1973, ano da instauração da Ditadura Militar uruguaia, como vimos no Capítulo 1, nessa mesma cidade do norte do país, novamente outra nota de jornal trazia informações sobre a mesma família. Agora se tratava da publicação do falecimento de Avelino Lino García, fato que causaria tantas transformações nessa família.

A nota intitulada “o último cacique charrua” dá início a um processo de muitas dúvidas e incertezas na vida dos filhos desse homem. Anos depois de assumir um reconhecimento de si como Charrua e buscar em publicações, como a de Acosta Y Lara, elementos históricos e científicos que pudessem fundamentar e configurar o (seu) pertencimento étnico, a questão identitária passaria a fazer parte do cotidiano desse grupo familiar (parentela), em especial, de Bernardino García. Diante da necessidade de compreensão de sua nova condição social a busca de informações pareceu inevitável.

Parto do pressuposto que esse ponto é de extrema importância para o início de um processo de reconhecimento étnico e de uma injustiça social, alçando com isso a necessidade de se (re)pensar a questão desse extermínio social como algo equivocados, e que atravessa o passado, o presente e o futuro.

A particularidade da família García parece estar no fato de que a descoberta de sua ascendência charrua, ainda na década de 1970, os tornou promotores das primeiras manifestações públicas de reivindicação da continuidade (e da retomada) dos Charrua contemporâneos no Uruguai.

A maioria dos filhos de Avelino Lino García ainda hoje vive no Uruguai, em cidades como Mello, Montevideu e Tacuarembó. Além disso, outros descendentes de Avelino, como sobrinhos, netos, primos também vivem nessas regiões, o que leva-nos a concluir que essas famílias são numerosas.

O protagonismo de Bernardino García, as publicações de Acosta Y Lara, o pronunciamento dos descendentes charrua às autoridades do Estado reacendeu a discussão sobre esses nativos no Uruguai. Em particular, os documentos incluídos em *La Guerra de los Charrúas* revelam detalhes das incursões, realizadas entre os anos de 1831-1834, aos territórios de campanha no Uruguai, e serviram de porta de acesso para a formulação de argumentos que contrapusessem a situação vivenciada por esses nativos, ao mesmo tempo em que são geradoras de conflitos de interesses políticos e econômicos.

Cabe dizer que esse livro traz ainda as cartas escritas pelo General Fructuoso Rivera, Chefe do Exército e primeiro presidente da incipiente nação, datadas em abril de 1831, que descrevem os detalhes do planejamento e da execução da campanha de genocídio contra os charrua. Até então, as informações contidas nas produções da época apenas descreviam o Charrua em um período anterior à formação do Estado-nação uruaio.

Passados muitos anos do Massacre de Salsipuedes e da publicação de *La Guerra de los Charrúas*, Acosta Y Lara publica *Una Linaje Charrua en Tacuarembó*, em 1981, artigo que apresentara a localização de parentelas Charrua que viviam no interior de Tacuarembó, em uma região conhecida como Rincón das Tranqueira.

Neste valioso estudo etnohistórico, esse historiador descreve trechos das cartas de viajantes e militares que, depois de 1831, descrevem alguns encontros que tiveram com caciques e grupos charrua que escaparam do combate e do cárcere. Esses documentos servem de valiosa fonte de informação na medida que relatam as experiências de homens que estiveram muito próximos aos antepassados dos descendentes charrua, esses aparentemente refugiados em meio à região da campanha, em um período histórico que os Charrua já figuravam como um grupo extinto. Menciono agora um dado de Acosta Y Lara:

Encontramos su nombre por primera vez en la versión del general Antonio Díaz sobre la llamada 'matanza del Que guay' (abril de 1831), siendo dicho indígena, luego del combate de Yacaré-Cururú (junio de 1832) que habría decidió la suerte de Bernabé Rivera.

Tomando os documentos escritos da época, Acosta Y Lara fornece bons subsídios para pensarmos a continuidade desses Charrua. Neste mesmo artigo, esse historiador estabelece um elo entre a família de Avelino Lino García e o antigo cacique Sepé.

É importante destacar que na época da publicação do artigo, o filho mais novo de Avelino Lino García, seu Bernardino García, já havia reclamado e solicitado às autoridades da cidade e do país, por meio de cartas, o reconhecimento de sua descendência charrua. Isto é, no ano de 1982, Bernardino García iniciou uma busca que ultrapassou as pesquisas e as leituras sobre os Charrua. Naquele momento ele entendeu que se era charrua deveriam conceder a ele e a sua família as terras que outrora teriam pertencido aos seus antepassados.

A busca de informações por periodistas, investigadores e curiosos sobre os que haviam permanecido escondidos na região da campanha uruguaia resultaram no (re)aparecimento então dos descendentes charrua, afinal de contas, nas palavras de Acosta Y Lara, “*troperos, personas domésticos, hombres y mujeres fueron 'descubiertos' en alguna parte del suelo uruguayo*” (1981:14).

Da mesma forma, o impacto da posição de Bernardino García e dos escritos de Acosta Y Lara, que influenciou toda uma nova geração de historiadores, fez-se sentir através do surgimento das associações charrua nas décadas de 1980 e 1990. Esse fato foi apontado por José Exequiel Basini Rodríguez, em sua reflexão sobre a atualidade desse fenômeno. Nas palavras desse antropólogo:

En las dos últimas décadas algunos de estos sobrevivientes se han agrupado en asociaciones y grupos indigenistas. Si bien los intereses que los nuclea son variados, se destaca el tenor reivindicativo sobre la versión de los hechos. Se exige del Estado Nacional un pronunciamiento oficial sobre los “sucesos de Salsipuedes” y su responsabilidad histórica en este cruento episodio (2002:5).

Essas organizações possibilitam uma ação mais efetiva na medida em que orientam de maneira organizada as pautas de reivindicação dos descendentes charrua desse país, possibilitando-lhes uma maior visibilidade de suas lutas.

Para exemplificar isso, trago um exemplo. Durante minha pesquisa tive acesso a um documento de 2006, escrito em Tacuarembó, assinado por María del Huerto Quevedo, integrante da Comunidad Charrúa ATALA. O documento solicitava explicações sobre o que havia sido realizado com as terras indígenas, para isso mencionando um artigo de jornal em que teria sido publicado a tal resolução.

Segundo María del Huerto Quevedo, no Diário La Republica, de junho de 1988, havia sido publicado um artigo que mencionava que o Governo concederia terras aos descendentes indígenas do Uruguai. Neste documento, ela solicita informações sobre as terras que seriam dadas a essas pessoas, e cita parte dessa publicação que indica que houve uma discussão, e que essa serviu de incentivo inclusive para que Bernardino García empreendesse tal busca. O parágrafo que encontrei no documento enviado por María Quevedo afirma o seguinte:

El proyecto fue elaborado con el beneficio del directorio del I.N.C., su concreción llevaría de 12 a 18 meses ...es un acto de justicia, ya que Artigas, en su Gobierno de Purificación considero que el INDIO tenía derecho principal sobre la tierra, siendo dueño absoluto de todo (I.N.C Instituto Nacional de Colonización, Montevideo Uruguay).

Como é possível reparar, o passo inicial dado por Bernardino García passou a ganhar força e a se institucionalizar a partir das demandas das associações charrua. Vamos ao próximo tópico.

3.2 A Contemporaneidade das Associações Charrua

Os descendentes charrua que vivem no Uruguai encontraram distintas maneiras de convívio com a sociedade vigente. Esses múltiplos papéis sociais protagonizados por tais indivíduos revelam uma criativa e conflituosa reelaboração da maneira como entendem, inclusive, a si próprios.

Nesse sentido, a própria categoria descendente não é vista com unanimidade pelas associações charrua e seus integrantes. Por exemplo, há militantes que optam por uma outra noção, a de charrua. Nas palavras de Blanca Rodriguez, “*nosotros no somos descendiente, somos charruas*”. Nessa dissertação defino que seu Bernardino García é um Charrua, enquanto que as pessoas que se vinculam às associações são descendentes charrua, por conta da institucionalização desse fenômeno.

A minha pretensão nesse instante é apresentar, através da etnografia, as estratégias utilizadas por alguns desses descendentes no processo de releitura da história de seus antepassados e de que maneira eles “manipulam” essas informações na medida que incorporam elementos que até então lhes era desconhecido.

Analisando o processo de reconhecimento étnico de um grupo de indivíduos, considerando a configuração política e social dos mesmos parece necessário, perpassar pela discussão sobre identidade e, em específico, a identidade social. Nesse sentido, como propõe Roberto Cardoso de Oliveira (1976), a identidade social dos indivíduos configura-se pela atualização do processo de identificação, sendo que essa passa a ter sentido quando ela envolve o grupo social.

Um exemplo do que estamos tratando pode ser ilustrado no exemplo de alguns descendentes de Tacuarembó que estão reunidos na *Asociación Guyunusa*. Criada em 11 de abril de 2001, ela tem por objetivo agregar os descendentes de maneira organizada, através da realização de reuniões regulares e pela criação coletiva de pautas de reivindicação representadas pelo CONACHA / Consejo de La Nación Charrúa.

Assim, conforme afirma Cardoso de Oliveira (2006), a identidade pessoal dos indivíduos surge como reflexo da identidade social envolvendo interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão. Ou seja, é no campo de conflitos e acordos que se forjam tais identidades.

Agora, vinculando-me a Fredrik Barth (2000), esse espaço de conflitos é entendido como sendo um espaço de “fronteira”. Segundo esse antropólogo, essas fronteiras são o meio em que os agentes se valem para exercer as múltiplas identificações necessárias à mobilidade do corpo social.

Desse modo, as situações que levam essas pessoas, pensando aqui nos descendentes charrua, a formularem uma dada explicação sobre suas vidas moldam-se em um espaço de relação com o outro. Afinal, é para o outro que temos que explicar quem somos, e não para nós mesmos. As diferentes maneiras encontradas por esses protagonistas (certamente eleitos por mim), para lidar com os desdobramentos desse processo de identificação cada vez mais latente entre os descendentes charrua no Uruguai é o fio condutor dessa análise.

A identificação étnica resulta de um refinamento dessas características que se forjam a partir de uma ideologia. Barth (2000) ao problematizar o conceito de identidade étnica sugere o uso do conceito de etnicidade. Isso porque, segundo ele, a etnicidade surge como categoria de atribuição e identificação realizada pelos próprios atores sociais, o que sugere o protagonismo desses indivíduos. Ou seja, o grupo se organiza para interagir e para categorizar a si mesmo e o os outros. É o indivíduo em sua interação com o mundo e com os demais indivíduos que promove essas questões de conflito que resultam na formulação de explicações diferentes.

Dessa maneira, a realização da projeção que os indivíduos fazem de si próprios somente aparece em seu contato com o meio em que está inserido. Considerando isso, temos nos espaços coletivos uma maior amplitude de nossas projeções ao mesmo tempo em que buscamos na negação (ou afirmação) do outro a validade de nossas ações que buscam a identificação.

Transpondo essa discussão para as associações charrua, tais agentes étnicos são instauradores de novos quadros de socialização e expressão dos sujeitos, da mesma forma

que transformam as narrativas étnicas passadas em sinais diacríticos no presente (CARDOSO DE OLIVEIRA: 2006).

Por sua vez, os sinais diacríticos são os signos e os símbolos que o grupo cria para se representar, para mostrar que é diferente e, em certo sentido, que ele existe enquanto grupo. São sinais criados ou inventados que oscilam, não são fixos e podem ser positivos ou negativos. Isto é, eles podem ser exacerbados ou ignorados, minimizados ou acrescentados pelos membros do grupo. Eles são acima de tudo, uma reinterpretação da história étnica do grupo e, dessa forma, visíveis para os outros (CARDOSO DE OLIVEIRA: 2006).

Fredrik Barth (2000) coloca ainda que o trabalho etnográfico tem de se centrar naquilo que o grupo reivindica como seu, devendo ser compreendido enquanto um campo de comunicação e interação. A perspectiva de que a identidade étnica é uma identidade relacional e situacional é explicada a partir da abordagem de categorias de atribuição e identificação construídas pelos próprios atores. A construção e manutenção das fronteiras étnicas representam jogos de interesse, em que entram em disputa códigos e diferenças culturais significantes.

A identidade pressupõe, então, o conflito entre o individual e o coletivo, entre o exterior e o interior. Trata-se de compreender como as fronteiras étnicas são mantidas segundo um conjunto limitado de traços culturais que entram em disputa no momento de interação social entre os grupos .

Em suas distintas e múltiplas performances sociais, os descendentes charrua têm construído um modelo de identificação étnica que amplia seu campo de abrangência à medida que a própria sociedade em sua dinâmica de relações avança ou retrocede em suas relações de alteridade.

A definição dessas identificações mediadas pelas condições do meio onde eclodem tem sua gênese nessa fronteira entre o eu e o outro e são dessas condições de conflito, representadas por esses atores em seus dramas sociais (TURNER:1974). Assim, a identidade étnica, como uma forma de representações coletivas, pode emergir de uma crise, individual ou coletiva.

Nos últimos vinte cinco anos observou-se um aumento considerável de coletivos que agrupam descendentes e simpatizantes da causa indígena no Uruguai. Essas associações e conselhos lutam publicamente para obter o reconhecimento perante o Estado nacional uruguaio de sua condição de descendente charrua.

Estes grupos vêm confrontando o Estado e seus representantes públicos na medida que coloca em conflito questões diretamente com a conduta adotada frente a esses indivíduos.

Reconhecer a continuidade charrua na atualidade requer reconhecer seus direitos como povos originários e seu direito à ocupação de seus antigos territórios – que, na sua maioria, está localizado em espaços de grande interesse do capital financeiro, cidades, projetos desenvolvimentista (hidrelétricas, rodovias, parques turísticos e religiosos).

Além disso, seria necessário adotar uma nova postura que incluísse alteridade e pluralidade sempre muito inconvenientes para a ideologia das elites e para o mercado. Além disso, como bem esclarece Rodríguez,

También se busca que este reconocimiento sea avalado por la historiografía y los planes de enseñanza nacional en un sentido proyectivo, vale decir que informe y sensibilice en dirección al respeto y tolerancia sobre otros saberes y creencias, que no hallan la posibilidad de expresión por temor al estigma y la reprobación (2002).

Tratado-se do protagonismo charrua, concluo que houve dois momentos extremamente importantes na caminhada pelo reconhecimento da presença ameríndia no Uruguai: as reivindicações iniciais de Bernardino García e o retorno dos restos mortais de Vaimacá Perú. Nesse sentido, ambas podem ser tomadas como um divisor de águas nesse processo.

O primeiro tornou pública sua condição de descendente charrua causando um desconforto à historiografia, na medida que torna insustentável a supremacia do discurso de extermínio étnico dos Charrua.

Já o segundo, reforça e incentiva a continuidade das pautas de reivindicação dando legitimidade às ações, atribuindo uma nova qualidade à origem, assim como fortalecendo os laços de identificação desses descendentes vinculados as associações em torno de suas reivindicações. A importância do repatriamento dos restos mortais do cacique é a materialização de um projeto de décadas e simboliza a possibilidade de outras conquistas, aumentando com isso a projeção de um futuro diferente.¹⁹

No próximo tópico aprofundaremos essa discussão teórica antropológica em torno das associações charrua uruguaia.

¹⁹ Outro aspecto de relevância foi à possibilidade da realização de exames de DNA em parte da população uruguaia, o que acabou por subsidiar mais elementos a serem utilizados como sustentação dessa identificação.

3.3 O Evento das Associações Charrua no Uruguai e seus Preceitos

A decisão de Bernardino García de se assumir enquanto um Charrua e os textos de Eduardo Acosta Y Lara geraram um grande impacto na vida acadêmica, na sociedade civil e entre alguns cidadãos uruguaios. Nas últimas décadas do século vinte e início do século vinte e um aparecem então as associações charrua organizadas em torno da questão dos direitos indígenas no Uruguai.

Para se ter uma idéia disso, em 2001, é fundado o Conselho da Nação Charrua, o CONACHA, que tem como desafio pressionar o estado uruaio a assinar o Convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho.²⁰ Esse Conselho reúne, em uma mesma pauta de reivindicações, as demandas de algumas associações que atuam no Uruguai na tentativa de pressionar esse Estado para o reconhecimento dos direitos aos seus povos originários.

Atuando efetivamente na causa, o Uruguai tem associações espalhadas por todo o país: além da CONACHA, que integra segundo seu blog nove associações, aparece em meus dados de campo e leituras o seguinte: ADENCH / Asociación de Descendientes de la Nación Charrúa, INCHALÁ, BERA, GUYUNUSA, ATALA. Nesse cenário destaca-se a AIDU / La Asociación Indigenista del Uruguay que gestiona junto aos Mbyá-Guarani (RODRÍGUEZ, 2002). Elas atuam em diversas áreas em meio a uma política de sensibilização aos diversos agentes sociais e políticos dispostos nessa trama social.

Tais associações não recebem qualquer tipo de auxílio público e/ou particular, sendo seus fundos gerados pelo empenho do próprio grupo. Quando se coloca a necessidade de se buscar recursos para pagar, por exemplo, custos de uma viagem para algum membro participar de eventos que discutam a questão indígena ou para difundir a temática charrua no país ou no exterior busca-se meios para isso.²¹

Seus lugares estratégicos de atuação são, além das próprias associações, eventos comunitários e, principalmente, escolas e liceus de ensino de todo o país. O objetivo é romper com os estigmas identitários que por muito tempo levaram as pessoas de ascendência indígena a se apresentarem como “*mestizo*”, uma identificação legitimada tanto pelo discurso historiográfico quanto estatal (BARTOLOMÉ:2006).

Nesse sentido, destaca-se a conquista obtida junto ao Conselho de Educação, no sentido da revisão do conteúdo didático do ensino da História nas escolas – e,

²⁰ Esse Convênio, desde 2007, já foi adotado por quase toda a América Latina, com exceção, justamente, do Uruguai e da Guiana Francesa.

²¹ Em 2007 Ana María Barbosa Oyanarte viajou ao Chile para participar do Cumbre Iberoamericano de Presidentes onde participou de uma plenária que discutia ações imediatas para os povos originários da América do Sul e Caribe.

consequentemente, a inclusão do tema indígena nas discussões entre direção, professores e alunos. Da mesma forma, há uma forte pressão por parte dessas associações charrua na tentativa de mudar o nome das ruas, praças e da própria cidade que homenageia Fructuoso Rivera.

A pretensão das associações e das pessoas também marca por uma revisão dos paradigmas que remetem os Charrua para a ordem do passado de sua nação, fazendo com que o Estado venha a reconhecer seus antepassados, saberes, lugares sagrados e identidades como legítimas. Mas, segundo Roberto Cáceres, os objetivos dos dirigentes da nação são políticos: *“Ahora están focalizados en temas como minería de gran porte, puerto de aguas profundas en La Paloma (Dpto. de Rocha) y la aprobación por parte del nuestro gobierno del convenio 169 de la OIT”* (2013).

Em linhas gerais, eu me vinculo à posição de Andrey Cordeiro Ferreira, do Museu Nacional, para definir o trabalho e as linhas de ação política dessas protagonistas.

Não são vítimas da história nem tampouco não sujeitos, mas protagonistas que inventam, criam, são diferenciados internamente – por formas de organização segmentar – e que têm estratégias multifacetadas, às vezes contraditórias. É por isso que o olhar etnográfico é um elemento decisivo para a reconstrução da história indígena a partir de outras referências teóricas (2008)

Em entrevista cedida por Monica Michelena, do CONACHA, a um jornalista novaiorquino, fica claro a importância da manutenção de uma unidade de ação para que exista um reconhecimento da legitimidade dos movimentos. Nas palavras dela,

El consejo de la nación charrúa se forma en 2005 por una necesidad de reunir todas las pequeñas asociaciones y organizaciones que estan trabajando desde 1989 en mi país. Por cierto esa es una decisión para poder reivindicar e demandar al estado nuestros directos e tener una unidad con un solo criterio para esas demandas.

Ou seja, saindo da condição de desaparecidos ou aculturados, esses Charrua ressurgem no cenário nacional reivindicando políticas econômicas e sociais baseadas em sua condição étnica (BARTOLOMÉ *apud* AVELINO–JIMENEZ, 2001). Claro, esse ressurgimento étnico é questionado pela população local, por onde incidem as Associações, e pelo Estado, que não os considera indígenas e nega a legitimidade de suas reivindicações. Inclusive já conceituaram, a exemplo do ex-presidente Sanguinetti, de ser um movimento charruísta.

Mas, a crítica não se reduz a órbita dos agentes do Estado, pois ela também aparece no trabalho realizado por pesquisadores das ciências humanas. Para exemplificar, menciona a fala do antropólogo uruguaio Daniel Vidart na Jornada “Pueblos originários nuevas miradas y debates em torno al pasado indígenas”:

No es preciso ser antropólogo para responderles que en la actualidad no pervive ningún representante de las etnias halladas en nuestro territorio por el

conquistador europeu: no existe hoy indios charrúas ni ninguna otra etnia en tierra uruguaya. O que ocorre, é que se ha inventado una mítica Charrulandia, que carnavaliza las antiguas y respetables culturas de aquellos valientes aborígenes (VIDART:2012:103)

Em 2004, os movimentos pró-reconhecimento tiveram um impulso com a mudança do modelo político dominado até então pelos representantes do Partido Colorado e do Partido Blanco, que se revezavam no controle político do país desde 1830. A eleição de Tabaré Vaquez parece anunciar novos tempos: com a aprovação da Lei nº. 17.256, de 14 de Setembro de 2000, ficou determinado o retorno da França dos restos mortais do cacique Vaimacá Perú ao Uruguai. Vaimacá Perú foi um dos quatro Charrua enviados à França para serem expostos como figura exótica no Musée de l'Homme, em Paris²², no ano de 1833, conforme foi analisado no Capítulo 1.

Sabe-se que a constituição do Uruguai, redigida em 1966 e suspensa durante o período da ditadura civil-militar, não legisla acerca dos povos originários do país em questão. Entretanto, a aprovação dessa lei gerou precedentes jurídicos para discutir questões mais amplas como, por exemplo, o reconhecimento e a assinatura do Convênio 169 da OIT.

O repatriamento dos restos mortais de Vaimacá Perú proporcionou uma maior visibilidade à causa charrua no Uruguai. A solenidade ocorreu na cidade de Montevideo e muitos cidadãos ligados a essas associações prestigiaram o evento. Pode-se dizer que isso é de um grande poder simbólico, já que marca o retorno de um herói charrua, após quase dois séculos de ausência, ao seu território de origem. Esse evento abriu espaço para o fortalecimento dos laços entre os indivíduos que tem em comum a pauta pelo reconhecimento dos descendentes charrua no Uruguai, fortalecendo a luta e ampliando os campos de atuação desses militantes sociais.

Claro, o desenrolar e os bastidores desse evento político foram bastante tensos. Segundo testemunho de Ana María Barbosa Oyanarte, membro da ADENCH e da GUYUNUSA, ocorreu a omissão das autoridades do Estado e dos meios de comunicação na divulgação: *“la gente escuchó poco o nada al respecto”*. Outra crítica mencionada por essa representante foi sobre a data desse acontecimento: *“el gobierno optó por una fecha en que las escuelas estaban de vacaciones”*.

Ainda seguindo o testemunho dessa militante, outro ponto que gerou polêmica foi o local onde foi depositado os restos mortais de Vaimacá Perú: *“el entierro se llevó a cabo en Montevideo, en el Panteón, casi al lado de Bernabé Rivera”*. Acerca disso ainda cabe dizer, o

²² François Currel solicitou permissão para levar consigo à Paris alguns indígenas para serem encarcerados e expostos ao público no Museu.

Charrua Bernardino García foi um dos ilustres convidados a carregar o caixão com as cinzas desse herói ao Panteão Nacional do Cemitério Central de Montevideu.²³

Dona María Zully Romero García, esposa de Bernardino García, contou-me sua experiência no traslado dos restos mortais desse homem:

Yo estaba allí el día que trajeron Vaimacá era hermoso, el cielo estaba despejado y había un gran pájaro que iba de un lado a otro. El hombre a mi lado dijo, "es el espíritu del indio que regresó a su casa."

O retorno de Vaimacá Perú para Montevideo possibilitou o mapeamento do genoma charrua, trabalho esse coordenado pela geneticista uruguaia Monica Sanz. A partir disso, o projeto realizou análises de DNA em grande parte da população uruguaia e descobriu que a maioria das pessoas que participou da experiência apresentou um elevado percentual de genótipo ameríndio (SANS:2002).

Os resultados dessas análises apresentados pela Genética se contrapuseram à idéia bastante difundida do Uruguai ser um “país branco”, branqueamento esse que seria resultante da europeização da sua população. Esse dado oriundo de uma ciência biológica indica, pelo contrário, que há um considerável extrato ameríndio na população desse país.

Assim, atualmente, o ponto central da questão charrua no Uruguai são os conflitos vivenciados por coletivos de descendentes, que mediante os crescentes movimentos em prol da política de reconhecimento da presença atual de indivíduos pertencentes à etnia charrua, exigem do Estado uma readequação da sua postura para com esses. Além disso, eles lutam pela preservação de territórios tidos como sagrados, além da instalação de políticas públicas, como a demarcação de terras.

Antes de se avançar ao próximo tópico, apresento brevemente meu trabalho de campo com Ana María Barbosa Oyanarte, uma militante da causa indígena, da Associação Guyunusa e do CONACHA. Antes de nos conhecermos falamos por telefone duas ou três vezes. Isso porque ela reside em Tacuarembó somente nos fins de semana, sendo que durante a semana ela se encontra em Montevideo, onde ela cursa Licenciatura em Desenvolvimento, na UDELAR, e trabalha no Banco Bandes Uruguai, na mesma cidade.

Ela é casada com o proprietário de uma rádio local de Tacuarembó. Ela disse-me que utiliza o espaço que tem nos programas de rádio semanais para discutir as questões políticas que giram em torno da pauta charruísta. Em suas palavras: “*mi objetivo es sensibilizar a la gente a unirse a la causa del reconocimiento de los muchos descendientes Charrúas que aún viven en la región de Tacuarembó.*” O objetivo maior dela e das suas organizações é sensibilizar as pessoas a,

²³ Ele menciona isso o documentário intitulado “*Os últimos Charruas*”, realizado pela RBS TV, em 2011.

Que participe activamente en los debates sobre políticas públicas en un intento de garantizar la preservación de su memoria descendientes, sus lugares sagrados y espacios colectivos para que puedan criar a sus hijos de una manera elegida por sus pares. [Além desse] tiene como objetivo presionar al gobierno uruguayo para firmar el Acuerdo 169, mediante el cual es posible asegurar, incluso si inicialmente la existencia de individuos conectados a las personas originarias de Uruguay, reconociendo su derecho a su identidad étnica y espacios sagrados.

Ter conhecido Ana María Barbosa Oyanarte me possibilitou compreender um pouco mais acerca das diferentes estratégias e meios que as associações charrua utilizam para difundir as suas idéias aos uruguaios.

Vejamos no próximo tópico avançaremos na discussão sobre a categoria descendente e as associações charrua.

3.4 A Categoria Descendente e Associação Charrua

Segundo José Basini Rodríguez (2002), a categoria mais complexa de se conceituar é a de descendente, por ter-se em mente a recorrente idéia de que estamos falando de índios ou não-índio, ao invés de pensarmos em cidadão (uruguaios), integrados à organização social, porém com fortes manifestações subjetivas que os faz serem diferentes do que anuncia a matriz e os fundamentos do Estado.

Para esse antropólogo, embora não se encontre mais as *tolderías* charrua pelos campos uruguaios (eu acrescentaria, somente em La Fiesta de la Patria Gaucha, como vimos no Capítulo 2), ele entende que há caminhos de circulação de significados que passam por uma resignificação resultante das mudanças ocorridas história e na vida das pessoas que foram incorporadas pelo Estado uruguaio.

Esses descendentes manifestam diferentes reivindicações que variam em suas matrizes e radicalidade. Um aspecto compartilhado traduz a exigência do reconhecimento oficial sobre a memória dos povos indígenas massacrados. A dimensão territorial, elemento quase sempre presente dentro de uma identidade étnica, também é reivindicado por tais pessoas. O que eles objetivam é um espaço onde possam exercer suas maneiras de viver, para empregarem o modelo de educação de seus ancestrais.

Por outras palavras, pode-se dizer que os descendentes sentem o peso do modelo de sociedade estabelecido a partir do século XIX. Eles entendem que foi empreendido um projeto de esquecimento aos seus ancestrais, aos seus heróis, inicialmente pelas elites estancieiras que dominavam política e administrativamente o Uruguai, isso a pouco menos de duzentos anos atrás.

Nesse sentido, as categorias de extermínio pode ser pensada e colada a de invisibilidade étnica, uma vez que os dados etnográficos apontam para a existência atual desses descendentes por todo o Uruguai. Somente no Departamento de Tacuarembó, que possui noventa mil habitantes, sete mil deles se identificam como indígenas.

Na luta contra o esquecimento, eles ritualizam a memória do cacique Sepé, para eles, um aguerrido chefe que participou, no século dezenove, dos confrontos entre Charrua e Exercito uruguaio. Nesse sentido, seu Bernardino García passa a ser uma referência fundamental para essas associações, entre outros motivos, pelo fato dele ser tataraneto desse renomado cacique.

Quando eu conheci esse homem, em julho de 2011, pelo Projeto Viagem Etnográfica Ameríndia, isso explicitado na Introdução, Bernardino García nos mostrou com grande orgulho sua carteira de “*Socio de Honor*” da ADENCH, desde 24 de novembro de 1998. No verso dessa carteira está impresso que ele é “*bisnieto del cacique Sepé*”. Ele sempre trazia esse documento consigo, e todas as vezes que as pessoas resolviam discutir sua identidade ele a sacava como uma prova irrefutável de sua identidade charrua. Esse reconhecimento também aparece na voz de Ana María Barbosa Oyanarte, que faz parte da mesma associação: “*Bernardino afirma ser neto de Sepé, aparentemente a linhagem mais próxima de que tenemos conocimiento. Existen muchos como el, pero son pocas las informaciones que tenemos de ellos*”.

Mesmo que restritas, as informações acerca da vida e morte desse cacique e seu bando, a historiografia e a memória coletiva apontam que ele viveu na região onde atualmente situa-se Tacuarembó. Em especial, a historiografia consultada por mim aponta para o seguinte: após escapar do Massacre de Salsipuedes, ele se refugiou, junto com seus dois filhos Santana e Avelino, nos arredores da Sierra de Gauna e no arroio Batovi, nesse Departamento. Além disso, há a menção ao combate entre Sepé e o Coronel Bernabé Rivera, em Yacaré Cururu, vencido lealmente pelo primeiro. Nas palavras de Favre: “não houve uma emboscada [...] Uma vez Sepé fez um simulacro dessa peleia com a arrogância e o orgulho de haver vencido em campo limpo e em franco e leal combate” (tradução livre; 1994:34). Na década de 1840, ele se instalou na instancia de José Paz Nadal, trinta quilômetros ao sul da cidade de Taquarembó. Cacique Sepé foi vitimado por arsênio em sua aguardente colocada por dois bandidos, em 1866 (SOSA, 1957, FAVRE, 1994).

Para finalizar esse tópico, nas últimas décadas ocorreu um aumento do interesse por parte dos intelectuais e da sociedade civil uruguaia em torno da memória do Massacre de Salsipuedes, e outras questões ligadas à temática charrua uruguaia. No mesmo sentido,

sucedeu-se um acréscimo às críticas em torno da figura de Fructuoso Rivera enquanto um herói nacional.

Como foi mencionado acima, por exemplo, há uma forte pressão por parte dessas associações charrua para mudar o nome de ruas, praças e até mesmo a cidade que homenageia esse General. Como será analisado abaixo, existe uma aversão por parte dessas pessoas acerca de qualquer homenagem atribuída ao dito General. Pode-se dizer que, existe uma aversão por parte dessas organizações acerca de qualquer homenagem atribuída a esse homem. Da mesma forma, para aqueles que o reverenciam insistentemente, por exemplo, o ex-presidente Julio María Sanguinetti.

Conforme visto no Capítulo 1 dessa dissertação de mestrado, em um artigo publicado no *El País*, um periódico de Montevideu, dia 19 de abril de 2009, Sanguinetti manifestou sua opinião sobre as associações charrua, que, segundo ele, de norte a sul do Uruguai vêm causando mudanças na perspectiva outrora lançada pela historiografia sobre o destino dos índios que estiveram em Salsipuedes, em 1831. Nas palavras do escritor Gonzalo Abella:

Tiene derecho el Dr. Sanguinetti a sospechar que nuestro homenaje a Salsipuedes tiene como objetivo político “denostar al General Rivera a quien el país le debe los mayores esfuerzos en la lucha por la independencia”. Luchar por la independencia debe ser, entonces, proteger escuadrones de la muerte. Es un tema de lenguaje.

Também no sentido inverso aos elogios de Sanguinetti a Rivera, Roberto Cáceres é enfático ao apontar o contrário: *“Rivera es repudiado por todos, en esto hay consenso, lo consideran el Hitler uruguayo, ya que cometió genocidio y etnocidio”* (2013). O próprio Bernardino García deixou claro a mim que a traição de Rivera jamais deveria ser esquecida: *“para mí fue una emboscada que preparó Rivera para eliminar con los indios. No quería más charrúas estaba cansado de ellos.”*

Mas, da mesma forma, a vinculação das associações charrua não ocorre exclusivamente com protagonistas e heróis charrua, por exemplo, Bernardino García, cacique Sepé, Vaimacá Peru. As visões de mundo apresentadas por diferentes descendentes charrua evocam também a imagem e a relação histórica com um personagem ainda pouco falado nesse texto: o General José Artigas.

Diga-se de passagem, o Charrua Bernardino García ao criticar Fructuoso Rivera destacou o papel fundamental e as alianças estabelecidas pelos históricos Charrua com esse General. Ou seja, José Artigas é considerado tanto um herói nacional, quanto das associações charrua. Bom, isso merece atenção no campo da História e da Antropologia. Vamos agora ao próximo tópico desse Capítulo.

3.5 José Artigas: um herói nacional?!

“mi autoridad emana de vosotros y ella cesa por vuestra presencia soberana” (José Artigas)

Os espanhóis assentaram-se nessas terras hoje chamadas Uruguai a partir de meados do século dezesseis. Depois dessa época, os ingleses procuraram ocupar Montevideo e Buenos Aires, mas, contudo, eles fracassaram nessa tentativa. Dessa maneira, a região continuou sobre o comando espanhol, um processo que duraria até 1828, quando o país constituiu-se enquanto um incipiente Estado-nação. Pode-se dizer que José Gervásio Artigas (1764-1850) foi um dos nomes mais importantes desse período e, hoje, um dos personagens mais populares do Uruguai.

Líder nas batalhas pela independência da América Hispânica, José Artigas é apresentado por muitos investigadores e historiadores, principalmente uruguaios, como sendo um grande herói nacional. Para Gabriel Souza Sordi, em seu trabalho sobre a construção da figura de Artigas, ele é *“o herói por excelência, celebrado em todos os livros didáticos de história do país, em veículos de comunicação, e em discursos políticos da direita e esquerda uruguaia”* (2009:).

Por sua vez, para a historiadora uruguaia Ana Frega, em entrevista ao documentário *“En busca de Artigas: las Instrucciones del año XIII”*, o título de herói nacional não caberia a Artigas. Isso porque o artiguismo suporia não um movimento com um *conductor* e um conjunto de pessoas *conducidas*, senão, Artigas seria *conductor y conducido*, por meio de um movimento que não engessava as estruturas políticas que comandaria, compartilhando o protagonismo desse processo com outrem. Dessa maneira, Frega destaca como sendo necessário pensá-lo como um ser coletivo, não reduzindo à sua figura a de um herói nacional.

A partir de minha etnografia, a lembrança que figura na memória coletiva dos tacuarembenses é a de que Artigas foi um líder caudilho, que libertou o Uruguai das forças imperiais espanholas, colocando-se a favor dos povos originários. Para esses, naquele momento, as forças espanholas e a presença bélica portuguesa convertiam-se em um inimigo comum a esse caudilho e aos nativos. Dessa maneira, podemos pensar que havia a necessidade de uma aliança entre os distintos grupos patriotas, no caso, caudilhos e nativos, o que os colocava em uma condição de uma menor hostilidade necessária.

Figura ainda na memória dos tacuarembenses, evidente para aqueles que assumem uma postura pró-artiguismo, que ele teria se retirado para o Paraguai, deixando para trás

fortes sentimentos em relação ao Uruguai. Dessa maneira, ele tornou-se o símbolo da nacionalidade deste.

Artigas aparece também como o primeiro líder disposto a fazer uma revolução, onde os segmentos mais desprezados da sociedade uruguaia estariam contemplados. Sua proposta seria realizar a reforma agrária, distribuindo lotes de terra aos menos favorecidos.

Em muitas das cidades do Uruguai, como Florida, Durazno e, em particular, em Tacuarembó, onde realizei minha pesquisa, a exaltação à sua imagem é muitíssimo numerosa. Assim, são praças, ruas, museus que homenageiam esse General, além de haver em cada canto e em muitas casas uma imagem desse líder caudilho. Esse dado é muito interessante porque, pelo que se sabe, pelo menos é o que os uruguaios comentam, é que, quando vivo, nunca foi feito qualquer desenho ou pintura como retrato desse General.

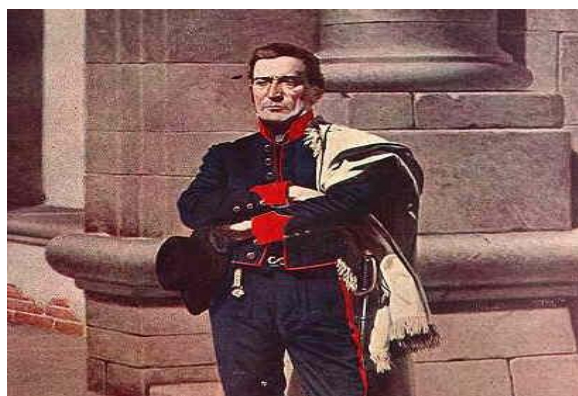
Para dar prosseguimento a essa análise, eu analisarei, em um subtópico especial, o longa metragem *La Redota*.

2.4.1 O Filme *La Redota*

*“Quen es Artigas? Un ressentido.
A ovelha negra de uma família de bem”
(La Redota)*

O texto abaixo é uma apresentação de José Artigas, construído a partir da produção do longa metragem *La Redota*, lançado em 2012, em decorrência dos duzentos anos da revolução artiguista.

A frase da epígrafe acima é de Manuel de Sarratea (1774-1849), um dos líderes do triunvirato que governou a região de Buenos Aires, em meados do século dezenove, e que, segundo mostra o filme *La Redota*, foi quem solicitou, ou melhor, exigiu do pintor Blanes que pintasse o quadro do General Artigas, que hoje conhecemos pelo título de *La Ciudadela*.



LA CIUDADELA

Vimos no Capítulo 1 dessa dissertação de mestrado, que a história da formação do Uruguai como Estado-nação ocorreu nas primeiras décadas do século dezenove, em meio a conflitos de natureza política e militar, que dividiu o Uruguai em zonas de ocupação distintas.

Mas em um período anterior a esses acontecimentos, a figura do General José Artigas aparece associada a questões de contrabando e roubo de gado. Artigas pertenceu à cavalaria dos *blandengues*, chegando a comandar esse grupo antes de decidir desertar para o Paraguai, lugar aonde veio a morrer, ou seja, sem conseguir retornar com vida ao seu país. Pois, ele liderou um exército de homens que buscavam a liberdade étnica, formando ao seu redor um efetivo de distintos segmentos da sociedade: caudilhos, gaúchos, negros e índios.

Acerca de sua biografia, não há registros da imagem desse *paisano*. Isto é, a imagem do General Artigas foi construída a partir de desenhos feitos pelo espanhol Juan Manuelé, em 1812, pouco antes do início do seu exílio no Paraguai.

Em ocasião do Bicentenário da Independência da América Latina, a TVE Espanhola produziu a coleção *Libertadores*, uma série de oito longas-metragens. Integra essa coleção o filme *La Redota: una de las historias de Artigas*, dirigido por César Charlone, em 2012. O cenário escolhido para contar essa história foi quase todo ele a cidade de Tacuarembó.

A história do mesmo se passa no Uruguai, no ano de 1884. O famoso pintor uruguaio Blanes foi eleito pelo governo uruguaio para personificar, através de uma pintura, o rosto de José Artigas. Sem recursos que lhe trouxessem alguma inspiração, esse utilizou apenas frases que se encontravam soltas em pilhas de anotações escritas por aqueles que o acompanhavam. Essas frases de efeito, como, por exemplo, “*mi poder emana de vosotros e se esgota com vossa presencia*”, teriam sido proferidas pelo General Artigas ao longo de sua vida, junto aos seus seguidores.

Em meio a essas anotações enviadas ao pintor Blanes para que servissem de fonte de inspiração, havia um bloco que continha desenhos feitos por um espanhol que conheceu Artigas, em ocasião de sua retirada ao exílio, no Paraguai, em 1812. Esse espanhol fora enviado pelos governantes da província de Buenos Aires para matar Artigas, em seu acampamento situado há sete dias ao norte de Montevideo, em uma região próxima da atual cidade de Tacuarembó.

O governo argentino considerava a existência de Artigas, e de suas idéias e seu exército, um perigo eminente aos interesses da Coroa Britânica, que temia essa perder os privilégios e o acesso ao porto de Montevideo. A obra produzida por Blanes foi intitulada

Artigas em la ciudadela. Atualmente, existem centenas de réplicas desse quadro espalhados por escolas e órgãos públicos de todo o país.

Aliás, nesse filme rodado em Tacuarembó teve em seu elenco a presença do Charrua Bernardino García. A participação desse homem nas gravações causou controvérsias em sua família, chegando alguns momentos a gerar certa indignação em algumas pessoas.

Mas, Bernardino García não pareceu ter se incomodado com essa situação. Contou-me que foi um orgulho participar de *La Redota* e poder vivenciar de perto com o ator que interpretou, e se parecia, Artigas. A opinião da família parece esbarrar na questão da identidade étnica que o personagem de Bernardino representava, pois no filme ele representou um “*indio*” da etnia Guaraní, e não um Charrua.

Retomando aqui a realização de La Fiesta de la Patria Gaucha, em Tacuarembó, vimos no Capítulo 2, que sua celebração é um importante momento para a exaltação da identidade *criolla*. Mas esse evento está também fortemente associado à imagem de José Artigas. Em *La Fiesta*, então, encontramos um espaço que nos remete ao acampamento construído por Artigas na região de Tacuarembó, em sua época. Aliás, trata-se de uma réplica feita em pedra e barro pelos organizadores desse evento.



RÉPLICA DE VIVENDAS – ACAMPAMENTOS PATRIA GAUCHA 2013

Esse espaço reproduz o que teria sido o posto construído por esse caudilho para proteger a sua tropa. Durante *La Fiesta* permanece nesse local também um ator que interpreta José Artigas. É ele quem acompanha o trajeto do *chaque*, que inicia dias antes desse evento nas cidades menores da região, sendo sua chegada o marco inaugural dessa atividade. O acampamento montado ao redor da *Laguna de la Lavandera*²⁴, conta ainda com a presença de mais alguns atores que representam os homens de confiança de Artigas. Em minha visita ao dito acampamento, tive a oportunidade de “conhecer” o tal General e, assim como todos que estavam ali, tirar uma foto ao lado dele.



LAGUNA DAS LAVANDERAS- FESTA PATRIA GAUCHA TACUAREMBÓ 2013



FESTA DA PATRIA GAUCHA- TACUAREMBÓ 2013

²⁴ Sobre a Laguna de las Lavandera existem muitas historias, todas a cerca de sua incalculável profundidade. O diâmetro da Laguna parece pequeno acredito que a distancia de um lado ao outro não ultrapasse trinta metros. Entretanto conta-se que ela jamais seca devido a sua grande profundidade. certa vez caiu dentro dela uma charrete que carregada de produtos e que nada jamais foi encontrado.

Na memória das pessoas com quem dialoguei e com as quais convivi nesses meses de pesquisa, Artigas está presente efetivamente como um herói. Por conta disso, a diferença ideológica-política de Blancos, Colorados e Frente Amplio tende a se atenuar quando a questão é exaltar Artigas. Cada um deles, da sua maneira, encontra em algum ponto de sua proposta política a afinidade que necessita.

Tratando-se dos Charrua, segundo testemunhos publicados por Acosta Y Lara (2012), já em 1811, alguns grupos, como Charrua e Minuano, estariam participando das ações belicosas a ponto de cooperar com as forças orientais lideradas por esse General.

Inclusive, a tese do investigador uruguaio Carlos Maggi sobre esse aspecto é de que Artigas teria vivido quando jovem pelas *tolderías charrúa*, tendo sido adotado e reeducado por eles, tendo tido inclusive um filho com uma charrua – el Caciquillo –acontecimentos esses que marcaram a sua vida, pois nem militarmente nem ideologicamente poderemos entender o período artiguista senão como parte dessa aliança excepcional entre o caudilho e esse povo.

Esse fator de aproximação entre Artigas e os nativos é ressaltado a todo o momento quando algumas pessoas o mencionam. Cabe dizer que, esse argumento é duramente criticado pelo historiador Óscar Padrón Favre, em seu livro *Los Charrúas-Minuanes em su etapa final*. Para Favre, Maggi realiza consumação de um nacionalismo romântico que fixou o Charrua em Artigas, concepção essa que passa a exercer uma verdadeira hegemonia no imaginário histórico do Uruguai (2004:85).

Enfim, são muitos os investigadores e historiadores uruguaio que se debruçaram sobre esse líder uruguaio, cito Eduardo Picerno, Renzo Pi Hugarte, Óscar Padrón Favre, entre outros. Tratando-se desse último, na obra acima mencionada, Artigas é mencionado como um dos promotores da Revolução da Banda Oriental. Para isso, ele teria se aliado aos Charrua, ainda em sua juventude. Mas Favre faz o seguinte atento:

[Em] expedição também integrada por José Artigas, manteve com os infieis, em maio desse ano, o combate de Guirapuitá ao surpreender uma das tolderias, morrendo alguns guerreiros e tomando prisioneiros mulheres e crianças como era de costume. [...] Pensar que Artigas colocou-se sobre as contradições sociais, das lutas interétnicas de seu tempo e da brava e sangrenta realidade da campanha oriental é fazer criação literária ou mitologia (tradução livre; 2004:37).

A ideologia vislumbrada para o nascente Estado não poderia consolidar seu domínio enquanto não impusesse de forma massiva o modelo de vida adequado aos cidadãos que pretendiam sua prosperidade dentro na nova ordem que se apresentava ao mundo no século XIX, causando uma transformação tanto nos individuos como na sociedade.

Realizada essa análise acerca da memória coletiva em torno de José Artigas, cabe indagarmos como os uruguaio e os descendentes Charrua relacionam esse ao herói nacional

Fructuoso Rivera. O General José Artigas triunfa entre os discursos acalorados e entusiasmados dos descendentes. Eles refutam a mais singela idéia de que seu exílio possa ser interpretado como uma traição à Revolução.

Em contrapartida, como já vimos acima, é imenso o ressentimento nutrido por Rivera. O que de fato parece importar é o tipo de relação que cada um deles manteve com os nativos. Para o historiador Gonzalo Pedro Abella é necessário que façamos uma distinção inicial entre a atuação de Rivera e Artigas para com os indígenas do Uruguai. Segundo ele:

Rivera se alía con ellos para reconquistar las Misiones en 1828 y los desbarata en Salsipuedes tres años después; Artigas, comandante de los Blandengues de la Frontera los combate sin tregua y más tarde, cuando se enfrenta con las fuerzas peninsulares y bonaerenses, durante una ejemplar gesta libertadora, los convierte en su guardia de coros (2009).

As análise de Barrán sugere que talvez seja menor do que imaginamos as diferenças entre os Generais Artigas e Rivera. Ambas as posturas parecem proclamar, talvez em distintos tempos e modos, uma configuração social similar, projetos políticos oriundos de homens que compartilhavam uma visão de mundo similar. Óscar Padrón Favre parte também desse pressuposto quando afirma que *“habían menos antagonismo entre estos dos líderes Orientales que muchos insisten en proclamar”* (2004)

Se tinham objetivos parecidos, representando determinados grupos privilegiados, quais distinções podemos de fato apontar para contribuir com a configuração de ambos, na medida que José Artigas e Fructuoso Rivera provinham de um mesmo meio, compartilhavam uma criação, educação e vida militar similares? Existiria o abismo proclamado entre seus projetos sociais para a aspirada sociedade que pretendiam constituir? Como observou Abella, não podemos ignorar que *“detrás de esas conductas bivalentes de los próceres, al fin [ambos] hombres blancos tributarios de la civilización de Occidente”* (2011).

Talvez se possa sugerir que a maior diferença entre Artigas e Rivera esteja na maneira como seus projetos políticos foram conduzidos por eles, muito mais do que para os fins que pretendiam. É possível que suas diretrizes políticas e administrativas sejam um fator de peso para pensarmos o que, afinal, os distinguem.

Curiosamente, apesar de buscarem os mesmos fins, o primeiro tornou-se um herói tanto para os descendentes charrua como para o Estado-nação. Já o segundo, é um inimigo público das associações charrua e um herói nacional para o Uruguai.

Vamos agora para o Capítulo 4, onde retomaremos o Charrua Bernardino García.

CAPÍTULO 4

A VIDA DE BERNARDINO GARCÍA

O início dessa pesquisa sobre os Charrua de Tacuarembó teve como primeiro impulso a visita realizada a casa de Bernardino García, em julho de 2011. Dias antes dessa viagem, ainda no Brasil, recebemos informações sobre o roteiro da mesma. A notícia era que Bernardino García estivera internado em um hospital e há poucos dias teria voltado para sua casa.

As instruções, vindas do Uruguai por intermédio de Óscar Padrón Favre, eram de que talvez não fosse possível conhecê-lo, pois não se sabia seu estado de saúde. Bernardino García sofria de uma enfermidade que dificultava o funcionamento de seu pâncreas e já tinha sido internado outras três vezes antes dessa. Inclusive, já tinha passado por um processo cirúrgico alguns anos antes.

Mas quando o ônibus da UFPel chegou na frente de sua casa, e desceram quarenta pessoas, Bernardino García, sua esposa María Zully Romero García e uma pequena neta receberam docentes, discentes, motoristas com uma alegria contagiante e um ar de satisfação. Bernardino García fez questão de nos mostrar sua carteira de “*Socio de Honor*” da ADENCH.

Bernardino García não conseguiu acompanhar minha pesquisa até sua etapa final, pois ele faleceu dia 19 de agosto de 2012. Esse Capítulo e essa dissertação de mestrado como um todo representa o meu respeito e o meu reconhecimento a esse grande herói Charrua.





BERNARDINO GARCÍA COM SUA CARTEIRA DE DESCENDENTE CHARRUA

4.1 A Dramática dos García

Eu permaneci na cidade de Tacuarembó e seus arredores cerca de quarenta dias, intercalados entre os meses de dezembro de 2011 e abril de 2013. Por meio de minha atuação em campo pude observar que os principais problemas que envolvem o cotidiano das pessoas cuja ascendência se vincula ao cacique Sepé são: doença, desemprego, escassez de alimentos, preconceito étnico, morte. Tratando-se de Bernardino García, soma-se a isso, a angústia pela conquista de um espaço de terra para deixar aos seus netos após a sua morte.

Nesse sentido, entendo que as construções identitárias, oriundas do processo vivenciado por esses indivíduos autodeclarados descendentes charrua passa necessariamente por uma releitura de suas próprias vidas. A apropriação de elementos cronologicamente distantes na história e/ou pela memória coletiva e familiar rompe, em certa medida, com os padrões identitários e de estigma forjados pela sociedade uruguaia na gênese de sua consolidação.

A configuração de elementos desconhecidos até um dado momento de suas vidas possibilita um novo entendimento sobre a sua existência. Aqui penso em Bernardino García, que não sabia que era Charrua até a década de 1970, situação que se inverteu quando do falecimento de seu pai Avelino Lino García, situação que foi analisada no Capítulo 2.

Diga-se de passagem, a partir desse evento, mais uma vez a morte se coloca enquanto uma marca da transformação da vida dessas pessoas, tratando-se de Bernardino García, primeiro o Massacre de Salsipuedes, em 1831, depois o desaparecimento de Avelino Lino García, em 1973. Em especial, a morte do seu pai chama atenção dos investigadores,

pesquisadores e jornalistas – e desperta em Bernardino García cada vez mais a curiosidade acerca da sua origem indígena.²⁵

A apresentação desses elementos, trazidos da ordem da historiografia preenche dialogicamente os espaços em branco de suas memórias coletivas e individuais, enriquecendo as narrativas e os discursos sobre o coletivo e sobre si com informações que forjam um sentido àqueles que de alguma forma se vinculam a essa dramática que perpassa a história do Uruguai desde a sua fundação no século dezenove – o Massacre de Salsipuedes e o desaparecimento dos Charrua enquanto grupo étnico.

A informação de que Avelino Lino García não falava de seus antepassados e sua origem parece resultar da violência física, psicológica e identitária sofridas nos séculos dezenove e vinte, e que tiveram como principal objetivo por parte do Estado uruguaio o extermínio físico e simbólico dos Charrua. Até então, a dinâmica da parentela de Bernardino García provinha de uma cultura do medo e do silêncio, ambos necessários naquele tempo à sobrevivência dessa família.

Como um todo, no Uruguai coloca-se a forte idéia de que as raízes nacionais são de origem européia. O aporte migratório apresentado por Óscar Padrón Favre, em *El sangre Indígena en el Uruguay*, aponta que, em larga medida, a idéia de que o Uruguai foi formado por indivíduos vindos da Europa permeia o imaginário popular, e sua recorrência acaba por normatizar uma situação irreal, resultado de uma construção ideológica cultural de grupos dominantes. Esse mesmo autor diz que esse pensamento também exerce influência à memória das famílias, que por receio ou por estratégia ocultam a origem de matriz ameríndia.²⁶

A partir da decisão tomada por Bernardino García de falar e performatizar “*el indio charrúa*” nacionalmente e internacionalmente pode-se pensar que é pelas narrativas, pela oralidade que se apresenta o processo de reconstrução da identificação étnica dos Charrua do Uruguai, moldado pela interpretação que os diferentes protagonistas realizam dos eventos passados e presentes.

Perspectiva essa capaz de externalizar que historiografia (etno-história) e memória coletiva estão em profunda relação (GALLOIS, 1993). Sua complementaridade e sua determinação é conduzida pelo contexto, pelo ambiente ao qual as pessoas estão coladas e, claro, pela dramática da vida das mesmas.

²⁵ Através de surpreendentes narrativas, as estratégias de invenção dos descendentes para adquirir visibilidade ganham espaço nacional e internacional. Inclusive, uma prova disso é meu trabalho realizado no âmbito de uma universidade brasileira.

²⁶ Dessa maneira, apela-se a fatores que reduzem a imagem do índio a um problema. Descender de europeus é uma maneira de se manter o estereótipo de “civilizado”, frente ao indígena tido como “selvagem”, neste caso, provinciano.

Para exemplificar isso, menciono brevemente a situação de Idilfanis García, mulher de cinquenta e oito anos, a mais velha das filhas de Cristóbal García Yasuiré. A mais ou menos uma década atrás, ela sofreu uma perda abrupta e inesperada: a morte precoce de sua filha de dezenove anos. Na sala da casa de Idilfanis pude sentir a presença de sua jovem quando observei a distribuição dos objetos naquele ambiente.

Jamais me esquecerei, foi notável a quantidade de fotografias e quadros distribuídos dessa amada filha pela sala, além das flores que ela mais gostava e o quadro que um dia ela pintou. Em meio a esses objetos observei a presença de artefatos indígenas. Isto é, misturados aos objetos de uma memória familiar, encontrei boleadeiras, alguns rompe-cabeça, pontas de flecha e lanças. Essa preocupação em garantir um lugar de destaque para tais objetos ao lado da memória de uma filha falecida pode evidenciar uma sensível vinculação a uma matriz ameríndia.

Retomando a discussão de Bernardino García, aos sessenta e nove anos de idade esse homem estava com câncer no pâncreas. A família acredita que a doença tenha se desenvolvido devido ao consumo de álcool em sua juventude. Menciono que em nenhum momento dos quais estive em sua companhia jamais percebi qualquer fragilidade em relação ao câncer.

Sempre muito forte e com uma vontade de viver, ele acreditava que tinha antes de morrer, cumprir a missão de deixar para a família o legado charrua. Até os últimos momentos, ele acreditava que lhe reconheceriam enquanto um Charrua e lhe concederiam terras para viver com sua família. Aliás, a tristeza com que contava sobre suas privações, as promessas feitas por autoridades locais lhe causavam uma enorme frustração e indignação.

Ele viveu boa parte de sua vida sem saber sobre sua gênese familiar. Foi com a morte de seu pai Avelino Lino García, em 1973, e a pesquisa que realizou nos livros dos investigadores e pesquisadores uruguaios que ele passou a acessar as informações sobre seu passado ameríndio. Destaca-se aqui a obra de Eduardo Acosta Y Lara, *La Guerra de los Charrúas*.

Diante desses fatos, ele deu uma guinada na história do Uruguai: ele decidiu se apresentar enquanto um “indio” em um país que se queria de origem européia (FAVRE, 1994). Frente a isso, ele procurou informações sobre a ascendência charrua junto aos seus familiares, entre seus irmãos mais velhos, mas nada foi dito sobre esse assunto. Segundo Bernardino García, ele era o único que se interessava sobre a questão indígena na família.

Com relação às terras que tanto esperou do Estado, durante minha pesquisa junto a sua parentela ele reconheceu que esse aspecto foi uma influência importante para assumir a identidade charrua. Não obstante isso, ele passou a compreender aspectos de sua vida antes

de vir morar em Tacuarembó, onde vivia na região do Rincón das Tranqueras, localidade afastada dessa cidade, onde afirma ter nascido e vivido até sua juventude.

Por diversas vezes, eu escutei de María Zully Romero García, sua esposa, a seguinte afirmação: *“roubaram nossa família, embriagaram Bernardino e o fizeram assinar os documentos da entrega das terras.”* As terras do Balneário Iporã, um espaço paradisíaco, localizado a sessenta quilômetros de Tacuarembó, foi, nas palavras de Bernardino García, *“a região demarca em 1817 pelo General Artigas para nosso povo.”*

Disse-me Bernardino García que quando ele começou a se movimentar e a reivindicar tal espaço, na década de 1980, as autoridades locais projetaram sobre as mesmas a construção de um espaço de lazer paradisíaco. O espaço denominado de “Balneario Iporã Complexo Sepé” foi construído em 1986 e tornou-se um dos pontos turísticos mais rentáveis à Intendência de Tacuarembó.

Diante disso, percebe-se que a estrutura administrativa dos governantes locais é, em larga medida, descomprometida, quando não omissa, com as demandas oriundas de um Charrua. As ações advindas desse setor corroboram uma prática que se tornou sistemática nesse país desde o século dezenove, qual seja: de não reconhecer a dívida histórica para com os descendentes charrua devido o Massacre de Salsipuedes e a instalação do Estado uruguaio. Essa decisão acentua cada vez mais o abismo social entre os que se vinculam a um projeto de ordem européia – o capitalismo – e aqueles que se ligam a uma perspectiva ameríndia, no caso, os descendentes charrua.

A partir do que encontramos em José Otávio Catafesto de Souza (1999), penso esses descendentes em uma espécie de “invisibilidade social”, resultante da afirmação da verdade oficial construída ao longo dos dois últimos séculos de manipulação e omissão da existência dos Charrua no Uruguai.

A seguir, apresentarei os últimos momentos da vida de Bernardino García.

4.2 A Morte de Bernardino García

Mencionei acima que o início dessa pesquisa com os descendentes charrua de Tacuarembó teve sua origem a partir da visita realizada á casa de Bernardino García, em julho de 2011.



VISITA À CASA DOS GARCÍA - VIAGEM ETNOGRAFICA JUNHO DE 2011

Ele e María Zully Romero García ficaram surpresos com a quantidade de pessoas que os visitavam naquela tarde de sábado – e, todos nós, surpresos em encontrá-lo com tão boa aparência.

A mim, particularmente, surpreendeu-me suas feições, o formato dos seus olhos e nariz, assim como a cor de sua pele, uma imagem que remeteu diretamente às descrições feitas pelos viajantes do século dezessete e dezoito.

O professor Óscar Padrón Favre conduziu nosso dialogo com Bernardino García e fez a ele algumas perguntas iniciais. À medida que nos sentimos à vontade passamos a conversar com ele buscando compatibilizar as diferenças lingüísticas entre o espanhol e o português. Nesse dia fomos então apresentados à realidade da família García e seu envolvimento na luta pelo reconhecimento étnico.

Em particular, Padrón Favre perguntou a Bernardino García sobre como vinha conduzindo suas reivindicações. Contou-nos, Bernardino, que existe ainda grandes barreiras a serem transpostas e que a luta dos descendentes precisa de mais aliados para alcançar seus objetivos.

Naquela tarde de 02 de julho de 2011, tivemos a oportunidade de ouvi-lo contar como soube de sua ascendência e o tipo de ação que realizava para o fortalecimento dos movimentos reivindicatórios. Falou sobre as leituras dos textos dos historiadores, dos exames de sangue realizados pela Universidade de Montevideu e de sua participação em atividades associativas, escolares e festivas, como, por exemplo, La Fiesta de la Patria Gaucha.

Bernardino García faleceu dia 19 de agosto de 2012, em sua casa no bairro Don Audemar, em Tacuarembó, aos 70 anos, junto de sua família e, segundo sua filha Sandra, em total lucidez.

María Zully Romero García relatou a experiência daqueles dias que antecederam a morte de seu esposo. Bernardino García permaneceu em Montevideu por mais de seis meses. Entre idas e vindas ao hospital, recebeu alta poucos dias antes de sua morte. Eu, ao visitar a família em dezembro de 2012, pude saber com mais detalhes o que aconteceu naqueles dias de agosto. María contou que Bernardino voltara alguns dias antes e descreveu sua rotina da seguinte maneira: *“volvió del hospital tres días antes de su muerte, pasó con dificultad para caminar, comer, sentía mucho dolor”*. Ainda nas palavras dessa mulher:

En el día de su muerte, recuerdo que despertó temprano en la mañana y todavía estaba sentado en la habitación con su caja de documentos y los organizó en silencio y permaneció allí durante horas delante del fuego, incluyendo quemaron algunas cosas que no sé lo que eran.

Bernardino García representou em sua existência a complexidade de uma questão de dimensão nacional. A sua luta pelo reconhecimento da presença atual dos Charrua e seus descendentes nos Uruguai durou praticamente quatro décadas e despertou em muitas pessoas o desejo de ser um descendente, abrindo caminhos para os movimentos e organizações da sociedade civil em torno dessa pauta. Seus movimentos possibilitaram uma maior visibilidade a esse processo. Por conta disso, ele iniciou um conflito com agentes públicos, vimos no Capítulo 1 o embate com o ex-presidente Julio María Sanguinetti, declarando ser uma continuidade daqueles que haviam sido exterminados pelo Estado.

Inicialmente sozinho em sua empreitada, ele não contou com o apoio nem de seus irmãos, que o apontaram como “tolo” por acreditar que algum dia receberia reconhecimento do Estado e da sociedade e uma projeção de futuro para seus descendentes. Em seu exército de um homem só partiu para o embate sem armas, apenas com a certeza de sua identidade. Entretanto, com quase uma década de luta Bernardino passou a ver a necessidade de aumentar suas alianças. Acredito que foi isso que ele quis me dizer em 2011: *“el problema es que en ese momento yo no estaba domesticado. Por otra parte, yo no tenía a alguien que me instruyera”*.

A princípio, lançou-se nessa luta sem saber direito o que buscava. Por meio de algumas notícias dadas pelo Estado, em meados da década de 1980, ouviu dizer que havia em Montevideo, no Instituto de Colonización, documentos que poderiam auxiliar na legitimação de suas reivindicações, garantindo aos Charrua o direito a terras.

Ao mesmo tempo em que buscava as informações sobre as terras mencionadas, Bernardino seguia seu processo da configuração de sua identidade indígena. Disse-me que não ficou surpreso com a revelação de sua descendência, apenas orgulhoso de ser descendente do importante cacique Sepé para a história uruguaia: *“no puedo explicar. Lo que sé es que siempre me sentí algo”*.

Bernardino García utilizou os meios que a própria sociedade uruguaia lhe oportunizou. A participação de desfiles e eventos o transformou em um homem reconhecido como um Charrua. Ele tinha a exata consciência que sua presença em determinados lugares emocionava algumas pessoas, mas também despertava um sentimento de raiva e decepção em outras. Com muita coragem ele assumiu essa posição. Ao perceber que não poderia vencer sua luta em confronto direto com o Estado, Bernardino passa a delinear outra estratégia: ele passou a participar das associações charrua, adequando-se a um novo modelo de luta.

Ao falecer, ele deixou para trás um grande número de pessoas que compartilham com seus ideais e não apenas seus filhos, mas todos os que estão envolvidos nessas lutas sentiram-se órfãos com a morte do ancião. Eu, particularmente, fiquei profundamente triste por não poder mostrar os resultados do meu trabalho a ele, por não ter tido mais tempo de ouvi-lo e vê-lo sempre muito convicto de suas pretensões.

A dificuldade de falar com Bernardino García merece uma breve análise. Eu mencionei antes que houve durante muito tempo uma resistência da sua própria família aos trabalhos de pesquisa, inclusive o meu, sobre os Charrua que acabavam por envolver Bernardino. María Zully Romero García e Susana, filha do casal, queixavam-se que inúmeras vezes investigadores, pesquisadores, historiadores procuraram Bernardino para responder perguntas sobre sua vida e os Charrua, enriquecendo seus trabalhos com o que ele dizia, e depois disso sequer voltavam para agradecer-lhe.

Além disso, eu escutei de Susana que, por diversas vezes, “colocavam palavras na boca” de Bernardino García. Na primeira vez que cheguei a casa deles havia uma política de proteção a Bernardino, por ele estar muito enfermo e, com isso, a preocupação em preservá-lo. Assim, cercado de mulheres que quase sempre “respondiam” por ele, foram poucas às vezes que eu consegui falar individualmente, e com certa tranquilidade, com esse homem.

Na verdade, somente uma vez que ficamos sozinhos. Foi em um dia que cheguei quase uma hora depois do combinado e María e Sandra haviam saído de casa. Então, lembro-me de encontrá-lo ao fim da tarde, sentado ao lado da sua casa, na sombrinha de uma árvore, lendo um pequeno manual de historia, que algum desses “esquecidos” historiadores mandou-lhe de presente. O mesmo continha informações sobre os Charrua e a maneira como viviam antes do Massacre de Salsipuedes, em 1831.

Orgulhoso de ter em mãos essas informações mostrou-se a mim um verdadeiro intelectual nativo. Em suas conclusões sobre o que leu naquela cartilha, disse-me que tinha muito claro em sua mente que havia um interesse em aniquilar os índios, pois eles não aceitariam viver da maneira como Fructuoso Rivera impunha. Nas palavras dele, *“hablar de Salsipuedes es hablar de injusticias en nuestro país. Muchas inmoralidades se hicieron con los indios y lo que los descendentes queremos es que nada quede oculto”*.

Em dezembro de 2012 visitei novamente essa família García. Era a primeira vez que retornava após o falecimento de Bernardino García, e assumo que não sabia em que condições eu encontraria essas pessoas. Fui recebido por María e Sandra, que já me aguardavam com o mate pronto na porta de casa. Eu abracei as duas e entramos para a sala, sentando ao lado da filha. Dona María passou a falar sobre como estava a vida sem Bernardino García. Ela lamentou a ausência de seu velho companheiro, assim como tudo o que sentiu na vida de Bernardino em sua luta étnica. A morte desse homem foi um duro impacto para a família e para os que anseiam tempos melhores para viver. Curiosamente, eu não senti sua ausência, pois imagens dele estão em todos os lugares da casa. Em especial, sobre a lareira da casa formou-se uma espécie de altar onde fotos e homenagens prestadas a esse homem foram ali colocadas.

Nessa oportunidade eu levei flores à María e outras para Bernardino García. Quem me levou ao Cementerio de Tacuarembó foi Sandra. Nós saímos por volta das cinco da tarde, tomamos um táxi em direção ao lado oposto da cidade, e chegamos ao cemitério no momento em que ocorriam cremações coletivas. O cheiro da fumaça penetrou forte em meu nariz e garganta. Por alguns minutos, nós procuramos o túmulo de Bernardino.



CASA DOS GARCÍA TACUAREMBÓ 2013

Na chegada, ao ver as fotos e as declarações deixadas a ele na sepultura bem modesta, fiquei sem reação, suspirei fundo e, logo em seguida, Sandra me abraçou. Nós duas ficamos alguns segundos em total silêncio. Depois disso, naquele momento pensei em uma série de aspectos que envolviam essa morte. Do quanto teria sido importante eu mostrar-lhe o que eu havia aprendido com ele, com a sua trajetória, afinal, que havia valido a pena todo o seu empenho nas últimas quatro décadas em prol da causa charrua. Queria que ele pudesse ler e saber o quanto ele foi importante não somente para minha pesquisa, mas para minha vida.



TUMULO DE BERNARDINO GARCÍA – TACUAREMBÓ 2012

Bernardino García mostrou-se muito guerreiro e corajoso ao assumir um embate pessoal contra o Estado. Por isso, ele pagou um preço alto: perseguições, hostilidade, humilhações e exploração. Quando conversei com María sobre a última noite desse homem com a família, ela falou-me sobre o quanto ele lastimou por ter sido usado pelas pessoas, lamentou, enfim, por acreditar em um sonho que não se realizou.

Claro, o momento individual era de dor e despedida. Mas o que fica para a sociedade e para a história é que, apesar das contradições, ele contribuiu significativamente em todo este processo étnico do Uruguai, ele abriu um canal de acesso para a revisão desse passado até então oculto. Diferente do que parece ter ocorrido com os outros irmãos, de Bernardino García assumiu a condição charrua. Por isso, ele tornou-se o símbolo de uma nação que viu em suas iniciativas a possibilidade de mudar a realidade social passada e presente dos descendentes desse povo.

Conhecido pelos moradores do bairro Don Audemar como “*índio*”, ele recebeu distintas homenagens de seus companheiros. Nos dias que seguiram a sua morte, alguns grupos e associações prestaram uma série de homenagens a Bernardino García através de rádios, jornais e solenidades públicas.

Quanto à administração local, a maneira encontrada para homenagear Bernardino García e reconhecer a sua condição indígena, o Museo del Indio y del Gaucho inaugurou pouco tempo após o sua morte uma nova sessão intitulada “El último Charrúa de Tacuarembó”. Essa divisão é composta por dois grandes quadros onde alguns recortes de jornal foram reunidos e servem para conhecer um pouco da vida desse homem.

Em um desses quadros eu encontrei uma série de reportagens e notas de jornal onde seu Bernardino García aparece acompanhado de historiadores e investigadores nos mais diversos eventos públicos. Ao lado deste, há outro quadro contendo uma imensa imagem desse homem vestido com a indumentária charrua. Essa foto foi feita em 2011, em ocasião da última participação de Bernardino em La Fiesta de la Patria Gaucha, sendo utilizada como um indício de sua condição indígena.



Entretanto nada é mencionado a cerca de sua identificação ameríndia. Ocorre aqui similar a situação que encontramos no documentário “Os Últimos Charruas”, no qual Bernardino García participa e concede entrevistas falando sobre sua condição ameríndia. A apresentação do documentário é feita dentro da perspectiva do extermínio, onde a presença de Bernardino parece não convergir com o que está sendo dito sobre os Charrua, tornando-o, por vezes, aparentemente, incoerente justamente porque não liga o passado ao presente. Mecanismos como esse podem operar na continuidade e na legitimidade de um discurso de extermínio que trabalha na manutenção da invisibilização dessas pessoas (SOUZA, 1999).

Nesse espaço do Museo del Indio encontramos ainda informações sobre a importante contribuição dada por Bernardino García, até mesmo, para o avanço dos estudos arqueológicos realizados com os restos mortais de Vaimacá Perú. Afinal, Bernardino serviu de modelo para a reconstrução do rosto do antigo, além de outras participações dele em eventos, palestras e debates sobre os Charrua.



Cacique Sepé²⁷



Avelino Lino García



Bernardino García

²⁷ Uma versão que encontramos sobre o Cacique Sepé é de que: “después de Yacaré Cururú (donde Bernabé muere por el golpe de una boleadora) Polidoro es perseguido y se repliega a Río Grande do Sul. Treinta años después Polidoro vuelve cautelosamente a Tacuarembó (campos de Gauna al Sur de San Fructuoso, se abastecía en la pulpería de Dutil y Cristi) y se hace llamar Sepé en homenaje a Sepé Tiarajú.” (GONZALO ABELLA – texto publicado no espaço de diálogo da Nación Charrua Artiguista y Originaria del Uruguay).

Sobre seu último dia, María Zully Romero García disse que Bernardino García parecia saber que morreria naquele dia. Contou que a família ficou surpresa com a maneira que ele se comportou naquela ocasião, tendo organizado uns papéis que havia guardado como um tesouro durante todos os anos de busca por sua identidade étnica e os jogou ao fogo da lareira. Ainda, segundo María:

Se despertó ese día y fue al baño solo, me dijo que no necesitaba ayuda. Después de la comida, como siempre lo hizo, reposó en la cama. No final daquela tarde, salió a la calle y puso en marcha a casa de algunos vecinos que encontró.

Parecia haver uma boa relação entre Bernardino García e seus vizinhos. Como mencionei no Capítulo 2, foi uma vizinha que mencionou a María Zully Romero García que seu sogro Avelino Lino García era índio: “*mirá, tu suegro era indígena*”. Essa relação de amizade e reconhecimento entre Bernardino e seus vizinhos de bairro pode ser mais bem compreendida se tomarmos o conteúdo expresso na nota de jornal que publicaram em sua homenagem alguns dias depois de seu falecimento.

María Zully Romero García contou que na volta para casa ele estava cansado, deitando-se na cama. Ele permaneceu deitado com a família ao seu lado, em total lucidez conversou por horas. Eles se recordaram das muitas lutas que tiveram de enfrentar ao longo de suas vidas: a dificuldade da vida no campo, a sua infância, as décadas de companheirismo entre eles, a morte de seus filhos, as acusações de ser um Tupamaro (comunista), os anos que viveu no monte caçando *carpincho* que servia para alimentar sua família. Conversaram ainda, sobre os amigos que fez ao longo de sua jornada de vida e a luta pelo reconhecimento de sua etnia charrua. Nas palavras de María:

Aquella noche lloró arrepentido por haber sido engañado por tantos por no ser capaz de salir de sus nietas un pedazo de tierra que iba a haber vivido mejor. Alrededor de las tres de la mañana se enfermó y llamó al hospital, pero cuando llegó la ambulancia ya había fallecido. Cuando se llevaron el cuerpo estaba frío, pero con la cara y la cabeza caliente como un ser vivo.

Encerro esse Capítulo, que busca justamente uma homenagem, dizendo que a vida de Bernardino García é um marco na história do Uruguai. A sua história e as decisões que esse homem tomou diante da morte de seu pai o colocam ao lado de outros grandes heróis charrua, como o cacique Sepé (que soube escapar do Massacre de Salsipuedes, que duelou e venceu o Coronel Bernabé Rivera) e o guerreiro Vaimaca Perú (que foi embarcado para a França, junto com Tacuabe, Senaqué e Guyunusa, despertando uma nova concepção sobre o outro e a humanidade, a partir do trabalho do antropólogo Paul Rivet), personagens que atravessaram essa dissertação de mestrado.

Evidente, Bernardino García, cacique Sepé e Vaimaca Perú são homens de séculos diferentes. Logo, a compreensão do primeiro acerca da situação dos Charrua no Uruguai tem as suas particularidades. A seguir, as Considerações Finais dessa dissertação de mestrado.

ANEXO DE IMAGENS

Monumento dedicado aos “Últimos Charrua” - Montevidéu - Uruguai



Casa dos García 2012



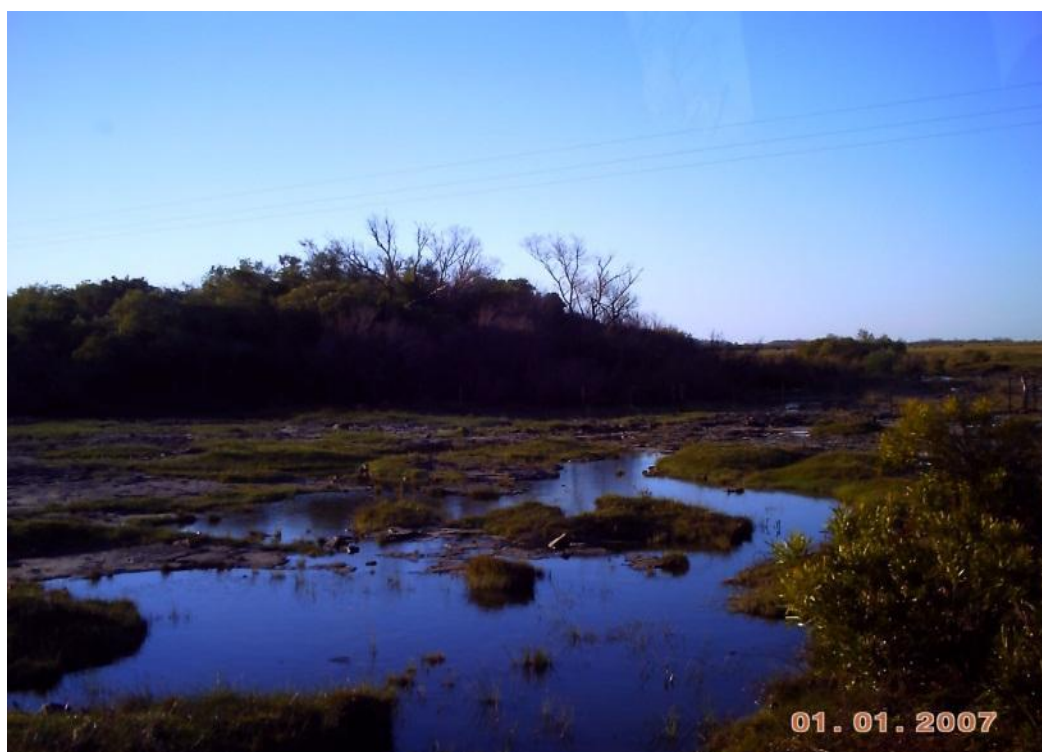
Casa dos García – Tacuarembó 2012



Casa dos García – Tacuarembó 2013



“Laguna do Silencio” – Salsipuedes Chico, Tacuarembó



Paraje Salsipuedes- junho 2011



Salsipuedes- abril de 2013



**Bernardino García sentado em baixo de uma réplica de uma tolderías- patria Gaucha
Tacuarembó – 2000**



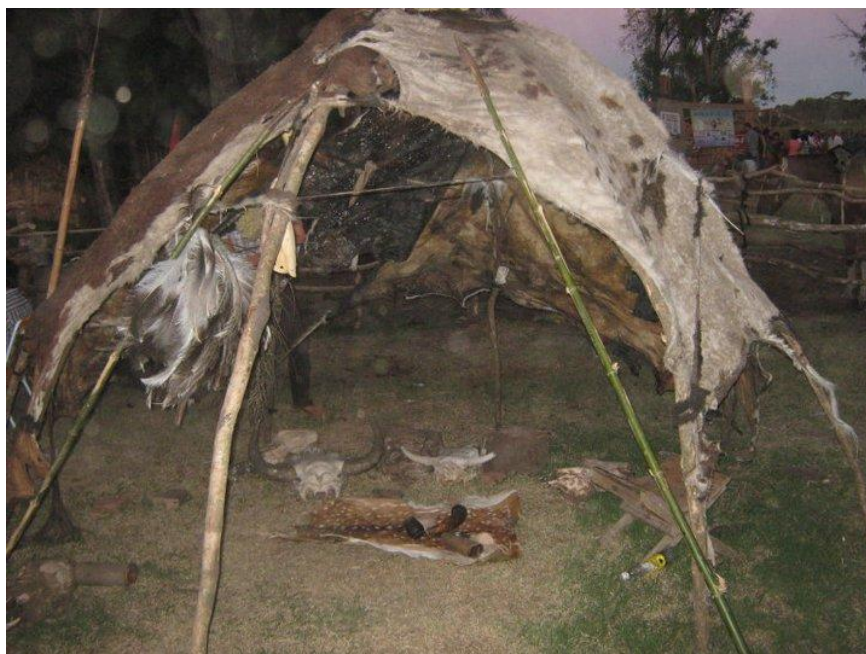
Patria Gaucha – Tacuarembó 2013



Patria Gaucha 2012



Réplicas das tolderías – Patria Gaucha 2012



Acampamento patria Gaucha 2012



Roberto Cáceres e Bernardino García na Patria Gaucha – Tacuarembó 2011



Construção das casas de barro. Patria Gaucha 2012 - Tacuarembó



Mate compartilhado entre Hermanos- Patria Gaucha 2012 – Tacuarembó



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bernardino García mobilizou uma nação inteira em torno da questão charrua, mostrando-se presente e participante sempre que possível. Pode-se dizer que, o desafio que ele lançou — ser Charrua em um país sem índios — problematizou uma nação inteira. Por meio de um processo de configuração étnica iniciado com a apropriação de elementos dos antepassados e historiográficos ele passou a explicar acontecimentos referentes à sua vida e de sua família.

Ou seja, as construções identitárias, oriundas do processo vivenciado pela parentela García e os demais descendentes, passaram por uma releitura de suas próprias vidas. A apropriação de elementos trazidos pela memória coletiva e “crônicas genealógicas” (GALLOIS, 1993), dados esses desconhecidos aos intelectuais acadêmicos que escrevem a história uruguaia. Em certa medida, esse movimento rompe com os padrões identitários forjados pelo Estado e pelos historiadores oficiais de uma sociedade uruguaia de origem européia, branca, individualista.

Na tentativa de compreensão desse fenômeno, suas relações com aspectos sociais, políticos, econômicos e históricos cria-se uma rede de significados que se formou em torno da questão indígena no Uruguai — e, em específico, no “ressurgimento” dos descendentes charrua na contemporaneidade.

Sendo assim, a etnografia realizada em Tacuarembó aponta para essa maneira de narrar histórias, a partir de um sujeito que não compartilha da construção da história “oficial”, que aponta para uma nova forma de compreender as diferentes histórias vividas pelos diferentes sujeitos que constituem a sociedade uruguaia e sua ligação com um passado comum ao dos Charrua — e, mais do que isso, com um presente também comum.

Igualmente, através desse trabalho, passo a entender que esses processos de reconhecimento da diferença envolvem disputas classificatórias, vários atores e intencionalidades dos diferentes grupos que pautam essa discussão — passando pelas associações charrua, pelos administradores públicos, pelas organizações não-governamentais e por todos os intelectuais (investigadores, historiadores, jornalistas) detentores de conhecimentos e propagadores desse saber.

Em suas distintas e múltiplas performances sociais, o descendente charrua tem ensaiado algumas modalidades de identificação étnica que resultam em uma agregação desses indivíduos em associações, conselhos departamentais, assembleias públicas, atividades escolares — que gradativamente vêm conquistando espaços

de discussão, criando pautas que incidem diretamente na formulação das políticas públicas do país.

A identidade étnica, como uma forma de representação coletiva, parece emergir da própria crise, individual ou coletiva, que a atualidade social promove. O crescimento de uma ideologia indigenista tem ampliado a visibilidade social desses descendentes charrua, na medida em que seu campo de ação e intervenção política avança por meio de outras questões, como, por exemplo, a preocupação com meio ambiente, a manifestação de uma contrariedade à instalação de empresas exploradoras de minério e petróleo (que cada vez mais se tornam comum em Tacuarembó e no Uruguai).

A definição dessas identificações identitárias, essas mediadas pelas condições do meio onde se encontram vinculadas, encontra sua força motriz na troca de experiências com outros indivíduos compartilhados na fronteira entre o eu e o outro. É dessas relações de conflito que se reformula a condição de equilíbrio que passa a ser representada pelos atores em sua dramática social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA Y LARA, Eduardo. (1985). "Salsipuedes 1831 (los Lugares)". En "Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias". Volumen I, número 4. Impreso por la División Publicaciones y Ediciones de la Universidad de la República. Montevideo.Uruguay.

ACOSTA Y LARA, Eduardo. (1989). "La Guerra de los Charrúas en la Banda Oriental". Librería Linardi y Risso. Montevideo. Uruguay. TOMOI

ACOSTA Y LARA, Eduardo. (1989). "La Guerra de los Charrúas en la Banda Oriental". Librería Linardi y Risso. Montevideo. Uruguay. TOMO II

ACOSTA Y LARA, Eduardo. Un Linaje Charrúa en Tacuarembó (A 150 años de Salsipuedes). Revista de La Facultad de Humanidades y Ciencias. Séries Ciencias Antropologicas. Voll. Nº2, 1981.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Metamorfoses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

ARRUTI, José Maurício Andion. A Emergência dos Remanescentes: Notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. Revista Mana 3(2): 7-38, 1997.

BACHELARD, Gaston. A dialética da duração. Editora Ática S.A. 1988

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. As etnogêneses: Velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. Revista Mana 12(1): 39-68, 2006.

BARTH, Fredrik. 2000. O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

BATISTA, Sérgio da Silva. Categorias sócio-cosmológico-identitárias indígenas recentes e processos de consolidação de novos sujeitos coletivos de direito: os Charrua e os Xokleng no Rio Grande do Sul. 2008

BECKER, Ítala Irene Basile. Os Índios Charrua e Minuano na Antiga Banda Oriental. UFRGS. Dissertação de Mestrado. (2002)

BOAS, Franz. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BOCCARA, Guillaume. Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo. Revista Nuevo Mundo, Mundos Nuevos. 2005

BONETTI, Alinne, FLEISCHER, Soraya. Entre Saias Justas e Jogos de Cintura. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

BOURDIEU, Pierre. 1989. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: O poder simbólico. BERTRAND

BRASIL/DIFEL, Lisboa. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Diário de Campo. A Antropologia como Alegoria. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DAMATTA, Roberto. Trabalho de Campo. In: Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1984 (4ª. Edição), pp. 143-173.

DOMENECH, Gervásio: “Pampas y otros indios em la Banda Oriental”. Revista Sociedad Amigos de la Arqueología. Montevideo. Tomo IX. 1938-39. El siglo Ilustrado.1944, 25pgs.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica da cultura: ensaios da antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURKHEIM, Émile, MAUSS, Marcel. Algumas Formas Primitivas de Classificação. In: Durkheim. São Paulo: Editora Ática, 1978, p. 184-203.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Mairi Revisitada: A reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi. Núcleo de Historia Indígena e do Indigenismo na Universidade de São Paulo, 1994.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Gêneses Waiãpi, entre diversos e diferentes. Rev. Antropol. vol.50 no. 1 São Paulo Jan./June 2007

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 03-40.

GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GOMEZ, A: “Falleció anciano que decía ser nieto del Cacique Sepé”, “Más opiniones sobre el cacique Sepé” artículo publicado em “El Día” Montevideo 31 agosto, 6 setiembre 1973.

GONZÁLES, Ramón P. “Tacuarembó”, Montevideo 1939, 319 pg.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HARTMMAN, Luciana. Donos da palavra: Autoria performance e experiência em narrativas orais na América Latina. As narrativas Pessoais e a Constituição dos Contadores de Causos como sujeitos. P.95-127

- HUGARTE, Renzo PI. 1998. Los indios del Uruguay. Ediciones de la Banda Oriental. Montevideo.
- HUGARTE, Renzo PI. Sobre el Charruísmo. La antropología en el sarao de las pseudociencias.1991
- HOUT, Annie. 2002 Un cacique charrúa en París. Ed. Costa Atlántica, Montevideo.
- KUPER, Adam. Cultura: a visão dos antropólogos. Bauru (SP): Edusc, 2002.
- KLAUS, Hilbert. Charruas e Minuanos entre rupturas e continuidades. In: KERN, Arno Alvarez, SANTOS, Maria Cristina dos, GOLIN, Tau (Org.). Povos Indígenas. Passo Fundo: Méritos, 2009. P.179-206
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 5ª edição. RJ, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Mito e Significado. Lisboa: Edições 70, 1978.
- LÓPEZ MAZZ, José M. & BRACCO, Diego. Minuanos: Apuntes y notas para la pré- historia y arqueología del territorio Guenoa- Minuan. (Indígenas de Uruguay, Argentina y Brasil). Linardi y Risso. Montevideo.
- LÓPEZ MAZZ, José M. Arqueología del Paisaje: la construcción de cerritos en Uruguay.2005
- MARUCA, Rodolfo Sosa. La Nación Charrúa. Ed. Letras. Montevideo
- MOREIRA, Carlos: Luchas contra hegemónica y cambios políticos recientes de América Latina. Problematisando la historia de Uruguay: un análisis de las relaciones entre el Estado, la política y sus protagonistas
- MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Malinowski (Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, Etnia e Estrutura Social, São Paulo, 1976.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Caminhos da Etnicidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. Editora UNESP, São Paulo. 2006.

- OLIVEIRA, João Pacheco. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação Colonial, territorialização e fluxos culturais. 1998.
- PADRÓN, Óscar Favre. (1997). “Salsipuedes: Conclusión del Conflicto Interétnico Charrúa-Guaraní”. En “Cuadernos de Estudios Históricos y Sociales”. Trabajo presentado en el IX Congreso Nacional de Arqueología Uruguaya. Imprenta- Editorial Medios. Durazno. Uruguay.
- PADRÓN, Óscar Favre. “Los Charrúas-Minuanos em su etapa final”. Editora TierrAdentro, 2004.
- PADRÓN, Óscar Favre. Sangre indígena en el Uruguay. (1986)
- PADRÓN, Oscar Favre. —Los Charrúas-Minuanes em su etapa final . In: Los Charrúas-Minuanes em su Etapa Final. Durazno: Uruguay: Tierra Dentro, 2004.
- PALMA, Daniel: “Son estes los últimos Charrúas” Sup. Dom. “El País”. Montevideo. seis nov. 1983
- PERRONE-MOISÉS Beatriz & SZTUTMAN, Renato: Noticias de certa Confederação Tamoio. Revista Mana 16(2): 401-433,2010.
- PORLEY, Rodolfo. (1997). “El Laberinto de Salsipuedes”. Suplemento de Diario La República. Montevideo. Uruguay.
- RICOUER, Paul. Tempo e Narrativa. TOMO I. CAMPINAS, SP. Editora Papyrus, 1994
- REVISTA DE LA ATCTUALIDAD. ANO 3. Montevideo viernes, 20 de marzo de 1998
- REVISTA, Trigo - Abril. “caudillo, Estado; Nación, Literatura, Historia e ideología en el Uruguay” Ed. Hispamérica Gaithersburg, 1990.
- ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- RODRIGUEZ, José Basini. La Cuestión indígena en el Uruguay: Subjetividades, facciones, fisiones y reversibilidades. PPGAS-UFRGS, 2002.
- RONA, José Pedro: “Nuevos elementos acerca de la lengua Charrúa” Montevideo. Universidad Republica Facultad. Humanidades y Ciencia. 1964, 28pgs.
- ROSA, Rogério Reus Gonçalves da e Rojane Brum Nunes: Descendência Charrua na Pampa Ameríndia: memória coletiva e pertencimento étnico, 2012.
- SANTOS Rafael José dos. Antropologia para quem não vai ser antropólogo. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANS, Mónica. Estudio de los restos del cacique Vaimacá Perú. Universidad de la República. Facultad de la Humanidad e Ciencias de la Educación (2002).

SILVA, Sérgio Baptista da. Categorias sócio-cosmológico-identitárias indígenas recentes e processos de consolidação de novos sujeitos coletivos de direito: os Charrua e os Xokleng no Rio Grande do Sul.

SEGALEN, Martine. Ritos e Rituais Contemporâneos. Editora FGV, 2002

SOSA, Rodolfo Maruca. “La Nación Charrúa”. Editorial “Letras”. Montevideo. 1957

SORDI, Gabriel. EL PROTECTOR Y SU PUEBLO LIBRE: A representação do caudilho José Artigas no centenário de sua morte (1950). UNICAMP, 2009.

SOUZA, José Otávio Catafesto. AOS “FANTASMAS DAS BRENHAS”: Etnografia, invisibilidade e etnicidade de alteridades originárias no sul do Brasil (Rio Grande do Sul). PoA 1998. (Cap.6 Invisibilidade e Etnicidade. Pg. 147-177).

TURNER. Víctor. O processo ritual; Estrutura e Antiestrutura. Editora vozes, 1974

VALLEJA, Pablo Valdéz: “Los últimos Charrúas” Edición extraordinaria de “El Pueblo” Tacuarembó, Marzo de 1941

VIDART, Daniel. (1996). “El Mundo de los Charrúas”. Ediciones de la Banda Oriental. Montevideo. Uruguay.

VIDART, Daniel. (2011). No hay indios en el Uruguay contemporáneo.

VELHO Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma Selvagem — e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosacnaify, 2002.

WAGNER, Roy. A Invenção da cultura. Ed. Cosacnaify. 2010

YAFFE, Jaime: La modernización en el Uruguay: política y economía, 1876-1933”. En HEINZ, Flavio M. & HERRLEIN JR, Ronaldo (organizadores) Histórias Regionais do Cone Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. Págs. 323-340.